



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

AYRTON HASCEMBERG MARINHO PIRES

“MELHOR DO QUE A SUBIDA, SÓ MESMO ASSISTIR À QUEDA”:
AS DINÂMICAS DE RUPTURAS EM COMUNIDADES DE SENTIDO
ATRAVÉS DA CULTURA DO CANCELAMENTO

RECIFE

2023

AYRTON HASCEMBERG MARINHO PIRES

“MELHOR DO QUE A SUBIDA, SÓ MESMO ASSISTIR À QUEDA”:
AS DINÂMICAS DE RUPTURAS EM COMUNIDADES DE SENTIDO
ATRAVÉS DA CULTURA DO CANCELAMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Ciências Sociais Aplicadas.

Orientadora: Prof. Dra. Izabela Domingues da Silva

RECIFE

2023

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Hascemberg, Ayrton.

"Melhor do que a subida, só mesmo assistir à queda": as dinâmicas de rupturas em comunidades de sentido através da cultura do cancelamento / Pires, Ayrton Hascemberg Marinho. - Recife, 2023.

127f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2023.

Orientação: Izabela Domingues da Silva.

Inclui referências.

1. Comunidades de sentido; 2. Cultura do cancelamento; 3. Sites de redes sociais. I. Silva, Izabela Domingues da. II. Título.

AYRTON HASCEMBERG MARINHO PIRES

TÍTULO DO TRABALHO: “MELHOR DO QUE A SUBIDA, SÓ MESMO ASSISTIR À QUEDA: AS DINÂMICAS DE RUPTURAS EM COMUNIDADES DE SENTIDO ATRAVÉS DA CULTURA DO CANCELAMENTO”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em: 31.08.2023

BANCA EXAMINADORA:

PARTICIPAÇÃO VIA VIDEOCONFERÊNCIA
PROFA. IZABELA DOMINGUES DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PARTICIPAÇÃO VIA VIDEOCONFERÊNCIA
PROF. ROGÉRIO LUIZ COVALESKI
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PARTICIPAÇÃO VIA VIDEOCONFERÊNCIA
PROFA. ISSAAF SANTOS KARHAWI
UNIVERSIDADE PAULISTA

Para minha família.

AGRADECIMENTOS

À Pesquisa, por me resgatar para o lugar onde por vezes duvidei que pertencesse.

À minha família, que colocou minha educação a frente de tudo. Por desafiar as probabilidades. Por investir em mim e em meus irmãos sem esperar nada em troca. Por todo o amor, que eu até duvido às vezes se mereço.

Ao FNE, por me ajudar a reconhecer as minhas conquistas, por vibrar junto a cada pequeno passo, pelos dias e noites de encontro que sempre me energizam para continuar.

À Izabela Domingues, pela orientação, colaboração e compreensão durante os últimos anos, por acreditar na pesquisa e me levar ao mundo da sala de aula.

À Klenny Alves, por caminhar comigo nesses dois últimos anos e meio. Ainda que distantes fisicamente, encontramos um no outro o apoio que precisávamos. Ela foi essencial nessa jornada e o caminho não teria sido tão especial se sem ela comigo.

À Fabiana Moraes e Diego Gouveia, pelo incentivo e orientação lá em 2019, quando esse mestrado era só uma ideia.

À Luciana Moura, pela compreensão, por acreditar que minha formação potencializaria meu trabalho e contribuir para que eu conseguisse conciliar os dois universos.

À Issaaf Karhawi e Rogério Covaleski por aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa e pela contribuição imensurável à pesquisa.

À Universidade Federal de Pernambuco, lugar que sempre me fez tão feliz.

A mim, por persistir.

*“Respeitável público
Um show tão maluco, essa noite, vai acontecer aqui
A gente vai armar um circo, um drama com perigo
E nessa corda bamba, quem vai caminhar sou eu*

*E venha ver os deslizes que vou cometer
E venha ver os amigos que eu vou perder
Não tô cobrando entrada, vem ver o show na faixa
Hoje tem open bar pra ver minha desgraça*

*Extra, extra! Não fique de fora dessa
Garanta seu ingresso pra me ver fazendo merda
Extra, extra! Logo logo o show começa
Melhor do que a subida só mesmo assistir à queda”*

Glória Groove – A Queda

RESUMO

A cultura do cancelamento ganhou força no princípio da terceira década do século XXI, principalmente nos *sites* de redes sociais, como o Instagram. Esta pesquisa tem como objetivo investigar esse fenômeno e sua relação com as comunidades de vida e de sentido, a partir dos conceitos propostos por Berger e Luckmann (2004). Também observamos essa manifestação a partir dos estudos de Recuero (2009) sobre redes sociais na internet e Bourdieu (1986,1998, 2004) com a teoria dos capitais. Domingues e Miranda (2018) possibilitam estabelecer um paralelo entre a cultura do cancelamento e o consumo de ativismo e identificar fatores que potencializam e estabelecem essa cultura como uma possível determinante de participação e ruptura em comunidades de sentido. Com abordagem qualitativa, entendemos a função do discurso como elemento de formação de regras de sentido dentro dessas comunidades. O corpus de pesquisa contou com três casos de cancelamento com ampla repercussão em rede, a partir dos quais foi possível analisar como as disputas discursivas presentes na cultura do cancelamento podem determinar rupturas em comunidades de sentido.

Palavras-chave: Comunidades de Sentido; Cultura do Cancelamento; Sites de Redes Sociais; *Twitter*; *Instagram*.

ABSTRACT

Cancel culture got stronger during the early years of the third decade of the 21st century, specially on social media, like Twitter and Instagram. This academic research aims to investigate the phenomenon and its relation to a community of life and of sense, from the proposed concepts by Berger and Luckmann (2004). There is also a demonstration based on Recuero (2009) studies about social media on internet and Bourdieu's (1986,1998,2004) capital theory. Domingues and Miranda (2018) allows to establishing a parallel between cancel culture and consumption of activism and identify factores that potentiates and set this culture as a possibly decisive fator of participation and rupture in communities of sense. With qualitative approach, it's possible understand which are the function of discourse as a element of training of rules of meaning inside of these communities. The corpus search used three cases of cancellation with wide repercussion on the web, from with was possible to analyze how the discursive disputes prevailing in the cancel culture could set disruption on the communities of sense.

Keywords: Sense Communities; Cancel Culture; Social Media; Twitter; Instagram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Britney Spears e o assédio por <i>paparazzis</i>	24
Figura 02	<i>Tweet</i> que deu início ao movimento <i>#MeToo</i>	26
Figura 03	Postagem do blog Garotas Estúpidas	48
Figura 04	Denúncia de <i>tweets</i> racistas de concorrente de reality	57
Figura 05	Mark Zuckerberg em apoio à causa LGBTQIA+	65
Figura 06	Infográfico da Cultura do Cancelamento	71
Figura 07	Perfis que compõem a Banca Digital da <i>Mynd8</i>	73
Figura 08	Karol Conká	81
Figura 09	Monark durante	82
Figura 10	Thamys Mayra	82
Figura 11	Globo é acusada de humilhação e tortura	85
Figura 12	Postagem da atriz Tata Werneck sobre o anúncio de Karol	86
Figura 13	Postagem da cantora Iza sobre o anúncio de Karol	87
Figura 14	Postagem de usuário no <i>Twitter</i>	88
Figura 15	Matéria do Estadão compartilhada no Instagram	89
Figura 16	Postagem de Neymar sobre Karol Conká	89
Figura 17	<i>Tweet</i> do colunista Hugo Gloss	91
Figura 18	Postagem da Skol durante o cancelamento de Karol Conká	92
Figura 19	Anúncio do documentário de Karol Conká	93
Figura 20	Gráfico de seguidores de Karol Conká	94
Figura 21	<i>Tweet</i> da influenciadora Sofia Espanha	95
Figura 22	Denúncia das marcas por Caíto Mainier	96
Figura 23	<i>Tweet</i> da Puma Brasil	98
Figura 24	<i>Tweet</i> da marca de chocolate BIS	98
Figura 25	Pronunciamento do Flow Podcast	99
Figura 26	<i>Tweet</i> do vereador pernambucano Vinícius Castello	99
Figura 27	<i>Tweet</i> do ex-presidente Jair Bolsonaro	100
Figura 28	Segundo <i>tweet</i> do ex-presidente	101
Figura 29	<i>Tweet</i> de Monark em apoio aos manifestantes	102
Figura 30	<i>Tweet</i> de Monark sobre suspensão do canal no <i>Youtube</i>	103

Figura 31	Clínica Thamys Mayra	104
Figura 32	Perfil da Clínica Thamys Mayra no <i>Instagram</i>	104
Figura 33	Bolsonaro diz que “pintou um clima” com uma menor	109
Figura 34	Cenário eleitoral no segundo turno em São Caetano/PE	110
Figuras 35	Extrato de dívidas da empresa “São Caitano Gás”	111
Figura 36	Nota sobre o vazamento do vídeo	111
Figura 37	Postagem institucional no perfil da Clínica Thamys Mayra	112
Figura 38	Postagem da empresária Rayana Mayara	113
Figura 39 e 40	Organização do cancelamento no grupo do <i>WhatsApp</i>	114
Figura 41	Comentários em postagens da Clínica Thamys Mayra	115
Figura 42	Filho de Karol Conká sofre ataques racistas	121
Figura 43	Cena do videoclipe de Dilúvio	122
Figura 44	Perfil de Monark suspenso no <i>Twitter</i>	123
Figura 45	Perfil profissional de Thamys no <i>Instagram</i>	124

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2.	CULTURA DO CANCELAMENTO: DISCUTINDO PERSPECTIVAS	19
2.1	<i>Call out culture</i> e #MeToo: o início	21
2.2	Apocalípticos à cultura do cancelamento	28
2.3	Integrados à cultura do cancelamento	34
3	COMUNIDADES DE VIDA E SENTIDO	39
3.1	Comunidades de vida: as primeiras percepções do ser	41
3.2	Comunidades de sentido: valores que se conectam	44
3.3	Comunidades de sentido na internet	47
3.4	Noções sobre o discurso a partir da obra de Michel Foucault	54
4	CULTURA DO CANCELAMENTO E CONSUMO DE ATIVISMO	59
4.1	Os múltiplos capitais de Pierre Bourdieu na Gestão da Influência	59
4.2	Consumo Simbólico e Consumo de Ativismo	63
4.3	O cancelamento na prática	67
4.4	A cultura do cancelamento como consequência da Influência Digital	69
5	ANÁLISE DO DISCURSO DOS CANCELAMENTOS VIRTUAIS	75
5.1	Construção dos objetos discursivos	79
5.2	Karol Conká	83
5.3	Monark	94
5.4	Thamys Mayra	103
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	126

1. INTRODUÇÃO

Cancelar: o que significa essa palavra na contemporaneidade? Para o dicionário da língua portuguesa, trata-se do verbo transitivo direto que possui como definição: "interromper algo já combinado, programado ou contratado; suspender, anular: cancelar a assinatura do jornal" (DICIO, 2023, p. 01). Todavia, essa definição já não contempla sozinha todos os significados que o verbo adquiriu ao passar dos anos. Pessoas, instituições, marcas, todos podem ser cancelados no contexto das relações construídas no ambiente digital. Nessa perspectiva, cancelar passou a significar banir, rejeitar, rechaçar ou abandonar algo ou, prioritariamente, alguém.

Para Foucault (2004), os discursos possuem significados que variam de acordo o tempo e espaço em que são emitidos. Logo, cancelar, no contexto anterior à sociedade da informação, isto é, a sociedade característica da participação de tecnologias de comunicação e informação no cotidiano dos indivíduos, possui um significado diferente no imaginário social do que se é entendido agora.

Uma rápida pesquisa em *sites* de busca é suficiente para encontrar títulos de matérias como "Famosos 'cancelados' em 2021: relembre personalidades que sofreram boicotes", como estampa um dos principais sites de comunicação do Brasil, O Globo¹. As aspas simples na matéria, ao abordar o termo, reforçam como o verbo "cancelar" tornou-se multifacetado ao longo dos últimos anos, recebendo não apenas novos significados, mas estampando uma nova prática social, que se estabelece no cotidiano humano.

No ano de 2019, o dicionário de língua inglesa australiana Macquarie² elegeu o termo "*cancel culture*", cultura do cancelamento em português, como a palavra do ano de 2019. Além disso, é possível encontrar produtos³ como linhas de roupas, campanhas publicitárias⁴ e conteúdos diversos relacionados ao tema. Nascida e

¹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/famosos-cancelados-em-2021-relembre-personalidades-que-sofreram-boicotes-1-25334303>>. Acesso em 10/12/2022.

² Disponível em: <<https://www.macquariedictionary.com.au/resources/view/word/of/the/year/2019>>. Acesso em: 10/12/2022.

³ Disponível em: <<https://extra.globo.com/mulher/moda/gizelly-bicalho-do-bbb20-lanca-linha-de-roupas-com-bordoes-do-reality-pecas-esgotam-em-duas-horas-24450673.html>>. Acesso em 10/12.2022.

⁴ Disponível em: <<https://gkpb.com.br/62040/projota-hoteis-com/>>. Acesso em 10/12.2022.

potencializada na internet, a cultura do cancelamento tornou-se parte do cotidiano e do mercado, permeando diversas áreas sociais.

Mas do que se trata, afinal, este fenômeno? O que acontece com uma pessoa cancelada? Quem tem o poder de cancelar alguém? Buscamos responder esses questionamentos ao longo desta pesquisa, que visa a compreender cientificamente o fenômeno do cancelamento virtual, que já se configura, socialmente, como uma cultura do cancelamento. E por que se configura como uma cultura? Para responder a essa pergunta, vamos adotar o conceito proposto por Botelho (2001, p.2), que define a cultura a partir da noção de coletividade: “através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas”.

Entende-se, dessa forma, que um único episódio de cancelamento não seria o suficiente para caracterizar uma cultura do fenômeno, independente das suas consequências. O cancelamento se estabelece como uma cultura pela recorrência de episódios acontecidos em sociedade. Para Foucault (2004), quando um discurso se repete de forma regular ao longo do tempo em uma determinada sociedade, dentro de uma formação discursiva que é reproduzida por diversos sujeitos ao longo do tempo, este configura-se como um regime de verdade. Entende-se assim, que com a frequência de episódios de cancelamento de diversos sujeitos sociais, o fenômeno se estabeleceu como uma cultura por fazer parte da rotina social, principalmente na internet.

A internet é a grande ferramenta potencializadora do cancelamento, mas como veremos ao longo da pesquisa, a matéria-prima destes episódios não surge, necessariamente, no ambiente digital. Atitudes errôneas, incoerências entre discursos e ações, falas controversas, dentre diversos outros fatores, que podem levar um indivíduo ao cancelamento, acontecem em todas as sociedades e não são próprios do momento atual. Todavia, o determinante no cenário atual é a reação social exponencial diante dessas ações.

Os *sites* de redes sociais surgem, então, neste contexto, como uma ferramenta potencializadora da cultura de cancelamento. Recuero (2009) enfatiza sobre a atenção que os usuários devem ter com todo o conteúdo que é

compartilhado nesses espaços, pois os mesmos deixam rastros digitais, facilmente acionados em momentos de crise. Esses “vestígios” podem ser resgatados *online* para serem inseridos em uma batalha discursiva, que pode alavancar ou destruir a reputação de um indivíduo, marca ou instituição em função da cultura do cancelamento.

Diferente das mídias tradicionais, como TV e rádio, nas quais a massa se configura como receptora de informações, nos *sites* de redes sociais todos os usuários podem emitir enunciados e discursos que, quando relacionados com as falas e os discursos de outros usuários, podem ser potencializados em questões de visibilidade (RECUERO, 2009). Todos esses discursos, como afirma Foucault (2004), carregam vivências e reflexos das experiências individuais e também em sociedade de cada sujeito social, formando um espaço de disputas discursivas heterogêneo.

Logo, identificar uma conceituação sobre a cultura do cancelamento é compreender que o fenômeno envolve um conjunto social plural, em que discursos com diferentes cargas ideológicas entram em um campo de batalha para determinar se o sujeito protagonista está ou não cancelado. Nessa cultura, são questionadas as noções de pertencimento a um grupo social; as noções de influência dentro de comunidades são determinantes; as posições de poder levam como contrapartida um maior risco ao cancelamento e os indivíduos comuns compreendem que, através das tecnologias digitais em suas mãos, como, por exemplo, os *smartphones*, eles possuem poderes.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender se existem e quais são as etapas do cancelamento, entendendo quais as regularidades que compõem o fenômeno, como ele se estabelece em comunidades de sentido maiores: a nível nacional, como no caso da cantora Karol Conká e do influenciador Monark, e em comunidades menores, como no caso da fisioterapeuta Thamys Mayra, da cidade de São Caetano, próxima a Caruaru, no interior de Pernambuco. Busca-se entender como os discursos presentes no cancelamento se constroem face às identidades sociais dos sujeitos cancelados.

Em relação à divisão dos capítulos do estudo, temos:

No primeiro capítulo, será apresentado grande contexto em que o problema de pesquisa se insere, configurando, assim, a introdução à problematização da pesquisa;

No segundo capítulo, serão abordadas as possíveis origens da cultura do cancelamento, como a prática da “*call out culture*” e o movimento “*#MeToo*”, ambos originados nos *sites* de redes sociais, como *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, mas que acarretaram consequências em toda a sociedade. Além disso, foi realizada uma análise livremente inspirada nos conceitos de Apocalípticos e Integrados de Umberto Eco (1987), identificando sujeitos que se colocam de maneira crítica ou de forma engajada na cultura do cancelamento;

Já terceiro capítulo, foram abordados na pesquisa os conceitos de comunidades de vida e comunidades de sentido, partindo de Berger e Luckmann (2004), a fim de compreender as dinâmicas sociais que compõem o cenário em que a cultura do cancelamento se manifesta. Foram analisadas as relações entre os sujeitos nessas comunidades, as dinâmicas de influência e vigilância e as noções de discurso, baseados em Michel Foucault (1984), os quais compõem as formações discursivas de cada uma destas comunidades;

No quarto capítulo, a cultura do cancelamento volta a ser analisada, porém a partir de uma abordagem ligada ao Consumo de Ativismo, de acordo com Domingues e Miranda (2022). Os conceitos dos capitais propostos por Pierre Bourdieu (1986) também são acionados neste capítulo para a compreensão do fenômeno, pois a gestão dos capitais econômico, social, cultural e simbólico se mostra determinante no decorrer do cancelamento. Além de serem acionados, eles podem agir como ferramentas potencializadoras ou minimizadoras do fenômeno.

Entende-se, ainda no capítulo 4, como o consumo de ativismo impacta o comportamento do consumidor, que nesse contexto, tem o consumo simbólico como determinante no ato do cancelamento. Também se compreende, mercadologicamente, os números que compõem essa cultura em estudos prévios de agências de comunicação, visualizando como o cancelamento funciona na prática.

Já no capítulo final, apresentamos a metodologia de abordagem qualitativa, que faz uso das técnicas de pesquisa bibliográfica e pesquisa na internet, com

inspiração netnográfica. Como técnica de análise, utilizamos a Análise de Discurso de linha francesa a partir de Foucault (2004) e Orlandi (2015). *Sites* de redes sociais como o *Twitter* e o *Instagram* foram monitorados em tempo real aos episódios de cancelamento que compõem o *corpus* de pesquisa para identificar os principais discursos que construíram as narrativas. Além disso, a inserção em grupos de *WhatsApp* foi essencial para identificar, numa sociedade menor, como os indivíduos se organizam na prática. Também é no capítulo final que se vislumbra, de forma geral, o pós-cancelamento dos casos escolhidos.

2. CULTURA DO CANCELAMENTO: DISCUTINDO PERSPECTIVAS

Por se tratar de um fenômeno relativamente recente, quando comparado a outras áreas do conhecimento que possuem bases científicas bem estabelecidas, conceituar a cultura do cancelamento significa enfrentar um cenário de diferentes perspectivas: autores de diversas áreas possuem argumentos que abordam diferentes olhares a depender de suas áreas. Todavia, a gênese dessa cultura encontra-se em comunhão entre a maioria dos autores, tratando-se de movimentos originários na internet nos últimos anos que envolvem conceitos de vigilância, ativismo, discursos e contradiscursos, reputação de marca, influências digitais e observação de atores na internet.

Para abordar a cultura do cancelamento nesta pesquisa, será considerada a relação feita por Tucker (2018) acerca dos conceitos de vigilância e da *call out culture*, que pode ser trazida para o português como a cultura de chamar a atenção. Trata-se de um movimento que precede a cultura do cancelamento e ganhou força nas redes sociais digitais. A autora estabelece uma relação inversa entre o Panóptico de Bentham, teorizado por Foucault (1987) e esse novo momento social, onde os conceitos de observação e vigilância tornam-se invertidos.

Para Foucault (1987, p.201), a vigilância se determina como “engrenagem específica do poder disciplinar” em sociedades disciplinares. Nessas sociedades, a disciplina é utilizada para “ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina” (p.119). O autor chama de “corpos dóceis” os indivíduos que atendem sem resistência aos regimes disciplinares.

Foucault (1987) teoriza sobre o Panóptico de Bentham como um dos principais instrumentos de controle em sociedades disciplinares. Trata-se de uma obra arquitetônica formado por uma torre central, onde se localizam os “vigilantes”, que é rodeada por celas em formato de anel, que abrigam os corpos detidos e se estabelece da seguinte forma:

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do

anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (FOUCAULT, 1987, p. 165).

Domingues traz a realidade do panóptico para um contexto da comunicação. A autora estabelece uma síntese objetiva que auxilia na compreensão da realidade dos detentos: “cada um é visto, mas não vê. É objeto de uma informação: nunca sujeito ativo e participante da comunicação. A garantia da ordem está na divisão das celas, bem separadas, e da invisibilidade lateral, entre uma cela e outra” (2015, p. 50).

A chave para a compreensão da cultura do cancelamento, aliada aos conceitos trazidos até aqui, é a inversão. Tucker (2018) estabelece a relação entre o Panóptico de Bentham e essa nova fase social, onde a cultura de chamar atenção do outro, ou de cancelar um indivíduo, como inversamente proporcionais. Diferente do panóptico, onde poucos vigiam os muitos, nesse novo cenário, os muitos vigiam os poucos.

Tucker (2018) também reflete sobre as relações de poder nesse modelo opoente ao panóptico, marcados pelos processos de visibilidade. Os atores sociais vigilantes podem definir quem ocupa esses lugares de privilégio e suas reputações. É possível dizer quem é bom, mau, e direcionar as atenções para determinados indivíduos em momentos de crise.

Em uma realidade onde os processos de influência, principalmente digitais, profissionalizam-se e tornam-se objetos de desejo e perspectivas de carreira para os indivíduos (KARHAWI, 2018), o espaço de “ser vigiado” na lógica inversa do panóptico, não são constituídos apenas pelos processos de vigilância e punição, mas também pelos privilégios que a visibilidade e atenção da massa proporciona na sociedade atual.

Para somar ao raciocínio sobre o cenário social que a cultura do cancelamento surge, também é necessário atentar-se à participação algorítmica entre essas relações de poder. Por tratar-se de relações estabelecidas principalmente em redes sociais digitais, deve-se considerar as intervenções

algorítmicas atuantes nas plataformas digitais onde os usuários estabelecem suas convivências.

No cibercapitalismo, a vida cotidiana é perspassada pelos algoritmos e eles são fundamentais para a análise de cenários e tomada de decisões. Um algoritmo é uma lista finita de instruções que se aplicam a um *input* durante um número finito de estados para obter um *output*, permitindo realizar cálculos e processar dados de modo automático. A expressão algoritmo deriva do nome do matemático persa *al-Khalkhwarizm*, que viveu no século IX e fazia menção a um conjunto de regras para desenvolver operações matemáticas com números árabes. Este termo evoluiu para definir um conjunto de regras para executar uma função. (DOMINGUES, 2015, p. 207).

Domingues (2015) acentua que os algoritmos possuem o poder de interagir com a infinidade de outros algoritmos presentes na web, tornando-se uma estrutura complexa e em constante transformação. Os algoritmos não estão mais presentes apenas nos computadores, mas em todos os espaços que utilizam da internet para funcionamento, desde dispositivos pessoais como smartphones até grandes centros de informações. Para a autora, além das questões técnicas, compreender as mudanças sociais e políticas provocadas pelos algoritmos são essenciais para compreender as relações humanas.

Sendo assim, entende-se que alguns pilares são fundamentais para formação de uma base científica acerca da cultura do cancelamento: o entendimento dos conceitos de vigilância, as relações de poder entre os usuários nas redes sociais digitais, os processos de influência digital e as dinâmicas de pertencimento de espaços de visibilidade.

2.1 Call out culture e #MeToo: o início

Apesar das divergências sobre a cultura do cancelamento, diversos autores concordam em relação às suas origens: a *call out culture* e o movimento *#MeToo*. Para Karhawi (2021), esses dois movimentos são marcos decisivos sobre o comportamento dos usuários nas redes sociais digitais e devem ser analisados quando o contexto da cultura do cancelamento precisa ser debatido.

A locução verbal inglesa, *call out*, pode significar chamar a atenção de alguém, desafiar alguém ou gritar. Mas mesmo esse movimento é sucessor de uma mudança importante que vislumbramos: a reordenação dos espaços de emissão da mídia. O digital permitiu a entrada de sujeitos, até então anônimos, no polo de produção. O discurso hegemônico, portanto, passa a ser questionado, substituído, atravessado, colocado em tensão frente às pautas de grupos minoritários (KARHAWI, 2021, p. 02)

Através do dossiê da Revista Cult sobre a cultura do cancelamento, lançado em 2020, Teixeira (2020) relata que a *call out culture* possui importante participação no que hoje se conhece como o cancelamento virtual. De acordo com o autor, no ano de 2013, diversas denúncias foram recebidas por Greg Lukianoff, que presidia na época uma organização dedicada à defesa da liberdade de expressão nas universidades dos Estados Unidos. As solicitações de remoção de bibliografias consideradas ofensivas pelos alunos se tornaram notórias e se expandiram para ações *on-line* e *off-line* quando determinados membros das universidades não seguiam com o que era proposto:

Alguns tinham a participação em eventos cancelada à força de protestos e abaixo-assinados; outros eram impedidos de falar nos campi universitários por conta de manifestações ruidosas e por vezes violentas. Amplificada e diluída pelas redes sociais, essa mentalidade ultrapassou os muros universitários e recentemente se transformou em um perverso fenômeno pop: a cancel culture – cultura do cancelamento.

Teixeira (2020) reflete que nesta época, ainda não se falava sobre a cultura do cancelamento, mas, sim, sobre *call out culture*, que para o autor são, basicamente, sinônimos. O autor cita a criação da obra criada por Greg Lukianoff e Jonathan Haidt, através das recepções dessas denúncias: “*The Coddling of the American Mind*” ou “O *mimo*⁵ da mente Americana” em português, onde essa cultura foi questionada, alegando a incompatibilidade com os objetivos acadêmicos que construíram as universidades, defendendo que essas necessitam dos questionamentos e discordâncias para que, através de argumentações, a ciência pudesse ser executada (LUKIANOFF e HAIDT, 2018, apud TEIXEIRA, 2020).

Lukianoff e Haidt observam que as práticas de intimidação e censura de uma call-out culture exigem uma audiência entusiasmada, pronta a reconhecer os bons serviços de quem denuncia um crime de opinião ou uma suposta ofensa racial ou sexual, e também uma audiência disposta a contribuir para a humilhação pública do acusado. As redes sociais oferecem acesso seguro e rápido a esse público cúmplice. Sem elas, a cultura do cancelamento não se realiza plenamente. E, ao menor deslize, todos que participam desses rituais estão sujeitos a serem os condenados do dia seguinte. O preço psicológico é alto. A vida em uma call-out culture exige constante vigilância, medo e autocensura. (LUKIANOFF; HAIDT, 2018, apud TEIXEIRA, 2020, p. 19).

⁵ O nome da obra trata-se de um trocadilho com a obra “*The Closing of the American Mind*”, no Brasil, lançado como “*O declínio da cultura ocidental*”. O verbo *coddle* refere-se a prática de mimar alguém, e no contexto do título do livro, pode-se compreender como “*O mimo da mente Americana*”.

Para Wolf, “banir autores e temas e ajustar o pensamento alheio às doutrinas radicais de acadêmicos “antissistema” – eis o ensaio geral bem-sucedido da “cultura do cancelamento” (2020, p. 23). O autor reforça que a limitação de exploração de obras nas universidades configura-se um movimento de censura que se associa a prática dos anos 1980, quando estudantes reivindicaram o ensino de disciplinas consideradas pelos alunos, professores e manifestantes envolvidos com a causa, representava uma visão eurocêntrica, predominantemente branca e masculina, associada não apenas à falta de diversidade, “mas também aos horrores das práticas colonialistas, escravistas e imperialistas do passado ocidental” (WOLF, 2020, p. 25- 26).

Quando, ao longo do período que vai de 2014 a 2017, um expressivo número de episódios de natureza autoritária, persecutória e censória ganhou as páginas e os *sites* da imprensa estadunidense (e, com o tempo, de outras partes do mundo), trazendo notícias de intelectuais, artistas, políticos e figuras públicas que eram “banidos” dos *campi* universitários, ou de obras que não poderiam mais ser estudadas em sala de aula (como a perigosíssima poesia de Ovídio, para ficar em exemplo célebre), estávamos por ingressar já na terceira década do tensionamento social que tentei sintetizar. Aqui – tensionamento intimamente imbricado no processo de “cancelamento” de temas, autores, intelectuais e artistas que se iniciaram nos anos 1980. (WOLF, 2020, p. 30-31).

O autor, que também participa dossiê da Revista Cult, reafirma que os primórdios da cultura do cancelamento se iniciam no banimento da liberdade de expressão nas universidades e possui um olhar crítico ao que seria o “espaço seguro” reivindicado pelos alunos, alegando que a formação desse ambiente limita a prática da ciência nas universidades:

Com uma intensidade marcante, impuseram-se novas modalidades de controle político nas instituições que deveriam servir de bastião da liberdade de pensamento, e as universidades dobraram-se, uma a uma, quase sem exceção, às exigências juvenis de “espaços seguros” que protegessem os alunos dos perigos de fatos e de raciocínios que contrariassem suas convicções e seus estados emocionais. (WOLF, 2020, p.31).

Partindo para uma análise que se direciona ao mundo do entretenimento, Tucker (2018) reflete sobre as origens da *call out culture* com uma ligação direta aos processos de digitalização dos meios de comunicação, especialmente os *sites* de entretenimento e notícias de celebridades, como um fator que proporcionou essa cultura. A autora cita que esses novos espaços de mídia no ambiente digital cresceram de forma exponencial, em contrapartida, o conteúdo compartilhado não

envolvia o público, já que se tratavam na maioria das vezes de notícias cotidianas, como uma celebridade que comprou um novo carro ou comprou café na rua.

Com essa necessidade de notícias que envolvesse o público em números e interações, a autora aponta que a busca por escândalos e erros das celebridades tornou-se maior:

As reportagens na cultura de celebridades constantemente encontram seus maiores sucessos em reportar erros, escândalos e crises das celebridades. [...] Um exemplo disso é a obsessão com a vida de Britney Spears na mídia, onde vimos a vida dela aparecer para nós como um drama de televisão (TUCKER, 2018, p. 03).

A autora cita o caso da cantora Britney Spears como um dos mais emblemáticos na obsessão da mídia pelas crises enfrentadas pelas celebridades nas suas vidas pessoais. Para ela, a obsessão dos tabloides pela cantora transformou-se de uma cobertura sobre celebridades para modelos de reportagens tradicionais, com matérias a nível nacional e internacional: “a vida de Britney Spears criou notícias nacionais; isso excede o reino das notícias puramente de entretenimento e caracteriza uma cobertura da mídia mais convencional, o que ilustra o sucesso de uma história de fracasso” (TUCKER, 2018, p.03).

Figura 1: Britney Spears e o assédio por *paparazzis*



Fonte: matéria do site Yahoo sobre o comércio secreto dos *Paparazzis*⁶

Com o avanço da internet e das redes sociais digitais, as celebridades ganharam novos espaços para se comunicar com o seu público e consequentemente, seus discursos poderiam alcançar números de pessoas semelhantes aos das mídias tradicionais. Tucker (2018) afirma que, a partir de

⁶ Disponível em: <<https://sg.style.yahoo.com/blogs/singapore-showbiz/former-paparazzo-gives-inside-trade-035651323.html>>.

então, essa liberdade de expressão das celebridades nas redes sociais possibilita que os seus seguidores se situem na lógica contrária do panóptico: agindo como a maioria (numericamente falando) que vigia esses discursos: “quando uma celebridade diz algo que não é alinhado com a imagem criada por eles ou com os valores sociais populares, eles são “destruídos” ou “chamados atenção” no que eles deveriam ter dito, geralmente de forma rápida por um número alto de pessoas” (TUCKER, 2018, p. 03).

A autora conclui que o movimento do *call out culture* nas celebridades desenvolveu uma forma de ativismo na internet com o objetivo de ensinar a membros da sociedade quando algo pode ser considerado ofensivo ou contraditório, mas também se tornou uma tecnologia contraproducente de vigilância quando perde o seu objetivo de conserto e reparação, mas assume uma função de punição e denúncia (TUCKER, 2018)

O movimento *#MeToo*, iniciado nos Estados Unidos, foi um importante marco na luta contra assédios contra mulheres, principalmente nos ambientes de trabalho. A frase “*#MeToo*” ou “eu também”, em português, foi utilizada nesse contexto inicialmente pela ativista Taranka Burke em 2006, para ajudar mulheres não-brancas que sofriam agressão sexual. Mas foi em 2017, onze anos depois, quando a atriz norte americana Ashley Judd, através de entrevista ao jornal *The New York Times*, denunciou Harvey Weinstein, na época produtor cineasta, por assédio sexual (HOLMAN, 2020).

Dez dias depois, a atriz Alyssa Milano utilizou do seu perfil no *Twitter* para encorajar outras mulheres a compartilharem e denunciarem assédios sofridos por elas. A atriz compartilhou, junto a frase “se você foi sexualmente assediada ou agredida, escreva *“me too”* como resposta nos comentários deste *tweet*”, uma foto em que foi sugerida por uma pessoa amiga: “se todas as mulheres que foram sexualmente agredidas ou assediadas escreverem “eu também” nos seus status, talvez as pessoas tenham senso da magnitude do problema”, conforme figura abaixo:

Figura 2: Tweet que deu início ao movimento #MeToo



Fonte: perfil da atriz Alyssa Milano no *Twitter*⁷

No Brasil, além das milhares de impressões e envolvimento com a campanha nas redes sociais digitais, a organização *Me Too* Brasil foi criada e em seu primeiro ano de existência, recebeu 151 denúncias de violência sexual. A organização é composta por pessoas que trabalham de formas voluntária no enfrentamento da violência sexual no Brasil, possuindo uma equipe multidisciplinar em diversas áreas (*ME TOO BRASIL*, 2023).

O movimento não ficou apenas na internet, além da condenação de Harvey Weinstein depois de mais de oitenta denúncias de assédio sexual, o ex-produtor foi julgado e considerado culpado por dois crimes, resultando em uma sentença de 25 anos de prisão⁸. O movimento resultou em diversos investimentos na luta contra o assédio, assim como a criação de novas organizações e mobilidades em função da causa.

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/alyssa_milano/status/919659438700670976?lang=bg>. Acesso em 15/04/2023.

⁸ Harvey Weinstein found guilty at rape trial. *The Guardian* (em inglês). Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2020/feb/24/harvey-weinstein-guilty-trial-charges-verdict>>. Acesso em 15/04/22.

Percebe-se que o movimento *#MeToo* utiliza da prática da *call out culture* como peça fundamental para o seu exercício. Foi através de denúncias nas redes sociais digitais que o movimento envolveu diferentes realidades nos mais diversos conceitos: geográficos, econômicos, sociais, entre outros, sendo responsável por moldar a sociedade, como afirma Holman (2020):

Para um movimento que erodiu na cultura popular com uma simples *hashtag*, ele mudou o público americano, causando diversos questionamentos sobre assédios sexuais no ambiente de trabalho. O movimento *#MeToo* tem sido um acerto de contas, denunciando todas as formas de assédio e abuso sexual com resultados mistos. Celebidades, CEOs e cidadãos comuns foram demitidos e processados em uma onda de realizações de assédio sexual no público americano (HOLMAN, 2020, p. 6, tradução do autor).

Sendo assim, percebe-se que existe uma ligação direta entre a *call out culture* e o movimento *#MeToo* com o que se é conhecido socialmente como a cultura do cancelamento. Através das análises dos autores, é identificado que os discursos dos atores sociais quando intensificados por outros e direcionados a uma causa, pessoa ou movimento, provocam transformações sociais que possuem consequências diversas: desde o banimento de disciplinas consideradas irregulares por alunos em universidades, como a efetivação de denúncias que contribuem para a segurança de mulheres que sofrem violências em seus ambientes de trabalho.

Através desta análise histórica do fenômeno, percebe-se que a cultura do cancelamento se propagou em esferas que colocam qualquer pessoa em possibilidade de participar do fenômeno, seja em caráter de quem cancela ou de quem é cancelado. Em entrevista à Universidade Federal de Minas Gerais, Karhawi⁹ relembra que o movimento teve início nas universidades estadunidenses, a partir do incômodo de estudantes que cobravam uma abordagem diferente por parte dos professores das instituições. Os alunos reivindicavam um corpo docente mais diversos, com mais autoras mulheres e menos eurocentrista (UFMG, 2021).

Ainda na mesma entrevista, Karhawi aponta o *Twitter*, como a principal rede social digital que potencializou a cultura do cancelamento no Brasil, o que pode ser atrelado ao fato da plataforma possuir uma dinâmica de criação de conteúdos rápidos, dinâmicos, multimídia e com possibilidades de interações diversas entre

⁹ Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/origens-caracteristicas-e-efeitos-do-cancelamento-sao-tema-de-entrevista-no-conexoes>>. Acesso em: 10/01/2023.

seus usuários. Como exemplo, pode-se citar a função de *retweet*¹⁰ com comentário, onde o usuário pode replicar diretamente um conteúdo criado por outro, adicionando comentários diretos à publicação específica (UFMG, 2021).

A dinamicidade dos movimentos, que são compostos principalmente pelo volume de pessoas interagindo em prol de uma causa; e pela velocidade exponencial em que isso acontece, compõe a base para a formação da cultura do cancelamento, que terá as suas teorias exploradas nos próximos tópicos, em busca de um conhecimento científico sobre a definição desse fenômeno.

2.2 Apocalípticos à cultura do cancelamento

Cientificamente, diversos autores debatem o tema da cultura do cancelamento em variadas perspectivas. É possível encontrar obras ligadas ao Direito, Psicologia, Psicanálise, Sociologia e Comunicação. Para fundamentar o entendimento desse fenômeno, Domingues e Hascemberg (2021) tomaram como inspiração a obra de Umberto Eco (1987) que, ao analisar a cultura de massa, estabelece os conceitos de “apocalípticos” e “integrados”. Com essas lentes, propõem observarmos a cultura do cancelamento e todas as perspectivas atreladas em dois grandes grupos de pensadores acerca do fenômeno: os apocalípticos e os integrados à cultura do cancelamento (DOMINGUES; HASCEMBERG, 2021).

Para o autor, “se os apocalípticos sobrevivem confeccionando teorias sobre a decadência, os integrados raramente teorizam e assim, mais facilmente, operam, produzem, emitem as suas mensagens cotidianamente a todos os níveis” (ECO, 1987, p.09). Umberto Eco aponta que o Apocalipse é uma obsessão do *dissenter*: a palavra, em inglês, pode ser considerada nesse contexto como a característica de um perfil de indivíduos e teóricos com um caráter separatista, discordantes, que deixam de ser parte de um grupo. No contexto da inspiração abordada nesta pesquisa, entende-se como os perfis teóricos que analisam o fenômeno da cultura do cancelamento de fora, sem participar de fato enquanto sujeito “cancelado” ou “cancelador” (ECO, 1987).

¹⁰ Os conteúdos produzidos no *Twitter* são chamados de *tweets*. A função *retweet* permite replicar o conteúdo de outro usuário com ou sem um adicional de conteúdo.

Já integração é a realidade concreta e contrária aos *dissenters*: “a imagem do Apocalipse ressalta dos textos sobre a cultura de massa; a imagem da integração emerge da leitura dos textos da cultura de massa.” (ECO, 1987, p.09). Entende-se, no contexto dessa pesquisa, que os integrados são perfis envolvidos diretamente na cultura do cancelamento: indivíduos que foram cancelados ou que cancelaram alguém; que possuem uma vivência integrada ao fenômeno. É importante ressaltar que, para o autor, a relação entre apocalípticos e integrados não é eliminatória, mas complementar:

Mas até que ponto não nos encontramos ante duas faces de um mesmo problema, e não representarão esses textos apocalípticos o mais sofisticado produto oferecido ao consumo de massas? Então a fórmula “Apocalípticos e integrados” não sugeriria a oposição entre duas atitudes (e dois termos não teriam valor de substantivo), mas a predicação de adjetivas complementares, adaptáveis a esses mesmos produtores de uma crítica popular da cultura popular (ECO, 1987, p. 09).

Analisando inicialmente os “apocalípticos” à cultura do cancelamento, vê-se as autoras Martins e Cordeiro, que entendem a cultura do cancelamento no Brasil como “um mecanismo punitivista da sociedade civil, que age em substituição à tutela jurisdicional, ou seja, surge como alternativa à desconfiança dos cidadãos em relação ao papel desempenhado pelas instituições legalmente incumbidas de oferecer justiça” (MARTINS; CORDEIRO, 2022, p. 36).

Conceituar a cultura do cancelamento ainda se torna um desafio no âmbito acadêmico devido a diversos fatores, mas principalmente por dois: 1) cada episódio de cancelamento acontece de maneira diferente, pois nele é levado em consideração o sujeito “cancelado”, o público “cancelador” e a situação em que proporcionou o fenômeno; e 2) por se tratar de um tema relativamente novo, as produções científicas ainda se encontram em processo de construção.

Para Martins e Cordeiro (2022), o tema se encontra em constante “vulgarização”: segundo as autoras, milhares de celebridades diariamente são “canceladas”, quando muitas vezes, trata-se apenas de “manifestações de desaprovação por uma opinião considerada de menor gravidade” (2022, p. 32). Para as autoras, esses episódios caem no esquecimento do público em poucos dias, não afetando a popularidade das pessoas “canceladas”.

Karhawi (2021) define a cultura do cancelamento inicialmente como um demarcador de atitudes que não são mais coerentes em um determinado contexto social e como a autora reflete, a separação entre a vida *on-line* e *off-line* é cada dia mais difícil, as redes sociais são os espaços mais lógicos para a propagação do fenômeno:

O cancelamento é uma forma de silenciamento de uma figura pública, ou mesmo de anônimos, que resulta de uma situação de rechaço a partir da identificação de uma falha, seja ela de caráter, seja atrelada a questões sociais, culturais. Costuma-se colocar entre as razões do cancelamento também injúrias raciais, discurso de ódio, intolerância religiosa e homofobia, mas deve-se estabelecer claras distinções entre aquilo que é previsto como crime, daquilo que é considerado incoerente ou equivocado nas redes. De todo modo, o cancelamento é uma resposta a atitudes e/ou discursos considerados desalinhados com o momento histórico e social que vivemos – além de, frequentemente, atos discriminatórios (KARHAWI, 2021, p. 03-04).

Em entrevista ao Manhã RDC, telejornal da Rede Digital de Comunicação, a autora também situa a cultura do cancelamento em duas perspectivas: pela relação entre plataforma e usuário ou pela relação entre um usuário com outrem. Para a autora, a forma mais frequente acontece através das relações entre usuários e ambas têm uma mesma motivação: o silenciamento do usuário cancelado (KARAWHI, 2022).

De acordo com KARAWHI (2022), na relação entre usuários, o cancelamento acontece quando alguma atitude ou discurso do usuário é entendido como equivocado ou incoerente com a imagem construída por este. Já na relação entre plataformas e usuário, a autora cita o ex-presidente estadunidense Donald Trump, banido de redes sociais digitais por compartilhar conteúdos que foram compreendidos como transgressões à política da plataforma. Observa-se que em ambos os casos, o cancelamento acontece a partir de uma quebra de regras pré-estabelecidas, sejam elas bem definidas, como no caso das políticas de cada plataforma, ou seja elas de forma simbólica, como na relação construída entre usuários em redes sociais digitais.

Karhawi (2021) também abordada uma tríade que compõe a cultura do cancelamento e pode diferenciá-la de práticas como o *cyberbullying*: velocidade, volume e binarismo. Para a autora, a velocidade é uma característica intrínseca às redes sociais digitais: os discursos são emitidos nelas de formas tão rápidas, que o “cancelado” é julgado antes de se ter ciência do que está acontecendo

O volume também é um componente essencial para diferenciar a prática: o número de alcance dos discursos emitidos nessas redes define o rumo do cancelamento e a sua gravidade. Já o binarismo constrói a tríade do cancelamento na ausência de opiniões diversas. Para Karhawi, nos episódios de cancelamento, os sujeitos são colocados em um sistema binário de bem ou mal, de certo ou errado. Opiniões que fujam desse sistema binário dificilmente são levadas em consideração. (KARHAWI, 2021).

Já em uma abordagem ligada ao Direito, também apocalíptica se tomarmos a perspectiva de Eco (1987) como inspiração, agora não mais investigando os fenômenos da cultura de massa, mas da cultura do cancelamento na era digital, os autores Camiloto e Urashima (2020) conectam a cultura do cancelamento à necessidade de correção: para os autores, jogos de linguagem são utilizados no interior de alguma prática social com o objetivo de identificar alguma necessidade de correção por parte das pessoas canceladas. As práticas sociais possuem regras normativas implícitas que, ao serem violadas, iniciam um processo de disputas discursivas através desses jogos de linguagens. Os autores reforçam que a cultura do cancelamento, além de atual, é potencializada a partir da interferência da tecnologia no cotidiano humano, mais especificamente através do uso e interações de usuários em redes sociais digitais.

Para Wolf (2020), aborda uma reflexão política-eleitoral aliada à cultura do cancelamento: para o autor, desde o início dos anos 2000, autoridades políticas têm se posicionado como fontes de entretenimento, enfraquecendo os seus posicionamentos enquanto governantes. Wolf faz uma reflexão de como a política tem sido tratada como entretenimento, atribuindo como exemplos a participação do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, em programas de auditório e do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e os seus *reality show* na TV norte-americana:

Basta lembrar o reality show de Trump ou as participações de Bolsonaro em programas de auditório. Levaram às redes as mesmas estratégias da comunicação de choque e sem escrúpulos para falar como que diretamente a seus apoiadores. Salvini, por exemplo, ficou conhecido pelos shows de ódio contra imigrantes e minorias, transmitidos em tempo real pela internet. Líderes como eles manipulam dentro das margens que suas torcidas lhes permitem manipulá-las (WOLF, 2020, p. 35).

Para Wolf (2020), não apenas os políticos tornaram-se fonte de entretenimento, como o entretenimento tornou-se cada vez mais político com o passar dos anos. O autor questiona se há uma real necessidade em que celebridades se posicionem em favor de causas sociais e reflete que, independentemente dos seus posicionamentos ou dos seus silêncios e abstenção referentes a questões sociais, todos os discursos serão questionados e passíveis de serem cancelados. Para ele (2020, p. 36), é dessa “busca por justiça que se mistura perigosamente com o impulso justiceiro, que emergiu a dita cultura do cancelamento”.

Isso ocorre sob o olhar inquisitorial das mesmas redes que transformam homens de Estado em palhaços e palhaços em homens de Estado. Todos os atos e todas as falas de cantores, atrizes, dançarinas ou esportistas são examinados e elevados à categoria de declarações políticas, favoráveis ou contrárias às preocupações de determinados grupos: a homofobia, a gordofobia, o racismo, o petismo, o socialismo, o politicamente correto. O vocabulário da época é abundante em neologismos e empréstimos ao inglês para qualificar os novos delitos diante dos novos juízes informais (WOLF, 2020, p. 35).

Todavia, Wolf (2020, p.36) também ressalta uma função corretiva da cultura do cancelamento. Eles podem “representar uma possibilidade de regulação social, necessária para conter a palavra selvagem das redes. Se há insensatez nas redes sociais, por que não pode também nascer delas uma forma própria de sabedoria?”. Cancelamentos em função de preconceitos, discursos de ódio, exclusão de minorias, humilhações públicas são alguns dos exemplos que o autor cita para argumentar que determinadas atitudes terão reações em massa para que não sejam propagadas.

É possível relacionar o que é abordado por Wolf (2020) com a tríade do cancelamento trazida por Karhawi (2021). Quando o autor cita que “frequentemente, trata-se de uma reação coordenada, que se espalha pelas redes como fogo na forragem, a partir da fagulha lançada por um usuário ou por um grupo que aponta o crime e indicia o infrator”, está referenciando o volume, velocidade e acusação binária apontados por Issaaf Karhawi. Além disso, ambos os autores concordam que, em razão da velocidade que os cancelamentos acontecem, “o denunciado já sai, pela pressão coletiva, na qualidade de réu”.

Rodrigues, ainda contribuindo com uma perspectiva apocalíptica, aborda uma visão da cultura do cancelamento diretamente conectada à progressão social que diversas minorias conseguiram ao longo dos anos. O autor, referência nos estudos de ciências políticas e sociais, entende a prática como uma cobrança pública e um pedido de reajuste em relação a determinadas práticas, discursos ou atitudes equivocadas que não tiveram essa repressão através de meios tradicionais. O autor ainda cita que comportamentos que interferem diretamente em minorias sociais como o racismo, a LGBTfobia, a misoginia e o capacitismo, são algumas das principais características de pessoas canceladas (RODRIGUES, 2020).

Domingues e Miranda (2022) refletem, “apocalipticamente”, sobre a cultura do cancelamento atrelada ao consumo de ativismo, conceito que possui ligação direta com o fenômeno e será trabalhado nos capítulos posteriores nesta pesquisa. As autoras contextualizam que:

O processo civilizador está na base de diversos interditos associados à cultura do cancelamento na atualidade, visto que está relacionado aos aspectos das nossas condutas que foram repudiados ao longo da modernidade, como, por exemplo, pensar uma coisa e dizer outra. O que entendemos como um comportamento dissimulado e hipócrita, inadequado há alguns séculos, é, no contemporâneo, motivo suficiente para gerar celeuma nas redes sociais, digitais ou não, e no banimento daqueles que fazem uso desse tipo de astúcia para as finalidades mais diversas (DOMINGUES; MIRANDA, 2022, p. 137).

Considerando as dinâmicas sociais presentes nas comunicações em redes sociais digitais, as autoras definem a cultura do cancelamento como “a ação coletiva que busca punir os atores sociais desviantes das ações afirmativas àqueles grupos sociais tidos, até então, eles mesmos, como desviantes.” (DOMINGUES; MIRANDA, 2022, p. 139-140).

As autoras também refletem sobre os limites entre a cultura do cancelamento: existe a função corretiva, quando esta propõe um acerto de contas, uma reparação por parte das pessoas canceladas diante atitudes consideradas inaceitáveis, mas também existem os casos de pessoas que são canceladas por irem de encontro a costumes sociais banais, que não agridem ou incitam ódio contra nenhum grupo social, não infringem leis ou quaisquer ações que possam ameaçar a existência de outrem. As autoras atribuem esse tipo de cancelamento a dificuldade dos indivíduos em lidar com o diferente do que é feito pela massa (DOMINGUES; MIRANDA, 2022).

2.3 Integrados à cultura do cancelamento

Em uma perspectiva que não interpreta o fenômeno como algo novo e originário da internet, mas como apenas uma digitalização de práticas opressoras que ocorrem há diversos anos, os autores Campelo (2020), Dunker (2020), Oliveira (2020) e Brasileiro (2020), aproximam-se uma perspectiva integrada da cultura do cancelamento. Nesta pesquisa, estão relacionados com atores sociais que foram parte de processos de cancelamentos para configurar o corpo de integrados à cultura.

Para Campelo (2020), cancelar é boicotar pessoas, empresas e marcas, sejam elas famosas ou não, por comportamentos considerados inadequados. O que difere o autor dos apocalípticos até aqui estudados, é a associação da cultura às catarses coletivas de séculos passados, como quando os membros de um vilarejo se reuniam para assistir a um herege queimado na fogueira em praça pública. O autor também atribui o fenômeno à pautas identitárias, como propício da esquerda política, caracterizada como um grupo progressista. Para ele, utiliza de pesos diferentes para o julgamento dos cancelados, de acordo com as suas aproximações identitárias.

Ainda em uma perspectiva política, atribuída à esquerda, Dunker (2020) utiliza do termo *lacração* para definir que a cultura do cancelamento é parte de um comportamento utilizado para reduzir discursos nas redes digitais. O termo vem da gíria “lacrar”, originada na comunidade LGBTQIA+ para designar uma atitude louvável de algum indivíduo. Para o autor, em termos práticos, frases como “você lacrou naquela fala” compõem um discurso que sinaliza que esta fala não pode ser questionada, e caso seja, o indivíduo questionador corre o risco de ser cancelado, reduzido a uma fala específica em um contexto de disputas discursivas. Para ele, o cancelamento está associado à vontade dos indivíduos de fazer justiça com as próprias mãos e possui um caráter vingativo e hostil (DOMINGUES; HASCEMBERG, 2021).

Dunker, enquanto psicanalista, atribui um comportamento de punição aos “canceladores”, mas que reflete, todavia, em um desejo de separação do que se é considerado errado. Em entrevista a Hartman (2020), o autor afirma:

Punimos o outro porque ele fica muito parecido com a parte insuficiente de nós. A gente pune para criar um sentimento ilusório de purificação da alma. Não fui eu, foi ele, eu nunca faria isso, nem os meus, e por isso cancelo. Esta pessoa, não vou dizer que quero corrigi-la e debater com ela para nos mantermos juntos, porque isso implicaria se responsabilizar. A ideia do afastamento que vem junto com o cancelamento diz que o outro não deveria existir mais no espaço simbólico (HARTMAN, 2020, p. 02).

Oliveira (2020) se junta ao time de integrados, quando defende que o fenômeno não possui origem na internet, mas que assim como outras práticas, foi potencializado por elas. Para ele, é um mecanismo de destruição de sujeitos e o considera como o oposto da democracia. O autor defende que todos devem ser respeitados, independente dos seus discursos e aponta os “canceladores” como censuradores, defendendo que o acolhimento deve tomar o lugar do cancelamento. O autor vai de encontro a obras apocalípticas citadas até então quando ignora os discursos de ódio e violência que interferem diretamente na segurança de indivíduos pertencentes a minorias sociais (DOMINGUES; HASCEMBERG, 2021).

Também construindo uma perspectiva integrada, de acordo com Eco (1987), serão abordadas as perspectivas sobre a cultura do cancelamento por pessoas que protagonizaram o fenômeno. Para Lumena Aleluia (2021), participante do *reality show Big Brother Brasil 2021*, a cultura do cancelamento precisa ser “cancelada”, a fim de propor diálogos mais saudáveis para evitar o adoecimento da sociedade contemporânea:

Quando saí do programa, como não entendia o que estava acontecendo, eu tive alguns processos de adoecimento muito forte. Dentre eles, eu tive pânico, tive fobias, tive crises de ansiedade, tive perda de memória, o que obviamente naquele momento me convocou a buscar ajuda profissional, um processo de autocuidado, que foi o que de fato me deu coragem pra assumir uma relação de ressignificar essa experiência do cancelamento e sim, cancelar o cancelamento (ALELUIA, 2021).

Para o influenciador Spartakus, o cancelamento precisa ser proporcional ao fato ocorrido. A fala do publicitário e influenciador digital aborda uma ideia trazida por Wolf (2020), quando reflete sobre os dois lados do cancelamento: o reparatório e o brutal, acentuando que determinadas situações precisam ter uma atenção do público e uma chamada para reparação, mas que seja executada de forma que não configure um processo violento:

Existem vários casos de pessoas que após linchamentos ficaram com grandes traumas emocionais ou até se suicidaram. Ao invés de um ataque massivo feito por um tribunal da internet, muitas vezes baseado em fake

news, eu acredito que a penalidade deve ser dada por uma instituição legal, proporcional ao erro e após um julgamento justo. Ao invés de fazermos justiça com as próprias mãos, devemos cobrar que as instituições façam a lei ser cumpridos (SPARTAKUS, 2021, p. 01).

A *rapper* e cantora Karol Conká protagonizou um dos cancelamentos mais significativos nos últimos anos no Brasil. Durante sua participação no *Big Brother Brasil*, a artista obteve recordes de rejeição do público e diversos ataques em todas as plataformas. Karol Conká, que forma o corpo de objetos desta pesquisa, reflete sobre a cultura do cancelamento, em entrevista ao programa Triangulando¹¹, da médica e apresentadora Thelma Assis, em paralelo a sua condição enquanto uma mulher preta:

Thelma: as mulheres pretas têm um cancelamento duas vezes maior, porque a gente já é criada para ser duas vezes melhor. A gente não pode errar, mesmo que a gente esteja na frente, em um passo adiante, sempre vai ter alguém que vai chegar e falar “não, volta, você não é tudo isso. Desce daí. Subestima, questiona.” [...] A gente não vai entrar no mérito de *reality show*, mas a gente vê: infelizmente, aconteceu um caso terrível de um homem branco que agrediu a esposa e começou a ganhar seguidores nas redes sociais.

Karol Conká: Nesse dia eu fiquei fora das redes, até porque eu já fui avisada pela equipe que estavam fazendo *meme* do meu rosto junto com esse agressor. E as pessoas estavam me comparando com ele: “ah, mas ele teve um descontrole, ele não é uma pessoa horrível, sem caráter, igual a Karol”. E é muito ruim quando as pessoas ficam falando de caráter. As pessoas não sabem diferenciar caráter de estado de humor, de desequilíbrio emocional, eles misturam tudo. Não sabem diferenciar o que é deboche, o que é sarcasmo e o que é soberba; que no meu caso eu tive uma crise de soberba e as pessoas botaram em cheque que a minha personalidade que era regada de deboche e sarcasmo. Então, eu me vi fora de mim. Era como se eu não pudesse ser eu. Nada estava bom. E eu não vou ficar me esgoelando pra agradar um público que não me conhece (THELMINHA, 2021).

As reflexões abordadas por Thelma Assis e Karol Conká levantam debates sobre o fenômeno do cancelamento enquanto a posição do sujeito. Assim como sinalizado por Domingues e Miranda (2022), o cancelamento virtual pode ir além de um acerto de contas por falhas e erros de um sujeito, mas ultrapassar os limites do que é considerado justo. Como as autoras argumentam, pessoas são canceladas por erros banais diariamente e, ainda que não tenham cometido graves infrações, são colocadas em posições de retaliação semelhantes a indivíduos que infringem o bem comum.

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pDXIc0IT8do>>. Acesso em: 10/04/2023.

Também é possível refletir sobre a perspectiva integrada de Dunker (2020), quando aponta que as pessoas tendem a cancelar para assumir uma posição de distância do sujeito cancelado: ao apontar o erro do outro, eles se diferenciam dele. Todavia, é preciso considerar a contradição entre o que fala Campelo (2020) e a vivência de Karol Conká: enquanto o autor atribui o que o cancelamento virtual é um comportamento típico da esquerda, no contexto brasileiro, a cantora, que possui posicionamentos políticos ao longo de sua carreira voltados também à esquerda, foi associada a indivíduos condenados por crimes, ainda que o seu cancelamento tenha sido motivado por dinâmicas verbais em um *reality show*, sem cometer qualquer crime ou infração à lei.

Após análise sobre ambas as perspectivas, de apocalípticas e integradas, somados à análise histórica da gênese do fenômeno, se estabelece direta com o que é defendido por Rodrigues (2020), ao abordar questões sociais como principais fundamentadoras da cultura do cancelamento. Assim, é possível associar o crescimento exponencial do cancelamento com dois fatores que estão conectados: 1) a inserção das novas tecnologias de comunicação e informação ao cotidiano humano; e 2) a potencialização de discussão de causas sociais. Os fatores se conectam a partir da perspectiva que essas tecnologias aproximam e conectam pessoas que compartilham dos mesmos interesses, sentidos e valores.

Com um olhar aos possíveis alvos do cancelamento, Teixeira, Oliveira e Hoff (2020), assim como Domingues e Miranda (2022), enfatizam que todos estão suscetíveis a protagonizar o fenômeno: marcas, celebridades, influenciadores, servidores públicos, cidadãos comuns, qualquer um desses agentes sociais podem ser cancelados dentro do contexto em que estão inseridos.

As consequências desse cancelamento podem estar conectadas ao consumo tradicional, ao consumo simbólico, construção de reputação de marca e imagem ou, em casos em que direitos civis são violados, à denúncias formais às instituições responsáveis. Além disso, como citado pelos integrados à cultura do cancelamento, os danos psicológicos causados por esses episódios devem ser levados em consideração, esse fator é um dos exemplos pelo qual a área da psicologia teoriza sobre o fenômeno.

Compreender a participação desse fenômeno na atualidade, seja em uma perspectiva sociológica, econômica ou mercadológica, é necessário para analisar a configuração dessa cultura em sociedade: como ela se comporta, quem são os seus agentes, quais as possíveis consequências, entre demais nuances. Para isso, é preciso abordar uma perspectiva que analise a formatação da sociedade atual, em como os seus membros se relacionam, como as situações de poder estão designadas, levando em consideração a inserção das tecnologias de comunicação e informação ao cotidiano das pessoas e as interações nelas existentes.

3. COMUNIDADES DE VIDA E DE SENTIDO

Para compreensão da cultura do cancelamento como parte de um fenômeno social, é necessário analisar o contexto que possibilita a formação de práticas como esta. Para isso, serão considerados três autores principais para fundamentar os possíveis fatores que possibilitaram o surgimento e expansão da cultura do cancelamento: Berger e Luckmann (2004), Foucault (2009) e Castells (1999).

A obra “Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido - A Orientação do Homem Moderno”, dos autores Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2004), permite uma compreensão de diversas dinâmicas sociais trazidas pela modernidade, compreendendo os indivíduos nela presentes não apenas como membros de uma sociedade, mas também como seres que agem de acordo com suas individualidades construídas ao longo do tempo.

Através dos autores, é possível identificar dois conceitos iniciais que são fundamentais para entender as relações sociais: individualismo e pluralismo. Para eles, o “individualismo e o pluralismo são as condições sob as quais as pessoas têm de estabelecer padrões para sua vida”, já que essas “precisam estes padrões para se orientar numa situação cheia de opções e diante da necessidade de tomar decisões”. Em uma sociedade pluralista que contém simultaneamente diferentes meios de vida e agir social, a compreensão dessas questões tem sido um desafio ao longo da história (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 07).

Na sociedade moderna, o conceito de sentido é essencial para compreendermos o agir humano. O sentido é formado na consciência humana e, posteriormente, na consciência do indivíduo. Este, por sua vez, individualiza-se em um corpo e torna-se uma pessoa através de processos sociais: “consciência, individualidade, corporalidade específica, sociabilidade, formação histórico-social da identidade pessoal são características essenciais e nossa espécie”. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.15).

Já o conceito de consciência, para os autores, está diretamente ligado à correlação com o meio: a consciência sozinha, não é nada. Ela deve estar sempre direcionada para algum objetivo. Esse objetivo trata-se de:

(...) percepções, memórias ou imaginações ao redor do núcleo, o “tema” do objeto intencional entende um campo temático, cercado por um horizonte aberto. No horizonte é sempre dada automaticamente a consciência da própria corporalidade, que também pode ser tematizada. A sequência de temas inter-relacionados, chamamo-los de vivências - ainda não é significativa em si, mas o fundamento sobre o qual pode surgir o sentido. Pois vivências que não ocorrem simples e independentemente, mas para as quais o eu volve sua atenção, ganham um grau maior de definição temática; tornando-se “experiências” delineadas (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 15).

Se considerássemos as experiências de forma individual, elas não seriam suficientes para determinar um sentido. Porém, quando relacionadas com outras, seja da vivência de cada indivíduo ou na sua relação com o meio, elas possibilitam a conceituação de que o “sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências”. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 15).

É a partir disso que as reservas de sentido são processadas socialmente. Conservadas em reservatórios históricos de sentido, comandados por instituições que detém o poder social, essas reservas moldam o agir do indivíduo. Esses acervos sociais do conhecimento são comunicados por instituições através das relações de poder exercidas sobre os membros de uma sociedade (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Diversos exemplos podem ser citados para compreender essas reservas, desde as que possuem suas informações mais estruturadas e fixas, como a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que estabelece regras e normas sobre os direitos e deveres de todos os cidadãos brasileiros; ou Bíblia Cristã, que ordena as práticas do Cristiano em todo o mundo, mas está aberta às interpretações individuais de acordo com os contextos em que as pessoas que a acessam estão inseridas.

Pode-se citar também as reservas de sentido que possuem caráter mais implícito, sem um registro oficial com suas determinações, mas que são experimentadas na vivência. Pode-se citar como exemplo o desenvolver de uma criança: enquanto fisicamente humana, ela desenvolve o seu agir baseado nas sensações fisiológicas que possui. Ao crescer e observar os indivíduos ao seu redor, estes lhe apresentam o reservatório social do sentido de acordo com suas crenças, valores e experiências.

Abordando essa perspectiva no universo onde acontece o cancelamento, pode-se aplicar ao caso de indivíduos que, por qualquer razão, em determinado momento da sua vida, conquistou notoriedade e tornou-se uma celebridade: antes, enquanto pessoa anônima, sua reserva de sentido estava limitada aos questionamentos do seu círculo social.

Neste caso, o crescimento do alcance de público está proporcionalmente conectado ao crescimento da reserva de sentido. Já que o alcance dos seus discursos, vivências, experiências, não está mais limitada apenas ao seu círculo. Ações que vão de encontro ao que é estabelecido nessa nova reserva de sentido, pode oferecer um campo possível para que o cancelamento virtual aconteça.

Para os autores, "é difícil conceber uma sociedade sem um sistema de valores e sem reservas de sentido a eles adaptadas". (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 27). Os rompimentos dos valores presentes nessas reservas de sentido provocam o que os autores chamam de crises de sentido. Essas crises de sentido podem ser vividas com frequência por todos os membros de uma sociedade e para melhor compreender suas gênese e dinâmicas, é preciso abordar o conceito de comunidades de vida e de sentido como organizações sociais.

3.1 Comunidades de vida: as primeiras percepções do ser

Berger e Luckmann (2004) abordam dois conceitos de formação social que são essenciais para compreender a cultura do cancelamento de acordo com os objetivos desta pesquisa: as comunidades de vida e as comunidades de sentido. Em ambas as denominações, o sentido é a base para a formação dessas comunidades.

Para complementar a obra de Berger e Luckmann (2004), consideramos o conceito de comunidade a partir de Castells: "comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social". (2003, p.106). Castells, que posteriormente analisa e conceitua a sociedade conectada em rede, é essencial para compreensão de como essas dinâmicas foram impactadas com a inserção da tecnologia no cotidiano das comunidades.

As comunidades de vida são as primeiras em que os indivíduos são inseridos, sendo a família como a primeira e mais importante no determinar do agir social. Elas

podem ser compreendidas como comunidades que necessitam da convivência física com frequência e regularidade:

As comunidades de vida são caracterizadas por um agir que se repete com regularidade e diretamente recíproco em relações sociais duráveis. Os integrantes depositam uma confiança institucional, ou firmada em outra coisa, na durabilidade da comunidade, além dessas concordâncias básicas, há entre as sociedades diversos tipos de diferenças importantes quanto às formas de comunidades de vida nela institucionalizadas (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 28).

Família, escolas, universidades, igrejas e trabalho são alguns exemplos de comunidades de vida mais comuns. As suas formações, todavia, não se limitam apenas à fatores previsíveis: “algumas comunidades de vida podem formar-se por uma adaptação de vida à continuidade das relações sociais, que originalmente não eram previstas para prolongar-se, e outras requerem uma iniciação” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 29).

O sentido aplica-se na comunidade de vida como essencial para sua existência. Todavia, os membros de uma mesma comunidade de vida podem possuir sentidos diversos e distintos de acordo com suas vivências para além dela. Mas, para sua formação, “as comunidades de vida pressupõem um mínimo de comunhão de sentido”. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 29).

Imagina-se, por exemplo, o departamento contábil de uma empresa: os seus membros podem possuir comunidades de vida primárias completamente diferentes. Suas formações podem ter sido em instituições distintas, suas crenças, valores e ideais podem ser diferentes graças às suas vivências particulares, porém, todos compartilham dos sentidos mínimos de: 1) fazer parte da empresa e, neste caso específico, 2) ser parte de uma área que necessita de conhecimentos específicos, a área contábil.

Também existem comunidades de vida que possuem o objetivo de compartilhar o máximo de sentido possível, impactando o completo agir social dos seus membros:

As comunidades de vida podem também aspirar a uma completa concordância em todos os estratos de sentido, incluindo categorias de toda a conduta de vida, como numa Ordem monástica ou na representação ideal de um certo tipo de casamento. Mas a maioria das formas de comunidades de vida existentes nas diferentes sociedades e épocas espera atingir um

grau de comunhão de sentido do que esteja entre o mínimo e o máximo (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 29).

Nas comunidades de vida, as reservas de sentido podem ser rompidas pelos seus membros e suas consequências serão de acordo com os contextos inseridos em cada uma. Por exemplo, em uma empresa, as advertências são as formas mais comuns de notificação dos seus colaboradores para que as regras voltem a ser obedecidas. Quando isso não acontece, os processos demissionais tendem a acontecer, retirando o indivíduo daquela comunidade de vida.

Esses processos também podem ocasionar, em casos mais extremos, problemas sociais. No Brasil, a comunidade de pessoas LGBTI+¹² é impactada diretamente e colocada em situação de vulnerabilidade social. De acordo com pesquisa da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), é estimado que aos 13 anos de idade seja a média em que mulheres transexuais e travestis sejam expulsas dos seus lares pelos pais ou chefes de família (BENEVIDES; SIMPSON, 2018).

As consequências são diversas e impactam na expectativa de vida dessa população. As vulnerabilidades colocam essa comunidade em risco social e, como um dos resultados, o Brasil é identificado como o país que mais assassina pessoas transsexuais e transgênero no mundo, de acordo com o relatório de 2021 da *Transgender Europe* (TGEU)¹³. O país está no ranking, de acordo com a mesma pesquisa, há 13 anos.

As crises de sentido nas comunidades de vida tendem a ser mais frequentes principalmente por essas pessoas muitas vezes estarem submetidas a regras de convivência e divisão de espaço físico. Para os autores, “se os membros de certa comunidade de vida acham inquestionáveis as concordâncias de sentido que se esperam deles, mas não conseguem cumpri-las, então temos as condições de surgimento de uma crise de sentido”. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 31).

¹² De acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+, elaborado pela Aliança Nacional, a sigla LGBTQIA+ referencia pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero não heteronormativas. Disponível em: <<https://aliancagbti.org.br/2022/01/26/enciclopedia-lgbti-da-alianca-nacional-lgbti/>> Acesso em: 20/01/23.

¹³ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>>. Acesso: 20/01/23.

A monogamia, que diz respeito ao relacionamento afetivo-sexual entre duas pessoas de forma exclusiva, pode ser citada como um exemplo de crise de sentido social. Apesar de ser um comum acordo na maioria das relações matrimoniais regidas pelas igrejas ou pela Justiça, a quebra desse comportamento tornou-se parte frequente do cotidiano humano, tematizando produções diversas desde à arte e literatura até práticas mercadológicas, refletindo uma crise de sentido estabelecida socialmente.

3.2 Comunidades de sentido: valores que se conectam

As comunidades de sentido não possuem a mesma obrigação das comunidades de vida nos quesitos de convivência. Elas podem ser exclusivamente construídas apenas de sentidos que os seus membros compartilham em comum, embora que estes não compartilhem dos mesmos ambientes:

Enquanto as comunidades de vida precisam ter um mínimo de sentido, o contrário não é verdadeiro. Comunidades de sentido podem em certos casos tornar-se comunidades de vida, mas podem também ser construídas e mantidas exclusivamente através de um agir comunicável e recíproco (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 30).

Ainda utilizando a referência de mulheres transexuais e travestis expulsas de casa por não obedecerem às reservas de sentidos dos seus lares, essas mulheres, ainda que não se conheçam ou convivam, podem construir uma comunidade de sentido, principalmente quando conectadas através de alguma plataforma ou instituição. No caso desse grupo social, que se tornou vulnerável socialmente graças à uma crise de sentido intersubjetiva, os autores afirmam que casos isolados não devem ser analisados para identificar soluções, mas sim compreender as origens do problema para que elas possam ser reparadas estruturalmente:

Quando numa sociedade ocorrem frequentes crises subjetivas e intersubjetivas de sentido, de modo a se tornarem um problema social em geral, não devemos procurar as causas no sujeito em si, nem na suposta intersubjetividade da vida humana. O mais provável é que as causas estejam na própria estrutura social. Precisamos perguntar então quais as propriedades estruturais específicas de uma sociedade histórica que poderiam impedir o surgimento de crises de sentido e quais poderiam favorecê-lo (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 31).

Ao analisar um contexto histórico, onde os autores identificam quais tipos de sociedade estão mais propensas às crises de sentido, é perceptível que a pluralidade e o modernismo constituem um campo mais propício a essas crises. Em

sociedades pré-modernas, o agir humano era controlado por parte das instituições de poder, diferentemente dos tempos modernos:

Diverso é o caso em sociedades onde os valores comuns e obrigatórios não são (mais) dados a todos e assegurados estruturalmente e onde esses valores não atingem mais igualmente todas as esferas de vida, nem conseguem torná-las concordes. Com isso, está dada a condição básica para a difusão das crises tanto subjetivas quanto intersubjetivas de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 33).

A partir disso, pode-se considerar, sob a ótica dos autores, que as crises de sentido são agentes de transformação social, pois as reservas de sentido que regem essas comunidades passam a ser questionadas e repensadas (BERGER; LUCKMANN, 2004). Além disso, paralelo a uma realidade que as novas tecnologias de comunicação e informação têm transformado a interação entre as pessoas de forma exponencial, oferecendo novos espaços de comunicação e interação que não levam em consideração as barreiras geográficas, essas crises de sentido podem ser discutidas em maior escala, provocando a formação de novas comunidades de sentido resultantes de pessoas com conflitos em comum.

Ampliando o olhar para o regime social em que todas as comunidades estão submetidas, os autores trazem o conceito de sistemas supraordenados de sentido. Trata-se das grandes instituições de poder que garantem controles gerais sobre a população, ainda que seja com a finalidade de que estas exerçam suas individualidades (BERGER; LUCKMANN, 2004). Como citado anteriormente, a Constituição Brasileira pode ser citada como um desses sistemas. Ao mesmo tempo em que garante a liberdade de cada pessoa de expressar-se, praticar suas religiosidades, garantir direitos, entre diversos outros fatores, estas também impõem regras e deveres visando o bem comum, assim como sistemas de controle punitivos para quem não os SIGA. (BRASIL, 1988).

Outro exemplo eficaz para compreender esses sistemas supraordenados são os feriados religiosos. Apesar de nenhum indivíduo ser obrigado a seguir determinada religião ou prática religiosa, como garante ainda a Constituição Federal (BRASIL, 1988), os feriados nacionais religiosos no Brasil definem diversas práticas comerciais, culturais e institucionais que atingem a todos os cidadãos, independentemente das suas concordâncias ou não com a existência dessas celebrações.

Neste momento social em que as identidades individuais são livres para serem exploradas, desde que alguns sentidos gerais sejam seguidos, os autores trazem o conceito de pluralismo e pluralismo moderno para entendimento:

Criam-se assim também os pressupostos para outra coisa, isto é, para a coexistência de diferentes ordens de valores e de fragmentos de ordem de valores na mesma sociedade e, com isto, a existência paralela de comunidades de sentido bem diferentes. O estado que resulta desses pressupostos pode ser chamado de pluralismo. Quando ele se desenvolve como um valor supraordenado para a sociedade, podemos falar de pluralismo moderno (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 37).

Não se deve limitar o conceito de pluralismo apenas ao fato de pessoas que possuem diferentes modos de viver e agir convivendo em sociedade. Para Berger e Luckmann (2004), esta realidade pode ser encontrada em outras sociedades pré-modernas, mas um dos pontos determinantes são sociedades com uma estrutura econômica altamente industrializadas, onde os indivíduos tendem a se desenvolver da seguinte forma:

O indivíduo cresce num mundo em que não há mais valores comuns, que determinam o agir nas diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, idêntica para todos. Ele é incorporado pela comunidade de vida em que cresce num sistema supraordenado de sentido. Mas este não é mais evidentemente o sistema de sentido de seus concidadãos. Estes podem ter sido marcados por outros sistemas de sentido nas comunidades de vida em que cresceram (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 39).

A partir disso, pode-se pensar, por exemplo, nas questões relacionadas à imigração: indivíduos que cresceram em sociedades com sistemas supraordenados diferentes, relacionam-se entre si quando transitam entre países. Especificamente quando os objetivos dessas transições estão ligados ao trabalho e educação, essas pessoas passam a obedecer a diferentes sistemas supraordenados, tornando as suas reservas de sentido individuais ainda mais plurais.

Os autores apontam que existem também modelos sociais que favorecem a diminuição das crises de sentido: sociedades que "fomentam a coexistência pacífica de diferentes formas de vida e ordens de valores" (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 41). Esse modelo social não age com o objetivo central de garantir a diminuição das crises, mas esse fator acaba sendo uma das consequências desse modelo:

Não se destinam a agir diretamente contra a difusão de crises de sentido. Elas dizem ao indivíduo como se comprar em relação aos outros, isto é, pessoas e grupos diferentes dele em seu projeto de vida. Mas não lhe dizem como deve levar bem concretamente sua própria vida, quando a

validade inquestionável das ordens tradicionais for abalada. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 41).

Este modelo social garante, sobretudo, o bem-estar entre diferentes meios de vida, garantindo ao sujeito sua liberdade de conexão, criação e aproximação de novos grupos sociais que compartilham dos mesmos interesses, valores, crenças, ou seja, dos mesmos sentidos, sem que isso interfira no agir social de outros membros. Os autores concluem que “quanto menos condicionamentos, obrigatórios para toda a sociedade, das interpretações compartilhadas da realidade houver, tanto mais poderão desenvolver-se diferentes comunidades de vida em comunidades quase autônomas de sentido”. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 41).

Dentro do contexto percorrido até aqui, para compreender o fenômeno do cancelamento virtual, torna-se indispensável traçar um breve histórico sobre a inserção das tecnologias ao cotidiano humano, especialmente sobre a *internet*. Para conversar com Berger e Luckmann (2004) e abordar um caminho que explique de forma evolutiva as relações entre comunidades de sentido e tecnologia, utilizaremos as obras de Reisswitz (2012), Recuero (2009) e Castells (2003) como base.

3.3 Comunidades de sentido na internet

Compreendendo como a internet chegou até as casas de tantas pessoas, Reisswitz (2012) aborda a evolução da internet como dividida em três fases: a internet 1.0, 2.0 e 3.0. Na primeira fase, o objetivo principal era tornar possível a comunicação de pessoas de diferentes localidades e, posteriormente, comercializar essa possibilidade para que ela pudesse ser parte do dia a dia das pessoas. A autora afirma que nesta fase, considerada como estática, “seu conteúdo não pode ser alterado pelos usuários finais. Todo o conteúdo da página é somente de leitura, por isso o termo estático” (REISSWITZ, 2012, p. 04).

Já na segunda fase, a autora caracteriza “a interatividade e participação do usuário final com a estrutura e conteúdo da página” como uma das principais características (REISSWITZ, 2012, p. 04). É nessa fase que encontramos uma participação mais colaborativa por parte dos usuários. Aqui, os usuários também conseguem complementar informações e interagir de forma mais dinâmica com outros usuários, permitindo o compartilhamento de sentido e facilitando o surgimento de possíveis comunidades de sentido.

Neste momento da internet, surgem as primeiras redes sociais digitais, fortalecidas posteriormente na terceira fase da internet. Um dos exemplos são os *blogs*, que se configuraram como páginas de leitura, até então sem interatividade com os seus usuários. Para Karhawi (2018, 67), “os blogs estão nas redes antes mesmo da internet ser difundida em todos os lares ou facilmente acessadas por leigos em linguagens de programação”. A autora cita que no fim dos anos 1990 já era possível encontrar atuação de *blogs* no Brasil e que em suas origens, mas que os seus usuários eram basicamente pessoas com alto conhecimento tecnológico para a época, que possuíam domínio sobre a criação de conteúdo na internet de forma profissional (KARHAWI, 2018).

Com o passar dos anos, foram criadas ferramentas que ofereciam modelos de programação prontos, facilitando o uso de usuários comuns. A autora assemelha os blogs à prática do registro pessoal: para ela, eles tornaram-se ferramentas digitais que formavam um acervo pessoal da vida dos usuários. Com o tempo e o avanço das tecnologias, os blogs foram tornando-se também ferramentas de trabalho, nomeando até novos profissionais que passaram a viver através da comercialização desses espaços, os *bloggers* (KARHAWI, 2018).

Figura 3: Postagem do blog Garotas Estúpidas



Fonte: site oficial do blog¹⁴.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.garotasesupidas.com/top-10-posts-nostalgia-no-clima-do-lancamento-do-livro-estupida-eu/>>. Acesso em: 20/01/2023.

Partindo para compreensão da terceira fase da internet, ainda de acordo com Reisswitz (2012), novas funcionalidades permitem com que as vontades, desejos, comportamentos dos usuários sejam compreendidos, analisados e transformados em indicadores: seja por forma de sugestão de consumo, aproximação com novos usuários, apresentação de conteúdos específicos, entre outros.

Os rastros digitais dos usuários, isto é, todos os conteúdos acessados por eles e suas conexões, são usados para oferecer conteúdos otimizados de acordo com suas usabilidades: ao se pesquisar sobre passagens aéreas, por exemplo, podem ser oferecidos aos usuários sugestões de hospedagens, passeios turísticos, entre outros conteúdos relacionados ao segmento. Essa nova fase também contribui, conseqüentemente, para maior aproximação de pessoas com interesses em comuns, possibilitando a criação do que abordaremos como “comunidades virtuais”.

Castells (2003) aborda o termo “comunidades virtuais”, apresenta uma relação interessante para essa pesquisa quando incorpora as tecnologias de comunicação e informação como elementos de aproximação entre pessoas. Para o autor, as comunidades virtuais resultam da "culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas" (2003, p.98).

O autor também afirma que a complexidade dessas comunidades virtuais é equivalente à convivência fora do ambiente virtual. Esse conceito de comunidade virtual, trabalhando por Castells (2003) ainda em uma época paralela ao desenvolvimento da internet 1.0 e 2.0 (REISSWITZ, 2012), pode ser apontado como uma característica originária das redes sociais digitais, que para compreendê-las, utilizaremos dos estudos de Recuero (2009):

As redes sociais digitais possuem atualmente uma participação intrínseca no dia a dia do indivíduo moderno, como afirma a autora:

Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. É o surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e

conversações através dos rastros deixados na Internet que dá novo fôlego à perspectiva de estudo de redes sociais, a partir do início da década de 90. É, neste âmbito, que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet é utilizada através da perspectiva de rede social (RECUERO, 2009, p; 24).

Recuero (2009) aponta dois elementos essenciais para compreender a dinâmica das redes sociais digitais: a percepção de atores e conexões. Para a autora, os atores estão representados não apenas pelos usuários, mas por todas as plataformas que fazem a representação deles. Assim, perfis em *sites* de redes sociais digitais são considerados atores sociais, compreendendo que suas ações representam o agir humano que os controla através da inserção de informações: “inicialmente, não são atores sociais, mas representações dos atores sociais. São espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos autores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade”. (RECUERO, 2009, p. 26).

O segundo conceito abordado por Recuero (2009) é o de conexão, definido pela autora como os laços formados através das interações entre os usuários conectados em redes sociais digitais. Para a autora, “de um certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos” (RECUERO, 2009, p. 30). A autora traz três elementos essenciais para formação de conexão: interação, relação e laços sociais.

Recuero (2009) estabelece a interação como peça fundamental para estabelecer uma relação entre os autores e estabelecer laços sociais. Para ela, “a ação de um depende da relação de outro, e há orientação com relação às expectativas” (2009, p. 31). A conversação entre os atores é um dos exemplos de interação usados pela autora, já as ações envolvidas a partir delas, depende das trocas efetuadas entre os atores envolvidos. Essas interações nem sempre agem em tom de concordância, pois elas dependem das condições do universo em que os atores estão inseridos.

Associando o conceito de comunidades de vida e sentido de Berger e Luckmann (2004), compreendemos que as interações em rede refletem as realidades das comunidades de vida e de sentido em que os atores sociais estão envolvidos. Essa consideração, relacionada ao conceito de cultura do cancelamento abordada por Rodrigues (2020), Martins e Cordeiro (2022) e Camiloto e Urashima

(2020), estabelece como condição para o cancelamento virtual as percepções dos membros de suas comunidades, mais precisamente, os sentidos que essas comunidades possuem.

O conceito de relação está diretamente ligado a um número grande e frequente de interações como condição básica para existência. Novamente, a autora afirma que as relações não precisam ser construídas apenas em casos de concordância: “as relações não precisam ser compostas apenas de interações capazes de construir, ou acrescentar algo. Elas também podem ser conflituosas ou compreender ações que diminuam a força do laço social” (RECUERO, 2009, p. 37).

Como já apontado por Castells (2003), as dinâmicas nas comunidades virtuais são complexas, mas Recuero (2009) adiciona um fator importante e decisivo no desenvolvimento dessas relações: a intermediação das tecnologias. A autora enfatiza algumas questões, como a possibilidade do anonimato ou a distância do corpo físico do ator social:

A mediação pelo computador traz aspectos importantes para a relação social, como o distanciamento entre as pessoas envolvidas na construção dessa relação pode alterar a forma através da qual ela é estabelecida. Esse distanciamento proporciona, por exemplo, anonimato sob muitas formas, já que a relação entre o corpo físico e a personalidade do ator já não é imediatamente dada a conhecer. Logo, é mais fácil iniciar e terminar relações, pois muitas vezes, elas não envolvem o “eu” físico do ator (RECUERO, 2009, p. 37).

Para concluir a tríade de Recuero (2009) que compõe a lógica das redes sociais digitais, a autora atribui às relações sociais a responsabilidade pela construção dos laços sociais: “o laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes” (RECUERO, 2009, p.38).

Logo, poderíamos considerar que os laços sociais são necessários para construção de comunidades de sentido? Para responder a essa pergunta, utilizaremos o conceito de laços de associação, também abordado por Recuero (2009). De acordo com a autora, enquanto os laços relacionais sociais dependem diretamente das interações entre usuários conectados em rede, os laços de associação “independente desta ação, sendo necessário, unicamente, um

pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo” (RECUERO, 2009, p.39).

Para refletir de forma prática sobre uma diferenciação prática entre laços sociais e laços de associação, utilizaremos o exemplo da comunidade LGBTI+. É possível afirmar que nem todos os membros dessa comunidade, que possuem pessoas situadas em todo o mundo, já tenham experimentado interações e, conseqüentemente, estabelecido laços sociais. Porém, é possível afirmar que todos que se identificam com as definições da sigla, constroem um laço de associação que os une em uma comunidade de sentido.

Nesse universo de relações sociais, trazemos o conceito de capital social à luz de Bourdieu (1998). O autor compreende esse capital como recursos sociais que tornam possíveis ações e ganhos em coletivo. Bourdieu (1998) explora em sua obra diversos tipos de capitais, como o econômico, ligado às posses financeiras, o capital cultural, relacionado ao acervo de cultura construído pelo indivíduo no meio em que cresce; e o capital simbólico, que é definido por ele como uma forma de poder que é dado aos indivíduos que obtiveram, ao longo do tempo, reconhecimento necessário para conseguirem impor reconhecimento sob determinado valor. (BOURDIEU, 2004).

O capital social, de acordo com o autor, está diretamente ligado à rede de relações que o mesmo possui:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter reconhecimento [...] O volume de capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital {econômico, cultural ou simbólico} que é posse de cada um daqueles a quem está ligado. (BOURDIEU, 1998, p.67).

Logo, é possível estabelecermos uma relação direta dos conceitos de relações de Recuero (2009) com o de capital social de Bourdieu (1998). É perceptível que as relações construídas em redes sociais digitais possibilitam a expansão dos capitais simbólicos dos atores sociais, que relacionando-se com outros atores, podem construir comunidades de sentido, como citam Berger e Luckmann (2004), resultantes de suas possíveis crises subjetivas e intersubjetivas

de sentido, já que nesse ambiente digital, a aproximação entre os indivíduos torna-se mais fácil.

A inserção da internet no cotidiano humano adentrou as práticas mais comuns e cotidianas em várias sociedades. Dirigir um carro, fazer compras no supermercado, organizar a geladeira da sua casa, todas essas atividades podem ser otimizadas com o uso da internet, mas independentemente das particularidades da realidade de cada indivíduo, a conexão com a internet torna-se uma premissa em comum para todos.

É possível estabelecer um paralelo considerando que os usuários, apesar de adaptarem o uso da internet às suas rotinas pessoais, expressarem-se individualmente de acordo com suas reservas pessoais de sentido, possuem o acesso à internet surge como condição supraordenada de sentido para que essas individualidades possam ser expressas e compartilhadas com demais atores sociais, gerando conexões (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Além disso, a atuação em rede, mais especificamente em *sites* de redes sociais digitais, por exemplo, possui regras de conduta que todos os membros devem seguir, com a consequência de serem retirados dessas comunidades virtuais. O *Twitter*, uma das redes sociais digitais mais utilizadas em todo o mundo, possui um Termo de Serviço que todos os usuários, independente de representarem um indivíduo ou uma instituição, devem segui-lo:

Você pode utilizar os Serviços somente se concordar em celebrar um contrato vinculante com o *Twitter* e não for uma pessoa impedida de receber serviços sob as leis da jurisdição aplicável. Em qualquer hipótese, você deve ter no mínimo 13 anos de idade, ou no caso do Periscope 16 anos de idade, para utilizar os serviços. Se estiver aceitando estes Termos e utilizando os Serviços em nome de uma empresa, organização, governo ou outra entidade legal, você declara e garante que está autorizado a realizar tal ação e que tem poderes para vincular referida entidade a estes Termos, hipótese em que as palavras "você" e "seu" conforme utilizadas nestes Termos farão referência a tal entidade (TWITTER, 2023, p.01).

Analisando a temporaneidade, uma nova fase da internet denominada *web 4.0* é abordada por Mbrunge, Jiyane e Muchewa (2022). Esta fase é conhecida como uma internet ultra inteligente. Marcada por agentes eletrônicos, é baseada em múltiplas tecnologias que permitem interações entre máquinas e agentes humanos

com o objetivo de conectar serviços inteligentes do mundo virtual para o mundo físico, promovendo uma maior integração entre esses espaços.

Para os autores, uma das características diferenciadoras desta nova fase da internet é o uso inteligente dos dados dos usuários para oferecer benefícios ao usuário, de forma que o ambiente virtual esteja completamente integrado ao ambiente físico. Em uma perspectiva positiva por parte dos autores, essa nova fase pode organizar dados de acordo com as preferências e comportamentos do usuário, impactando positivamente em toda a sua vida. Os autores chegam a utilizar o termo *“powerfull as the human brain”*, traduzido como “poderoso como o cérebro humano” para caracterizar uma fase da internet integrada aos seus usuários em todas as esferas da vida (MBRUNGE; JIYANE; MUCHEWA, 2022).

Através da análise da evolução da internet na vida das pessoas, percebemos que suas características possibilitam com maior facilidade a criação de novas comunidades de sentido. Já que de acordo com Berger e Luckmann (2004), essas comunidades podem se conectar através de reservas de sentido compartilhadas, percebemos que as possibilidades que a internet e, mais especificamente as redes sociais digitais oferecem para os seus usuários, constroem um campo favorável para a criação de novas comunidades de sentido.

Os acervos de sentido presentes em cada uma dessas comunidades constroem regras de participação, ao determinar um sentido em comunhão que esses membros compartilhem (BERGER; LUCKMANN, 2004). Tal conceito pode ser posto em diálogo com alguns conceitos propostos por Foucault (2009), como, por exemplo, os discursos, as regularidades e os regimes de verdade, como veremos a seguir.

3.4 Noções sobre o discurso a partir da obra de Foucault

O conceito de discurso é essencial, na perspectiva desta pesquisa, para fundamentar o fenômeno do cancelamento. De acordo com Foucault (2009), trata-se de uma rede heterogênea de enunciados que possibilitam o sentido. O enunciado possui domínio sobre os objetos, possui um possível sujeito e aparece posteriormente como um objeto materializado repetível.

O conjunto de enunciados que são originados de um mesmo sistema de formação configuram um discurso. Esse sistema de formação leva em consideração quando, onde e por quem os enunciados foram emitidos. A noção de formação discursiva é importante para identificar os fatores que permitiram o surgimento de um discurso em um determinado tempo e espaço.

[...] se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2009, p.43).

As regularidades são conjuntos semelhantes que aparecem sucessivamente em uma formação discursiva com correlações simultâneas, servindo como elementos de dispersão em um discurso. Quando se tenta descrever a regularidade de um discurso, adentra-se no conceito de positividade: ao analisar positivities, se estabelecem as condições que definem a unidade de um discurso ao longo do tempo, mostrando quais são as regras que permitem a formação de grupos de objetos (FOUCAULT, 2009).

Ao articular o conceito de discurso, a partir do pensamento de Foucault (2009), com a obra de Berger e Luckmann (2004), podemos compreender que os discursos são essenciais para a formação do sentido e, conseqüentemente, das comunidades de sentido. As regularidades abordadas por Foucault (2009) podem ser inseridas dentro do contexto das comunidades de sentido como os discursos que se repetem ao longo do tempo, de forma tão frequente, que se estabelecem regras de participação dessas comunidades, podendo essas regras estarem explícitas ou não para os seus membros.

Outro conceito essencial é o de acontecimento discursivo: trata-se de discursos que rompem com as regularidades dos discursos existentes. Uma vez que os discursos precisam ser sempre considerados levando em consideração o espaço e data em que foram emitidos (FOUCAULT, 2009), é possível que com o passar do tempo, alguns discursos sejam questionados, abordando uma perspectiva que reflita o tempo e espaço em que eles agora são emitidos.

Relacionando o fenômeno do cancelamento com o pensamento de Foucault (2009) e de Berger e Luckmann (2004), entende-se que as comunidades de sentido

possuem regras de formações discursivas que oferecem uma base para formação de discursos específicos, que relacionados com demais discursos de variados sujeitos, em determinado tempo e espaço, podem determinar se um sujeito é parte ou não daquela comunidade, assim como sua possível posição de influência sob os seus membros.

Quando algum desses indivíduos rompe com essas regras, provocando um acontecimento discursivo, podemos associar a dois fatores, em duas perspectivas, mas que estão interligados: 1) ao surgimento das crises de sentido, como aborda a obra de Berger e Luckmann (2004); e 2) a possibilidade do cancelamento, como fundamentado de acordo com os autores trabalhados nesta pesquisa. Em suma, as crises de sentido dentro de uma comunidade podem possibilitar o cancelamento virtual, através de resposta dos seus membros que não compactuam com a quebra discursiva provocada pelo indivíduo cancelado.

Logo, compreende-se que os discursos são os principais formadores de comunidades de vida e de sentido. As formações discursivas dentro das comunidades estabelecem ordens de discursos entre seus indivíduos, entendendo que aquele que não concorda com as regras dessas ordens, não é necessariamente parte daquela comunidade, abrindo oportunidade para criação de infinitas redes de indivíduos que possuem ideais alinhados entre si e que se mantêm em constante transformação.

É importante destacar que, os discursos, enquanto formadores de significados que originam comunidades de sentido, possuem temas que podem variar o significado de acordo com os conceitos de espaço e tempo. Sendo assim, os discursos presentes em diferentes comunidades podem possuir infinitos significados, sendo necessário considerar o contexto em que ele foi emitido pelo sujeito enunciador (MACHADO, 2016).

Mas, no cancelamento virtual, observa-se que muitas vezes o contexto do tempo e espaço podem ser ignorados. Como exemplo prático, observamos o caso da empresária Giovanna Leão, de 25 anos, participante da “Casa de Vidro”, do *Big Brother* Brasil 2023, um dos maiores *realities shows* da indústria do entretenimento brasileiro.

Através dessa breve análise, percebe-se que uma das reservas de sentido dessa comunidade é o respeito às causas raciais, corrompido pelos discursos de Giovanna em seus *tweets* publicados ainda no ano de 2016. Uma das possíveis consequências desse cancelamento foi a rejeição do público em relação à participante, que acabou sendo eliminada ainda nesta etapa pré-seletiva.

Como tentativa de reestruturação com a comunidade de sentido rompida pelo cancelamento, Giovanna utilizou de suas redes sociais digitais para se desculpar com o público, alinhando-se às reservas de sentido dessa comunidade, conforme o trecho: “[...] quero pedir PERDÃO por minhas falas totalmente erradas, meu pensamento tão equivocados na época - comparada à atual vivência e consciência de classe que possuo hoje - pois na época, eu era cercada apenas pela branquitude e seus privilégios”¹⁶.

Podemos considerar que os discursos são essenciais para toda a dinâmica que perpetuam a cultura do cancelamento. É importante a concepção que, para Foucault (2009), esses não estão limitados apenas a formas mais tradicionais, estabelecidas no senso comum como textos, falas, pronunciamentos, entre outros. O autor estabelece como discurso todas as atitudes que tornam possível a compreensão do sentido (FOUCAULT, 2009). Se considerarmos o contexto atual da sociedade, que possui a internet não apenas como parte das dinâmicas sociais, mas como agente que possibilita essas interações em larga escala, as possibilidades de discursos a serem consideradas na dinâmica do cancelamento virtual são infinitas.

Ao levar em consideração as possibilidades diversas de formação de comunidades de vida e sentido, das dinâmicas de rompimento dessas reservas de sentido que conseqüentemente possibilitam a formação de novas comunidades, todas as atitudes de um indivíduo podem ser consideradas como discurso e, posteriormente, passíveis de questionamentos e análises que podem possibilitar a cultura do cancelamento virtual.

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnX4ihvebT/?utm_source=ig_embed&ig_rid=44a6b256-56ca-4895-b1e2-07cbddfa2833> Acesso em: 25/01/23.

4. CULTURA DO CANCELAMENTO E CONSUMO DE ATIVISMO

Neste capítulo, a cultura do cancelamento será abordada à luz do Consumo de Ativismo, conceito proposto por Miranda e Domingues (2018). As autoras, que refletem o momento social possibilitando a compreensão de como o consumo se estabelece na modernidade e na pós-modernidade, abordam um novo tipo de consumidor característico da união entre consumo e ativismo social.

Mas, antes de adentrar ao conceito de consumo de ativismo e de como ele está ligado à cultura do cancelamento, é necessário entender quais os sistemas de capitais que estão envolvidos nessa dinâmica. Para isso, nos apoiaremos na obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Suas obras contribuíram significativamente em diversas áreas do saber e contribuem para o entendimento da dinâmica social onde a cultura do cancelamento surge.

4.1 Os múltiplos capitais de Bourdieu na Gestão da Influência

Em sua obra *As Formas do Capital*, Bourdieu (1986) conceitua os capitais com a finalidade de compreensão da dinâmica social entre os indivíduos. O autor aborda os conceitos de capital econômico, social e cultural como elementos fundamentais na relação dos atores sociais. Nos seus estudos, o autor considera as sociedades em que os sujeitos estão imersos para entender como a formação dos capitais se sobressaem em cada realidade: alguns capitais podem ser herdados; outros, adquiridos.

Bourdieu (1989) compreende a sociedade como um espaço de disputas entre os atores sociais, estando esses organizados individualmente ou em grupos. Para ele, todos estão em constante busca da melhoria de sua posição social, que não deve ser limitada apenas a um tipo de capital. Na cultura do cancelamento, compreender quais os capitais mais potencializados em cada sujeito cancelado, será essencial para uma melhor compreensão dos episódios.

O capital pode ser apresentado em três aspectos: o capital econômico, o qual pode ser imediatamente e diretamente convertido em dinheiro e pode ser institucionalizado em direitos de propriedade; como capital cultural, o qual é convertido, em certas condições em capital econômico e pode ser institucionalizado na forma de qualificações educacionais; e capital social, feito de obrigações sociais, “conexões”, o qual é convertível, em

determinadas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado na forma de notabilidade (BOURDIEU, 1986, p. 47, tradução própria).

O capital econômico pode ser encontrado em diversas formas de bens econômicos, como o dinheiro, bens materiais, heranças, e suas formas de produção e acúmulo podem ser diversas: detenção de terras, indústrias, trabalho. Socialmente, diversas estratégias para potencializar esse capital e multiplicá-lo exponencialmente movem o dia a dia de diversos indivíduos (BOURDIEU, 1997).

Já o conceito de capital cultural, surge a partir do acervo de conhecimento do indivíduo, seja esse proveniente do seu convívio familiar, ainda que de forma empírica, na escola, universidades, círculos sociais acadêmicos, ou seja, do seu acesso à educação. Mas, analisando de forma mais específica, Bourdieu (1998) divide o capital cultural em três formas:

No estado incorporado, ou seja, na forma de disposições duradouras da mente e corpo; no estado objetivado, na forma de bens culturais (imagens, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, etc.), que são os rastros ou realização de teorias ou críticas dessas teorias, problemáticas, etc e no estado institucionalizado, uma forma de objetivação que deve ser separada porque, como será ver no caso das qualificações escolares, confere propriedades inteiramente originais ao capital cultural que se presume garantir (BOURDIEU, 1986, p. 17, tradução própria).

Pode-se construir o capital cultural de um indivíduo em três categorias: no sentido incorporado, objetivado e institucionalizado, No primeiro caso, entende-se que advém os acervos culturais pertencentes às vivências do indivíduo. Algumas características desse tipo de capital cultural estão diretamente ligadas à relação familiar: além de possuir ligação com a biologia, ela também se conecta à sociabilidade.

Na perspectiva de Bourdieu (1998), a vivência de determinadas situações são repassadas em gerações, se formando durante toda a vida do indivíduo, sendo o capital que mais se separa do capital econômico, por exemplo. Essas vivências em família constroem um acervo cultural pertencente às representatividades de seus corpos e existências.

Já o capital objetivado está diretamente relacionado às percepções do indivíduo sobre as experiências que o mesmo vivencia. Diferente do capital cultural incorporado, ele é transmitido por bens culturais. Obras de arte, livros, músicas,

entre diversos outros exemplos, podem ser experimentados pelo indivíduo e suas percepções sobre eles será formada através do acervo cultural adquirido por este. O capital cultural objetivado possui uma grande relação com o incorporado, mas se aproxima um pouco mais do capital econômico, já que este facilita o acesso a esses bens materiais que possibilitam o acúmulo de capital cultural objetivado (BOURDIEU, 1998).

O terceiro, o qual abordaremos como institucional, refere-se aos títulos concedidos por cada indivíduo: diplomas, níveis de formação, títulos organizacionais são alguns dos exemplos. Em sociedade, esses títulos garantem ao indivíduo um valor e comprovação jurídica acerca do seu capital cultural:

Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico (BOURDIEU, 1998, p. 75).

Como citado por Bourdieu (1986), essas capitais não se excluem, mas se complementam. Ao analisarmos a contemporaneidade, sabemos que o capital econômico, por exemplo, pode potencializar o capital cultural de um indivíduo a partir do momento que ele oferece acesso à formações institucionais, convivência com diferentes círculos sociais.

Já o capital social, o mais importante para compreensão do tema desta pesquisa, é um dos capitais mais explorados na sociedade contemporânea. O autor o define como:

O capital social é a soma dos recursos atuais ou em potencial relacionados às à posse de uma rede durável de relacionamentos que esteja mais ou menos institucionalizados de conhecimento e reconhecimento mútuo - ou, em outras palavras, o pertencimento à um grupo - que provém aos seus membros uma "credencial", através do acervo de coletividade, que os titula com créditos em vários sentidos no mundo (BOURDIEU, 1986, p. 21).

O capital social, diferente dos capitais culturais econômicos e culturais, não é pertencente ao sujeito, mas nas relações que se estabelecem entre os membros de um mesmo grupo. Podemos compreendê-lo como um capital que precisa de constante manutenção, já que as relações se estabelecem em constante mudanças.

Relacionando o conceito de capital social de Bourdieu (1986; 1998) com o de comunidades de sentido, de Berger e Luckmann (2004), compreendemos que essas comunidades também são agentes de formação de capital social, uma vez que são formadas por relações que constroem o capital social. Além disso, analisando os estudos de Recuero (2009) e Karhawi (2018), percebemos que as redes sociais digitais além de tornarem-se ferramentas de aproximação entre pessoas, também contribuem para formação de relações sociais que contribuem com o aumento de capital social do indivíduo.

Podemos estabelecer um paralelo: assim como citado por Bourdieu (1986), o capital social necessita de constante manutenção e na convivência digital, a interação, segundo Recuero (2009) é potencializada através de diversos recursos: curtir uma foto, compartilhar uma postagem, fazer um comentário, seguir um perfil, todos esses são exemplos de interações digitais que exigem baixo esforço por parte dos usuários, mas que contribuem para o reforço dos laços que envolvem o capital econômico.

Além desses conceitos, Bourdieu também aborda em sua obra o capital simbólico, diretamente ligado à quantidade de capital acumulado por determinado indivíduo. Para o autor, o capital simbólico se estabelece quando algum determinado tipo de capital se torna legítimo, reconhecido e lembrado como pertencente a algum indivíduo (BOURDIEU, 1987).

Alinhando-se ao conceito de comunidades de sentido, abordado no primeiro capítulo desta pesquisa, assim como a predeterminação dessas comunidades às crises de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004), podemos interpretar que as dinâmicas sociais baseadas nos jogos de capitais participam decisivamente da formação, participação e possíveis rupturas em comunidades de sentido.

Nesse contexto, as dinâmicas entre capitais se apresentam como características que determinam as reservas de sentido de determinadas comunidades. Isto é: podemos pensar em comunidades de vida e de sentido pautadas no capital econômico de seus membros como fator determinante, ou comunidades formadas de acordo com os acervos de capital cultural adquiridos por pessoas que possuíam interesses comuns ao decorrer de suas vidas, assim como

comunidades de sentido que se formam em busca da criação de conexões através de capitais sociais.

4.2 Consumo Simbólico e Consumo de Ativismo

O entendimento de que o consumo se estabelece como uma das formas de expressão dos indivíduos em sociedade não é novo: seja ele o consumo tradicional, voltado para produtos e serviços, ou o consumo simbólico, interpretado por Lévy (1959) como um ato de consumo em que as pessoas não adquirem determinadas coisas apenas pelos seus valores funcionais, mas pelo que elas significam em sociedade.

Quase cinco décadas depois, Miranda (2008) traz uma perspectiva do consumo simbólico ligado ao marketing: para a autora, com os adventos da globalização, que derrubou fronteiras e contribuiu para um maior acesso à diferentes povos, culturais e significados, surge nos indivíduos a necessidade de identificar-se a um determinado grupo ou comunidade como forma de distinção.

Dez anos após, em coautoria com Izabela Domingues, as autoras enfatizam a necessidade de expressão do indivíduo através do consumo, que “pode ser explicado pela necessidade de expressar significados mediante a posse de produtos que comunicam à sociedade como o indivíduo se percebe enquanto integrante com grupos sociais” (DOMINGUES; MIRANDA, 2018, p. 33)

Articulando com outros autores abordados nesta pesquisa, o agir social de Berger e Luckmann (2004) também pode ser apontado como fator considerável no ato do consumo: “em verdade, todo consumo é cultural porque sempre envolve significados: temos necessidades e agimos em função delas interpretando sensações, experiências e situações para dar sentido e transformar objetos”. (DOMINGUES; MIRANDA, 2018, p.34).

Além disso, percebemos a relação direta do capital cultural objetivado e do capital social de Bourdieu (1998): é através do consumo que podemos adquirir elementos que contribuam para nosso capital cultural, assim como possuir determinados bens ou valores nos proporciona acesso e relação com determinadas comunidades de vida e sentido.

Refletindo sobre essas práticas de consumo na sociedade atual, Domingues e Miranda (2018) apoiam-se na obra de Canclini (2016) para análise do consumo no século XXI: as autoras refletem que consumir não se separa da cultura, está intrinsecamente associado aos processos sociais. “Há valores, significados e discursos implícitos e/ou explícitos de poder, seleção, classificação e organização nos mais distintos contextos sociais.” (DOMINGUES e MIRANDA, 2018, p. 31).

E, nesse contexto, o consumo não se separa das práticas de ativismo, entendido como “o consumo de símbolos capazes de propagar ideias e conceitos, os quais, por sua vez, acabam sendo reprocessados pelo sistema a favor de sua própria reprodução” (DOMINGUES; MIRANDA, 2018, p. 31). E considerando novamente a participação da internet no cotidiano humano, as autoras afirmam que:

Hoje, não é mais possível falar sobre ativismo sem falar sobre consumo e internet. Também não é possível falar sobre consumo sem pensar nas modificações intensas impostas às suas práticas na contemporaneidade tanto pela internet quanto pelo ativismo (DOMINGUES; MIRANDA, 2018, p. 63).

O consumo de ativismo reflete um momento de maior exigência por parte dos consumidores cidadãos em relação aos produtos, serviços e marcas que consomem, mas que não necessariamente implicam em atitudes ativistas diretas: “o consumo de ativismo é a adesão ao discurso ativista como valor simbólico de interação social que não implica em prática de ação ativista, mas que também não a exclui” (DOMINGUES; MIRANDA, 2018, p.83).

Como consequência dessas novas exigências, apoiar-se em símbolos ligados à causas sociais em campanhas para promoção de produtos e serviços não é mais o suficiente aos olhos dos consumidores: é necessário que as ações estejam alinhadas aos discursos e imagens trabalhados em campanhas. Domingues e Miranda (2018) exploram a formação de dois tipos de consumidores: o consumidor ativista e o consumidor de ativismo. A ligação entre esses dois públicos é essencial para entender as relações de potencialização entre eles.

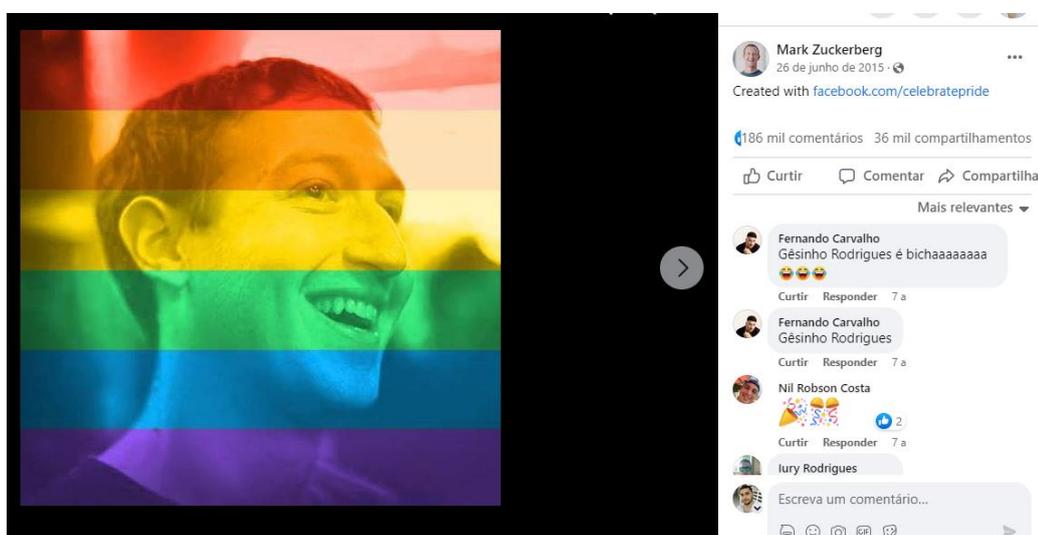
De acordo com as autoras, “todo consumidor ativista é um consumidor de ativismo, mas nem todo consumidor de ativismo é um consumidor ativista” (DOMINGUES; MIRANDA, 2022, p. 122). O consumidor ativista possui como premissa o ativismo para consumir: não apenas em seus discursos, mas também

nas ações por parte de quem ele está consumindo. O consumidor de ativismo, não necessariamente participa de ações em prol de determinadas causas, mas demonstra seu apoio e simpatia aos movimentos através do seu consumo.

Para entender essa relação, é preciso observar o mercado: é comum encontrar produtos ligados à causas sociais através dos seus símbolos. Tomando como exemplo à luta das pessoas LGBTQIA+, o consumidor ativista se configuraria como aquele que consome de empresas e marcas que declaram o apoio à causa, oferecem oportunidades de emprego e visibilidade a pessoas LGBTQIA+, se comprometem com ações sociais para inclusão e respeito. Além disso, ele também participa de ações sociais (caminhadas, protestos, entre outros) que materializam o seu ativismo em sociedade.

Já o consumidor de ativismo, pode não estar presente nesse “campo de batalha”, como citam Domingues e Miranda (2022, p. 123), mas exercem os seus apoios às causas através do consumo: coleções de roupas temáticas, doações revertidas em apoio à projetos sociais voltados para causa, interações no ambiente digital que demonstram o apoio. Pode-se citar como um exemplo do último citado, quando em 2015 a Suprema Corte dos Estados Unidos aprovou a união matrimonial entre pessoas do mesmo sexo e, após resistências de grupos conservadores, diversos usuários do *Facebook* utilizaram as cores da bandeira LGBTQIA+ para demonstrar o seu apoio, incluindo o criador da plataforma, Mark Zuckerberg.

Figura 5: Mark Zuckerberg em apoio à causa LGBTQIA+



Fonte: perfil de Mark Zuckerberg no *Facebook*¹⁷

O movimento de quase 26 milhões de usuários¹⁸ fez com que a plataforma disponibilizasse uma ferramenta exclusiva para o apoio à causa. Esse é um exemplo da transgressão do consumo de ativismo, proposto por Domingues e Miranda (2018). Para entender a transgressão, precisa-se racionalizar que, diferentemente do consumo tradicional, no consumo de ativismo, não se analisa como o indivíduo é parte da sociedade através do consumo, mas sim como ele, enquanto sujeito transformador, pode provocar mudanças através do consumo:

O objetivo do consumo de ativismo não é estudar a socialização sob o ponto de vista de processo no qual os indivíduos aprendem a viver e a se comportar efetivamente com outras pessoas, mas a ruptura com esse processo. O ponto central não é o modo pelo qual a pessoa se integra na sociedade ou se marginaliza, mas como o indivíduo se coloca como agente de transformação da sociedade (DOMINGUES; MIRANDA, 2022, p. 133).

A transgressão é o ponto chave no consumo de ativismo. É através dela que as mudanças sociais são impulsionadas pelo consumidor de ativismo, em soma com outros agentes em um mesmo tempo e espaço em uma sociedade. As regras sociais também são utilizadas para identificar transgressores: são esses indivíduos que, ao não seguirem as regras sociais impostas (explícitas ou implicitamente), tornam-se mais suscetíveis a processos de julgamento, retaliação e, conseqüentemente, do cancelamento (DOMINGUES; MIRANDA, 2022).

Por essas considerações, o consumo de ativismo pode ser apontado como um agente impulsionador da cultura do cancelamento: os discursos dos “canceladores” podem ser compreendidos como a ação de consumidores ativistas que, fora do meio digital, vão às ruas, participam de protestos, reivindicações, entre outros.

As interações digitais presentes nessa cultura, como os atos de seguir ou deixar de seguir o perfil de uma pessoa cancelada, podem se configurar como uma forma do consumidor de ativismo declarar o seu apoio ou insatisfação no consumo

¹⁷ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=10102203860243201&set=a.743613136151>> Acesso em: 20/01/2023.

¹⁸ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/30/tecnologia/1435666552_856487.html>. Acesso em: 20/01/2023.

simbólico do conteúdo que é explorado pela pessoa cancelada em determinada rede social digital, se assemelhando ao consumo de ativismo mais silencioso, mas ainda presente e impactante nas práticas mercadológicas, como apontam Domingues e Miranda (2022).

4.3 O cancelamento na prática

A prática do cancelamento se assemelha ao conceito de Terrorismo de Marca, apresentado por Domingues (2011), caracterizado em linhas gerais pela ação dos consumidores através do uso da internet, especialmente das redes sociais digitais, transformando as relações de poder dentro do universo da Publicidade e do Marketing.

Ao identificarem práticas não condizentes com as identidades construídas pelas marcas, os cidadãos acionam seus discursos como formas de reivindicação do consumo dessas marcas (DOMINGUES, 2011). A autora caracteriza um novo tipo de consumidor, os *prosumers*, que possuem um perfil mais ativo e participativo, resultantes de um sistema de mão dupla: eles são consequência da inserção das tecnologias digitais no cotidiano humano, que possibilitam não apenas a recepção das mensagens, mas a contribuição, interação e relacionamento entre marcas e consumidores.

Por mais que exista uma grande força transformadora na atitude dos prosumers, fazendo circular seus discursos ativistas através da internet, dentro de um contexto de consumerismo política, essa não é capaz de modificar profundamente o sistema-mundo capitalista. O discurso ciber militante, entretanto, consegue incomodar as corporações hegemônicas e, às vezes, modificar algumas de suas condutas por atingir suas marcas, maculando a imagem que seus públicos-alvos têm delas (DOMINGUES, 2011).

Na cultura do cancelamento, os atores sociais também utilizam de seus discursos como forma de reivindicação, todavia, o consumo direto não se dá como fator necessário: não é preciso consumir o produto ou serviço de uma marca para agir como elemento do cancelador. Percebe-se uma ligação direta entre o terrorismo de marca e a cultura do cancelamento, uma vez que o consumo não é limitado às formas tradicionais: todos podem ser interpretados como marcas, estando sujeitos às reivindicações de quem consome o seu conteúdo, produto ou serviço.

Domingues conclui no Terrorismo de Marca (2011) que os discursos dos *prosumers* modificam a percepção das marcas por determinados públicos. As práticas observadas na cultura do cancelamento promovem uma percepção similar quanto aos seus efeitos, posicionando a prática como uma conduta de terrorismo de marca, porém, neste novo cenário, pessoas também estão suscetíveis a protagonizarem o local do “cancelado”, funcionando como uma espécie de terrorismo de reputações.

Esse fato pode ser relacionado com o que é trabalhado por Han (2018) na obra “A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação”. O autor analisa como a participação dos algoritmos pode limitar os usuários a consumirem apenas o que se aproxima de suas vivências, o que aplicado no conceito dessa pesquisa, pode impactar na criação de comunidades de sentido limitadas.

O autor aborda o conceito de “terror do idêntico”, onde traz a perspectiva de que, os conteúdos entregues às massas através de elementos diversos (desde jogos e filmes até postagens em redes sociais digitais) visam como prioridade eliminar distâncias geográficas e aproximar pessoas com gostos em comum, o que na perspectiva dessa pesquisa será entendido como sentidos em comum. O autor reflete sobre como essa prática potencializa o desconforto nos indivíduos em lidar com o diferente, isto é, com outras formas de sentido (HAN, 2018).

Han (2018) defende que ao consumir apenas o que se identifica como igual a si, as pessoas se limitam e expulsam de suas redes de convivência o que é diferente. Essa perspectiva é importante para compreendermos se a cultura do cancelamento é potencializada pelo desconforto dos “canceladores” em lidar com as diferenças; ou até mesmo se o que é considerável “elemento cancelável” é reflexo de uma repulsa aos discursos que não se alinham ao senso comum em determinada comunidade de sentido.

De acordo com um relatório da agência Mutato (2020), que realizou um levantamento estatístico sobre a cultura do cancelamento no Brasil, existem três níveis de cancelamento: o boicote, o “*ban* e *close* errado” e o linchamento virtual e cancelamento. O estudo caracteriza o boicote como algo que está relacionado diretamente a agentes sociais em situação de poder, como grandes marcas e políticos, que quando quebram a confiança dos seus consumidores, enfrentam

reivindicações relacionadas às suas incoerências. Esse movimento, para o estudo, gera pouco ou quase nenhum dano às instituições.

Já o “*ban e close errado*”, sendo o “ban” uma abreviação do verbo banir e “*close errado*” usado para designar uma atitude controversa, são termos originados de uma comunicação típica da internet e possuem um caráter informal. A pesquisa enfatiza que este movimento geralmente é protagonizado por usuários anônimos que ganham notoriedade graças a conteúdos viralizados na internet e estão ligados a casos isolados e pontuais (MUTATO, 2020).

Já o terceiro, o linchamento virtual e o cancelamento, é caracterizado na pesquisa como uma somatória de atitudes erradas por parte do usuário cancelado, é mais suscetível de ser protagonizado por celebridades, influenciadores digitais e são apontados a partir de incoerências desses atores sociais em situações acumuladas (MUTATO, 2020).

Por essas questões, observa-se que o entendimento da prática da influência digital é necessária para entender como a cultura do cancelamento se popularizou. Karhawi (2017; 2018) institucionalizou a prática como uma profissão da área de comunicação e possui importante relevância no contexto social.

4.4 A cultura do cancelamento como consequência da Influência Digital

A prática da influência digital não é necessariamente uma novidade na contemporaneidade: desde a era dos blogs, na segunda fase da internet, esses conceitos já são exercidos por criadores de conteúdo digitais na internet. Todavia, a denominação “influenciadores digitais” é um conceito que resulta da independência desses profissionais em relação as plataformas utilizadas.

Aos que criavam conteúdos em *blogs*, eram chamados de “*bloggers*”, aos que produziam vídeos para o *YouTube*, “*youtubers*”, e assim por diante. Ao passar do tempo, esses criadores perceberam que suas atividades não poderiam estar limitadas a essas plataformas ou *sites* de redes sociais digitais, uma vez que estas poderiam mudar com frequência ao decorrer do tempo. A “matéria-prima” da prática, a influência, nomeou a profissão de forma que esses profissionais tornem-se independentes em seus exercícios (KARHAWI, 2018).

Os influenciadores, além de serem usuários que produzem conteúdo e consomem de outros, também funcionam como espaços de publicidade e divulgação de marcas. Para Karhawi (2017, p. 54), o influenciador digital passa por algumas etapas até se tornar, de fato, este tipo de profissional. O requisito mais importante é a produção de conteúdo, que não está limitado a um conteúdo específico, “pode ser desde fotos bem clicadas para o Instagram, posts em blogs, montagens divertidas no *Facebook*, até vídeos com edição profissional, textos especializados, etc”.

Tornar-se um influenciador digital é percorrer uma escalada: produção de conteúdo; consistência nessa produção (tanto temática quanto temporal); manutenção de relações, destaque em uma comunidade e, por fim, influência. Um influenciador pode ser tanto aquele que estimula debates ou agenda temas de discussão em nichos, quanto aquele que influencia na compra de um lançamento de determinada marca. Em ambos os casos, o processo de solidificação em termos de crédito, capital e reputação são os mesmos (KARHAWI, 2017, p. 59).

Muitos influenciadores, como observamos nos casos destacados nesta pesquisa, protagonizaram episódios de cancelamento digital. Como toda marca, ao se firmarem como profissionais, estes possuem valores, ideais e discursos que precisam estar alinhados de acordo com as reservas de sentido em que estes estão inseridos em suas comunidades. Os seus respectivos públicos, fidelizados pela identificação com algum destes valores, assumem um papel ativista para questionar possíveis incoerências nas ações, discursos e imagens desses profissionais.

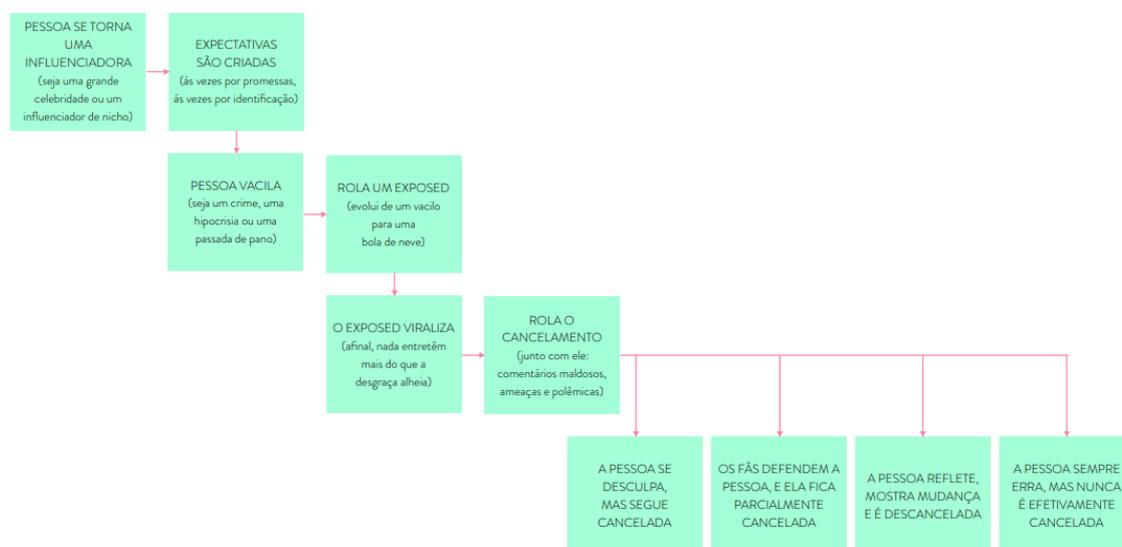
Na prática da influência digital, um conceito importante para essa pesquisa é o “eu como mercadoria”, a partir de Karhawi (2016). A autora aborda como o dia a dia, as peculiaridades pessoais de cada influenciador tornam-se ferramentas de trabalho para suas audiências. Essa aproximação com o “eu” aproxima ainda mais os laços entre o influenciador e o seu público: é a partir disso que será analisado como a exploração do “eu” por parte dos influenciadores pode torná-los mais suscetível à cultura do cancelamento.

De acordo com a Mutato (2020), o cancelamento possui um passo-a-passo prático, como observa-se na imagem abaixo, em que a condição social inicial para que um indivíduo seja cancelado é tornar-se um influenciador, independentemente do nicho em que o mesmo ocupe.

Figura 6: Infográfico da Cultura do Cancelamento

FUNCIIONAMENTO

Um infográfico prático, com um passo-a-passo de como o cancelamento acontece.



Fonte: MUTATO (2020)¹⁹

Observa-se que alguns conceitos trabalhados até aqui são envolvidos no processo. Após torna-se um(a) influenciador(a), o indivíduo cancelado gera expectativa no seu público, criadas através das conexões feitas por ele em suas práticas digitais, como sinaliza Recuero (2009). Após a condição de influenciador, as práticas de vigilância são aplicadas pelos usuários que consomem conteúdos destes atores sociais, como tratado na perspectiva contrária ao Panóptico de Bentham, de Foucault (1987), onde neste cenário abordado na pesquisa, os muitos vigiam os poucos.

A viralização e o compartilhamento exponencial dos conteúdos podem ser apontados como características da evolução das ferramentas na web, que facilitam os processos de compartilhamento em massa, contribuindo para esse cenário. Após o movimento do cancelamento, onde os “vigilantes” ou “canceladores” apontam as incoerências e cobram por reposicionamentos, a pesquisa cita que alguns caminhos são geralmente seguidos.

O primeiro refere-se a quando o indivíduo cancelado se retrata, mas não é perdoado. Já o segundo caso, enfatiza os laços formados nas interações sociais

¹⁹ Disponível em: <<https://www.muta.to/01-cultura-do-cancelamento>> Acesso em: 20/01/2023.

(RECUERO, 2009) são fortes e não quebram a relação entre os seguidores mais participantes, que agem como defensores, e este indivíduo permanece cancelado apenas com parte do público. O terceiro, trata-se de um reposicionamento do indivíduo cancelado, que é compreendido pelo público como uma nova aquisição de valores de marca. O quarto, por fim, é quando o cancelamento não produz efeitos no indivíduo, que continua a repetir atitudes consideradas errôneas, mas que não passa por consequências suficientes para apresentar quaisquer mudanças em suas ações sociais (MUTATO, 2020).

Ainda na pesquisa, que extrai dados do cancelamento na prática, o *Twitter* é rede social que funciona como o “palco principal” no festival do cancelamento. Por sua velocidade de propagação de conteúdos, os autores da pesquisa o caracterizam como uma “terra sem lei”, onde os conteúdos se propagam desde comunicações com tons humorísticos, com grande participação de elementos midiáticos (fotos, *gifs*, vídeos), até perfis que levantam provas legais sobre crimes cometidos na internet (MUTATO, 2020).

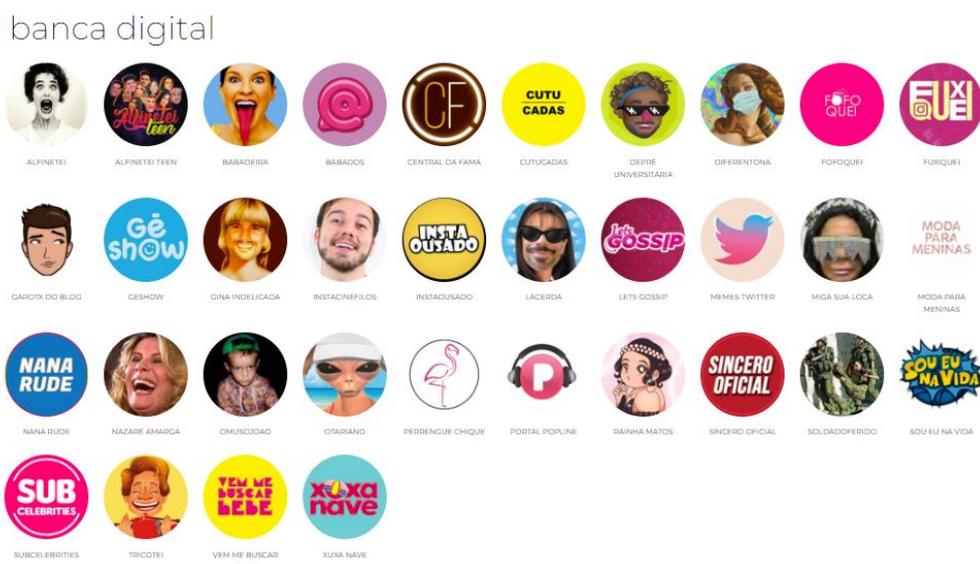
O *YouTube*, que possui conteúdos mais ponderados em relação aos temas, é analisado como uma plataforma onde os temas são detalhados de maneira mais consistente e didática. O *TikTok*, para os autores, também são uma fonte de cancelamento, já que a prática de exposição de usuários é comum nos vídeos das plataformas (MUTATO, 2020). Os autores da pesquisa afirmam que raramente os vídeos do *TikTok* são repercutidos em outras redes sociais, porém é necessário considerar que a pesquisa é realizada no ano de 2020, atualmente, percebe-se um aumento exponencial da transição de conteúdo entre redes sociais.

O *Instagram*, na pesquisa, é analisado como plataformas de defesa dos usuários cancelados. Através dos *stories*, recurso que permite o compartilhamento de conteúdos por 24 horas, os “cancelados” podem se retratar com o público. Os autores da pesquisa afirmam que é no Instagram onde é constatado que o cancelamento de fato ocorreu (MUTATO, 2020). É possível associar essa constatação ao que Fátima Pissara, empresária da agência de música e influenciadores Music 2 + Mynd8²⁰, aborda como Banca Digital: uma série de perfis de entretenimento no Instagram com milhares de seguidores, que compartilham

²⁰ Disponível em: <<https://mynd8.com.br/>>. Acesso em: 10/05/2023.

conteúdos diários para uma enorme escala de usuários. Na biografia do perfil do *Instagram* do negócio, a banca digital é definida como: “a forma perfeita da sua marca fazer parte das conversas mais virais do momento”²¹.

Figura 7: perfis que compõem a Banca Digital da *Mynd8*



Fonte: Site da *Music2 + Mynd8*²²

A análise dessa categoria de perfil é importante para analisar a cultura do cancelamento, pois as negociações de conteúdo que são veiculadas estão ligadas a acordos comerciais mediados por agências. Como a viralização é uma das características principais do cancelamento, como aborda a pesquisa da Mutato (2020), percebe-se uma influência direta não apenas dos algoritmos, mas da monetização dessa categoria de perfil.

Entre os perfis que mais compõem os “cancelados” no estudo da Mutato (2020), nos últimos três anos antecedentes à pesquisa, 46% dos usuários cancelados são homens brancos e heterossexuais. O segundo maior número, 28%, composto por mulheres brancas e negras, heterossexuais, reflete uma ligação direta com o consumo de ativismo: ambos os números são formados por indivíduos pertencentes a grupos que não compõem minorias. Paralelo a esses números, a

²¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/bancadigital/>>. Acesso em: 10/05/23.

²² Disponível em: <<https://mynd8.com.br/squad-2/>> Acesso em: 10/05/2023.

pesquisa também mostra que as três maiores causas são divergências políticas, homofobia e mau caráter.

Os demais números são compostos por homens gays negros e brancos (18%) e mulheres brancas, lésbicas e bissexuais (6%). A pesquisa aponta como consequências do cancelamento a perda de seguidores nas redes sociais, finalização de contratos com marcas e empresas e cancelamento de eventos (MUTATO, 2020).

Considerando o que é abordado por Martins e Cordeiro (2022), compreende-se que a influência digital é um bem de todos que utilizam do ambiente digital para relacionar-se com outros atores sociais, independente do tamanho de sua rede de influência ou se esta, por sua vez, é profissionalizada ou não.

O cancelamento destes atores será proporcional ao tamanho da sua rede de influência e as suas consequências dependem de como os indivíduos cancelados lidam com a crise e relacionam-se com os seus públicos. Os laços construídos nas redes sociais digitais são determinantes na dimensão de um episódio de cancelamento, pois estes podem diminuir ou alavancar as consequências sofridas pelo sujeito cancelado.

5. ANÁLISE DE DISCURSO DOS CANCELAMENTOS VIRTUAIS

As possibilidades de enunciação de discursos foram exponencialmente diversificadas devido ao surgimento de novas tecnologias de comunicação e informação que proporcionam novas plataformas para expressão dos usuários e, conseqüentemente, novos espaços e formas de interação que atuam como “campos de batalha” para disputas discursivas (DOMINGUES, 2011).

A cultura do cancelamento, como analisado até aqui, é um movimento que é diretamente impulsionado nas redes sociais digitais, ferramentas que são parte desse novo cenário tecnológico presente no dia a dia dos usuários. Portanto, para análise de como os discursos pertencentes ao fenômeno se comportam, a Análise de Discurso (AD) foi uma âncora teórico-metodológica essencial para a pesquisa.

Complementando os conceitos de discursos trazidos na pesquisa, Duarte e Barros (2011) enfatizam que o discurso possui como característica estar sempre “em curso”, em movimento, transformando-se através do tempo e espaço e dos sujeitos que o emitem. Para os autores, o discurso é “a apropriação da linguagem (código, formal, abstrato e impessoal) por um emissor, o que confere a este um papel ativo, que o constitui em sujeito da ação social” (2011, p. 305).

Ainda para os autores, analisar discursos significa dividir e desconstruir um discurso a fim de compreender os fatores que o permitiram ser enunciados em um determinado tempo e momento: “a análise de discurso é, na verdade, a desconstrução do texto em discursos, ou seja, em vozes. A técnica consiste em desmontar para perceber como foi montado” (DUARTE; BARROS, 2011, p. 306).

O método não está limitado à gramática ou à língua, embora ambos os elementos façam parte do processo, mas na compreensão de como o discurso se movimenta no tempo, nos espaços, se transformando de acordo com os cenários que o envolvem e a contextualização dos seus emissores: “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2015, p. 13).

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o

deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive (ORLANDI, 2015, P. 13)

A partir desta constatação, percebe-se a condição do discurso enquanto ferramenta determinante de pertencimento e deslocação do sujeito em sociedade. Ao trazer essa reflexão para o contexto dessa pesquisa, pode-se compreender que o discurso é uma das ferramentas determinantes de pertencimento de sujeitos em comunidades de vida e de sentido.

Para Orlandi (2015), o discurso é um objeto histórico-social e as ideologias presentes em cada momento de emissão estão intrínsecas na análise de discurso: “partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia” (2015, p. 15). Abordando Pêcheux, reforça-se o conceito de que discurso, sujeito e ideologia estão conectados e são elementos necessários para realização da análise (PÊCHEUX *in* ORLANDI, 2015, p. 15).

Para Domingues (2011, p. 71):

A Análise do Discurso busca investigar a língua em uso, privilegiando não só forma, mas função e, sobretudo, processo. Observa como as pessoas interagem através da linguagem e da interpretação das funções, que se realizam em uma forma linguística presente em um discurso contextualizado.

Além disso, a AD herda conceitos de outras áreas do conhecimento, enquanto as questiona sobre suas formações e aplicações: a linguística, a psicanálise e o marxismo:

[...] herdeira das três regiões do conhecimento - Psicanálise, Linguística e Marxismo, não o é de modo servil e trabalha uma noção - a de discurso - que não se reduz a um objeto da linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2015, p. 18).

Nas condições de produção dos discursos, dois conceitos são essenciais na análise: a memória e o interdiscurso. A memória se estabelece nesse contexto como um repositório que é consultado de forma inconsciente e automática pelos emissores no processo de produção (ORLANDI, 2015). Nessas memórias, existem

conceitos hegemônicos resultantes de processos de dominação social que interferem na prática discursiva. Associando aos conceitos de comunidades de vida e sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004), os sistemas supraordenados de sentido possuem influência determinante na construção dos discursos de membros de uma comunidade.

O interdiscurso, por sua vez, está no que não é dito. É quando pode-se perceber referências histórico-sociais presentes nos discursos sem que esta esteja explícita. Para Orlandi (2015, p. 29), o interdiscurso “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. A relação de memória e interdiscurso compõem a memória discursiva: o “saber que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra tomada”. (ORLANDI, 2015, p. 29).

Ainda sobre as condições de produção dos discursos, Orlandi atenta que estas dependem de alguns fatores, sendo a relação de sentidos um deles:

Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2015, p. 37).

Outro ponto necessário para compreensão na análise dos discursos, principalmente no contexto dessa pesquisa, é a relação de forças. Um sujeito apenas possui o poder de constituir um discurso de acordo com os lugares em que ele ocupa, ou seja, sua posição social. Para exemplificar, pode-se citar pesquisadores que estão na graduação e pesquisadores que são doutores: o primeiro grupo precisa do aporte teórico e da base do segundo para discutir temas, enquanto o segundo, graças ao seu título, possui a licença social de constituir teorias e discursos no campo acadêmico.

Trazendo para o contexto investigado nessa pesquisa, o desenvolver da cultura do cancelamento tem relação direta com a posição social em que o cancelado ocupa. Para fundamentar esta afirmação, usa-se o conceito de relação de força de Orlandi (2015):

Podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se ele falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno (ORLANDI, 2015, p. 37).

O conceito de formação discursiva, como já trabalhado nesta pesquisa a partir da ótica de Foucault (2009), é reforçada por Orlandi (2015, p. 41) na composição do método de AD: “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito”. Assim, compreende-se que todo sentido possui uma carga ideológica. Tudo o que é dito e não dito possui uma essência ideológica, ainda que não esteja explícita na linguagem ou até mesmo no inconsciente do emissor.

Os dispositivos de análise são essenciais no exercício da análise de discurso, é através dele que o analista relaciona o que foi dito e o que não foi dito, em lugares e posições sociais diferentes. Na AD, não se procura estabelecer um único sentido ou um sentido verdadeiro e absoluto, mas um que parta construção social e ideológica em que o discurso foi emitido, compreendendo a relação do sujeito com a sua memória social (ORLANDI, 2015).

Como o analista, também um sujeito social, possui suas próprias memórias e reservas de sentido, para que a análise possa ser realizada dentro do método, é necessário um aparato teórico na análise:

É necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação (ORLANDI, 2015, p. 59).

Não se espera, na AD, uma neutralidade total do analista, mas sim que ele possa analisar além do efeito de transparência da linguagem. O analista precisa descentralizar o sujeito emissor dos discursos, teorizando e descrevendo os efeitos da sua interpretação de acordo com os seus objetivos:

[...] ele não reflete, mas situa, compreende, o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico que é seu alvo. Ele pode então contemplar

(teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação. Por isso é que dizemos que o analista de discurso, à diferença do hermeneuta, não interpreta, ele trabalha (n)os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos com suas condições (ORLANDI, 2015, p. 59).

A análise de discurso possui duas vertentes principais: a francesa e a inglesa. Na AD francesa, a ênfase está aplicada no assujeitamento do emissor. Trata-se da compreensão de que o emissor incorpora discursos pré-existentes e institucionalizados na construção dos seus enunciados, como as ideologias dominantes, que considerando o contexto histórico, permite compreender que as memórias discursivas são estabelecidas por hegemonia (DUARTE; BARROS, 2011).

A análise de discurso inglesa, todavia, se dedica ao papel ativo do sujeito, considerando que este se comunica de acordo com fins específicos, em situações determinadas, apropriando-se da linguagem para emitir atos de falas convenientes aos seus objetivos e interesses. Esta análise busca identificar a pessoa que “conduz a narrativa dos acontecimentos ou que constrói posições para os interlocutores, mediante a compreensão das regras e dos mecanismos linguísticos que utilizar para alcançar os seus objetivos” (DUARTE; BARROS, 2011, p. 306).

5.1 Construção dos Objetos Discursivos

A partir dos capítulos anteriores, é compreensível que ninguém está a salvo do cancelamento: pessoas, instituições, empresas, marcas, todos podem ser cancelados em algum nível de acordo com seus processos de influência e comunidades em que estão inseridos. A Análise de Discurso Francesa foi a técnica de análise escolhida para entendimento do fenômeno do cancelamento. Essa abordagem teórico-metodológica foi escolhida por investigar as disputas discursivas dos usuários levando em consideração o processo, tempo e espaço em que elas se constituem.

Para Orlandi (2015), a constituição do corpus de pesquisa é um dos primeiros pontos que precisam ser definidos no processo da AD. A autora enfatiza que para essa determinação não é necessário buscar a exaustividade horizontal do objeto, isto é, uma coleta que busque analisar os objetos por completo, pois tratando-se de

discursos, todos os discursos são inesgotáveis, considerando que eles existem graças a discursos anteriores e, por eles, serão originados novos discursos.

A exaustividade que é necessária para a AD é o que a autora chama de vertical, que considera os objetivos do analista de acordo com a sua temática:

A exaustividade almejada - que chamamos de vertical - deve ser considerada em relação aos objetivos da análise e à sua temática. Essa exaustividade vertical, em profundidade, leva as consequências teóricas relevantes e não trata os “dados” como meras ilustrações. Trata de “fatos” da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva (ORLANDI, 2015, p. 60).

Na AD, construir o *corpus* de pesquisa é “construir montagens discursivas que obedeçam critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitem chegar à sua compreensão” (ORLANDI, 2015, p. 61). Aliado aos objetivos da pesquisa, o método e os procedimentos aplicados não irão apenas demonstrar um discurso, mas os efeitos de sentido que os mesmos produzem quando entram em disputa com outros discursos.

Como o objetivo desta pesquisa visa compreender as etapas do cancelamento, buscando identificar quais as regularidades discursivas que compõem o fenômeno e como ele se constrói em comunidades de sentido maiores: a nível nacional, como Karol Conká e Monark, e, a nível local, em comunidades menores como o município de São Caetano, no caso de Thamys Mayra, tal abordagem contemplou as necessidades do projeto, oferecendo uma visão crítica de todos os componentes interdiscursivos presentes em cada um dos cancelamentos.

A coleta de dados foi feita a partir de um levantamento de dados dispostos na internet no período em que os cancelamentos selecionados aconteceram. Inspirado na netnografia, um método que em linhas gerais, usa de “comunicação mediada por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal” (KOZINETTS, 2015, p. 61), foram coletados conteúdos que se destacaram em relação aos números de interações em rede, como compartilhamentos, comentários e curtidas.

No *Twitter*, a ferramenta de busca avançada da plataforma possibilitou o resgate de conteúdos por palavras-chave nos períodos em que os cancelamentos aconteceram. No *Instagram*, páginas que se configuram como pertencentes à

“banca digital” foram selecionadas para absorver os comentários dos usuários, além da coleta direta no perfil dos cancelados. Apesar de ter inspiração na netnografia, a pesquisa não faz uso do método por compreender que as etapas e processos que o envolvem são mais complexos do que o levantamento de dados aplicado.

Para isso, os casos selecionados para comporem o *corpus* desta investigação foram selecionados por favorecerem a melhor compreensão do objeto da pesquisa. A *rapper* e cantora Karol Conká, que participou do *Big Brother* Brasil, em 2021, foi cancelada a partir de atitudes controversas durante o programa, consideradas pelo público incoerentes com a obra que a artista contribuiu, ao longo dos anos. A escolha da artista como estudo dessa pesquisa se dá não apenas pelo tamanho do cancelamento, que estampou notícias, matérias e até documentários em diversas mídias, mas também pela representação social de Karol, enquanto mulher preta.

Figura 08: Karol Conká



Fonte: *Gshow*²³

O produtor de conteúdo Bruno Monteiro, conhecido como Monark, foi cancelado nos anos de 2022 e 2022, ao defender a expressão do nazismo em sociedade e apoiar o crime de destruição de patrimônio acontecido no Planalto Central, em Brasília, no início do ano de 2023. O seu cancelamento poderá ser analisado em duas perspectivas: na do público, enquanto “canceladores”; e na das plataformas de redes sociais digitais, que impediram a participação do produtor em suas atividades. A escolha de Monark vem como contraste com o perfil de Karol Conká: um homem branco, não-pertencente a nenhuma minoria social.

²³ Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/>. Acesso em: 20/08/2022.

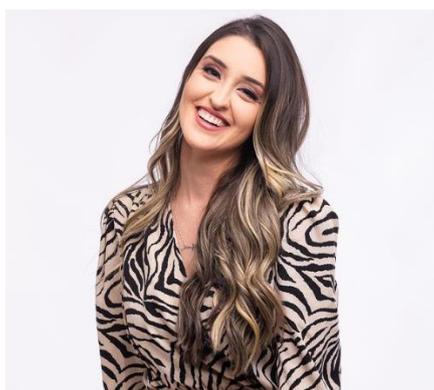
Figura 09: Monark



Fonte: captura de tela do vídeo²⁴

Por fim, a empresária e fisioterapeuta Thamys Mayra, residente na cidade de São Caetano, no estado de Pernambuco, configura-se como o último estudo de caso selecionado. Thamys protagonizou um episódio de cancelamento no ano de 2022 após ter um vídeo de uma conversa privada vazado, onde os moradores da cidade atribuíram o seu discurso no vídeo como uma ofensa direta aos cidadãos residentes. A escolha de Thamys contribui com essa pesquisa para identificar como a cultura do cancelamento se manifesta em universos menores, como na cidade em questão, com pouco mais de 40 mil habitantes, além de trazer um olhar voltado ao Agreste pernambucano e das práticas de comunicação na região.

Figura 10: Thamys Mayra



Fonte: perfil da fisioterapeuta no *Instagram*²⁵

Esse último personagem torna-se interessante para compreensão de como a cultura do cancelamento não atinge apenas celebridades ou grandes marcas, mas

²⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WY7kFcet2dQ>>. Acesso em: 07.01.23.

²⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/dra.thamysmayra/>>. Acesso em: 26/07/23.

qualquer pessoa que seja parte de uma comunidade de vida e de sentido com valores estruturados.

A Análise de Discurso Francesa tornou-se de ideal aplicação para essa pesquisa, pois analisa como os discursos podem conter interferências resultantes das identidades sociais dos indivíduos, nas relações que ele estabelece dentro de suas comunidades, sem que esses elementos estejam necessariamente explícitos. Ao analisar os casos de cancelamentos, ela será necessária para compreender os contextos em que “cancelados” e “canceladores” estão inseridos, assim como o tempo e espaço em que esses episódios ocorreram.

Seguindo o método proposto por Orlandi (2015), nesta pesquisa a análise de discurso será aplicada procurando compreender três categorias, determinadas de acordo com o objetivo da pesquisa: 1) os processos presentes nas práticas de cancelamento virtual e suas associações ideológicas; 2) a posição social em que os “cancelados” ocupam; e 3) as ideologias implícitas nos discursos que provocaram o cancelamento.

Algumas hipóteses de pesquisa são consideradas: a primeira é de que é possível que estes tenham seus discursos realinhados às suas comunidades originárias de sentido, a fim de buscar um novo pertencimento através do reparo dos seus discursos. A segunda, parte do pressuposto de que os discursos que provocaram o cancelamento possibilitaram a formação de novas comunidades de sentido, formada por pessoas que eram parte dessas comunidades de sentido originárias, assim como os cancelados, mas que a partir desses novos posicionamentos, desenvolveram novas reservas de sentido.

A terceira hipótese, que não está relacionada ao pertencimento em comunidades, busca compreender as consequências mercadológicas do cancelamento virtual: é possível que os episódios de cancelamento tenham impactado diretamente os acordos comerciais estabelecidos pelos personagens analisados.

5.2 Karol Conká

Karoline dos Santos de Oliveira, conhecida como Karol Conká, é uma *rapper* e cantora brasileira de 37 anos. Nascida em Curitiba, no estado do Paraná, tornou-

se conhecida por suas composições que refletem à sua realidade enquanto mulher preta, bissexual, que se tornou mãe solteira aos 19 anos.

No ano de 2021, o programa *Big Brother Brasil*, o *reality show* de maior audiência no Brasil que é uma versão adaptada ao cenário brasileiro de um formato comercializado mundialmente, anunciou a participação da artista como parte do grupo de “camarotes” no programa²⁶. Até a edição de 2019, o programa era formado apenas por participantes anônimos, porém no ano de 2020, um grupo de famosos foi inserido no elenco como parte do grupo “camarote”.

O formato existe desde o fim da década de 90 e possui origem inspirada na obra “1984”, de George Orwell:

Desenvolvido pelo executivo holandês e sócio da Endemol Johannes Hendrikus de Mol Jr., o Big Brother estreou-se inicialmente em 16 de setembro de 1999 em Holanda. De acordo com Feldman (2002), o nome do programa foi inspirado na obra literária “1984”, escrito por George Orwell. O responsável pela criação do programa é conhecido por ser autor de outros formatos para a televisão. Para além do Big Brother, houve outros programas dos quais John de Mol produziu e tornaram-se sucesso mundial: Fear Factor, The Voice, Deal Or no Deal (SANTOS, 2022, p. 21).

Assim como na distopia que compõe a obra de George Orwell, no *Big Brother*, os indivíduos são monitorados e vigiados durante toda a permanência no *reality*. Apenas as necessidades fisiológicas não são mostradas ao público, mas ainda sim são gravadas para a produção do programa, a fim de obter controle absoluto sobre os participantes. No *reality*, todavia, os participantes concorrem a premiações. No contexto brasileiro, milhões de reais compõem o prêmio, desde dinâmicas durante a participação até o prêmio final para o vencedor.

O público é o elemento que possui a decisão final sobre os eliminados através de votações abertas, todavia, as dinâmicas internas que proporcionam a possível eliminação de um candidato são estabelecidas através da relação do poder. Toda a estrutura do programa, desde os elementos de arquitetura dos ambientes, principalmente os de quarto e cozinha, que garantem o descanso e a alimentação, itens básicos para o bem-estar de todo ser humano, são projetados para causar

²⁶ Karol Conká é o primeiro nome confirmado no grupo camarote. Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/Entretenimento/BBB/noticia/2021/01/bbb-21-karol-conka-e-primeiro-nome-confirmado-do-grupo-camarote.html>>. Acesso em: 20/05/23.

desconforto mental e confusão de emoções nos participantes, de acordo com estudos feitos por profissionais da área (SANTOS, 2022).

Existem outros fatores que podem ser determinantes para o possível colapso de algum dos participantes: o excesso de pessoas para dividir quarto, casa de banho e até mesmo as comidas da casa. Estes, são fatores da dinâmica, que possuem força maior no que se refere à influência no comportamento dos utilizadores. Para além disso, o risco iminente de eliminação é um imenso fator capaz de causar tensão aos jogadores (SANTOS, 2022, p.100).

Além disso, provas e dinâmicas que expõem os participantes ao estresse e humilhação são parte da dinâmica do programa. Em 2022, após uma prova em que os participantes eram submetidos à receberem um balde com uma água sinteticamente suja em um “jogo da discórdia”, onde os participantes acusam uns aos outros em relação aos pontos negativos, a emissora Globo, responsável pelo reality no Brasil, foi acusada de humilhação e tortura com os participantes.

Figura 11: Globo é acusada de humilhação e tortura.

Globo assume vale tudo e faz de BBB um show de tortura e humilhação



Fonte: matéria do site IG²⁷.

Entender a dinâmica que envolve o Big Brother é necessário para analisar os discursos presentes no cancelamento de Karol Conká. Para Jean Baudrillard (2002), sociólogo francês que discorre sobre as dinâmicas que envolvem o programa, o formato do Big Brother se tornou um “conceito universal, uma síntese de parque humano de atrações, de gueto, de quarto fechado e de Anjo Exterminador. A

²⁷ Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/colunas/thiago-calil/2022-02-15/globo-bbb-tortura-humilhacao-natalia.html>>. Acesso em 20/05/2023.

reclusão voluntária como laboratório de uma convivência sintética, de uma socialidade telegeneticamente modificada” (2002, o. 07).

O anúncio da rapper no programa gerou diversas expectativas para o público que já acompanhava o trabalho da artista. Diversos perfis, incluindo perfis com altos níveis de influência digital, celebraram o anúncio nas redes sociais digitais:

Figura 12: Postagem de Tata Werneck sobre o anúncio de Karol



Fonte: perfil da atriz e apresentadora no *Twitter*²⁸

Entendemos, a partir do nosso contexto de pesquisa, que os recursos de sentido construídos por Karol Conká em suas comunidades de sentido criaram laços com os membros dessa comunidade que refletiram na comemoração do seu anúncio. Além disso, é perceptível que o capital social obtido por Karol Conká, antes de sua passagem no programa, gerou uma reputação pessoal que provocou a expectativa.

Assim como abordado por Bourdieu (1986), o conceito de capital social envolve o pertencimento a um grupo, tornando o indivíduo parte de uma coletividade que compartilha de valores em comum. O autor também fala sobre os “créditos” que o capital social gera aos sujeitos dentro de uma comunidade. Relacionando com Berger e Luckmann, entendemos que a comunidade de sentido em Karol Conká pertencia no momento do anúncio no programa, a posicionava em um lugar de privilégio, detendo créditos sociais que a posicionaram em uma posição de influência entre os membros desta comunidade.

²⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/Tatawerneck/status/1351624228630634497>>. Acesso em: 07/10/2022.

Figura 13: Postagem da cantora Iza sobre o anúncio de Karol



Fonte: perfil da cantora no *Twitter*²⁹

A cantora Iza utiliza de um trecho da música da cantora para celebrar sua participação no programa e, assim, reforçar alguns sentidos construídos por Karol ao longo do tempo. A frase “mamacita fala, vagabundo senta”, um dos principais trechos da música “Tombei”, de Karol, reflete uma resposta ao machismo institucionalizado socialmente. Percebe-se assim uma associação direta ideológica de Karol Conká ao movimento feminista, implícito no *tweet* da cantora Iza.

Para Orlandi (2015, p. 41) “tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos”. Ainda que não esteja explícito no *tweet* da cantora a associação direta de Karol Conká com o movimento feminista, o uso do trecho da música “Tombei”, associa implicitamente a *rapper* ao movimento e, conseqüentemente, a expectativa do público de que sua participação no programa seja coerente com o acervo cultural construído em sua obra.

Todavia, ao desenvolver do programa, uma série de condutas da participante romperam com os seus discursos construídos ao longo de sua carreira. Alguns exemplos que contribuíram para o cancelamento da cantora no programa foram os casos de xenofobia³⁰ e rivalidade feminina em relação à participante Juliette, contrapondo os acervos de memória do público em relação à participante; assim

²⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/izareal/status/1351619976164216836>>. Acesso em: 07/10/22.

³⁰BBB 21: Karol Conká é acusada de xenofobia por comentário sobre Juliette. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/bbb21/2021/01/bbb-21-karol-conka-e-acusada-de-xenofobia-por-comentario-sobre-juliette.shtml>>. Acesso em: 07/10/22.

como a acusação de abuso psicológico com os participantes Lucas Penteado³¹ e Arcrebiano³². O caso, assim como a expectativa sobre a participação de Karol no programa, repercutiram nas redes sociais digitais:

Figura 14: Postagem de usuário no *Twitter*



Fonte: perfil do usuário no *Twitter*³³

A emblemática postagem do usuário acima utiliza de diversos conceitos de linguagem para incentivar a punição não apenas de Karol, mas de outros participantes envolvidos, através da forma de eliminação no programa com alto índice de rejeição. Através de análise de dados já feita, é perceptível também alguns

³¹ Internautas e famosos pedem que Globo interfira no abuso emocional de Karol Conka contra Lucas, no BBB: "megera". <<https://www.brasil247.com/tanostrends/internautas-e-famosos-pedem-que-globo-interfira-no-abuso-emocional-de-karol-conka-contr-lucas-no-bbb-megera>>. Acesso em: 07/10/22

³² BBB21: Mais uma vez, Karol Conká é acusada de abuso psicológico, agora com Arcrebiano. <<https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2021/02/09/bbb21-mais-uma-vez-karol-conka-e-acusada-de-abuso-psicologico-dessa-vez-com-arcrebiano/index.html>>. Acesso em: 07/10/22.

³³ Disponível em: <<https://twitter.com/MarkoDeLuuka/status/1362605416748834821>>. Acesso em: 07/10/22.

efeitos da cultura do cancelamento na sociedade. De acordo com matéria compartilhada pelo Estadão, as buscas pelo termo “tortura psicológica” aumentaram significativamente após as acusações à participante no reality show.

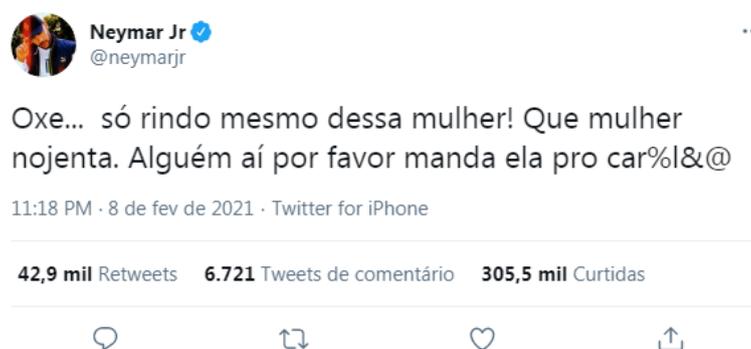
Figura 15: matéria do Estadão compartilhada no Instagram



Fonte: perfil do portal no Instagram³⁴

Além disso, é importante observar no episódio de Karol, a quantidade de perfis verificados, isto é, perfis de famosos ou de usuários com influência comprovada nas plataformas, contribuindo com os discursos que levaram ao seu cancelamento. Segue como exemplo, o conteúdo compartilhado pelo futebolista Neymar:

Figura 16: Postagem de Neymar sobre Karol Conká



Fonte: perfil do jogador *Twitter*³⁵

³⁴ Disponível em: <<https://instagram.com/estadao>>. Acesso em: 07/10/22.

³⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/neymarjr/status/1358963410914967552>>. Acesso em: 07/10/22.

Para Orlandi (2015), a posição social dos emissores de discursos é determinante na propagação dos mesmos e na influência que este terá no processo de constituição do discurso. A posição ocupada pelo jogador de futebol Neymar, enquanto um profissional famoso internacionalmente, que possui alguns pontos em comum com Karol, origem humilde e pertencentes à comunidade negra, possui uma influência destacada no processo de cancelamento. Um dos reflexos disso são os altos números de interações no *tweet* acima.

Analisando o discurso violento presente no *tweet* do atleta, é necessário relacionar as condições ideológicas que proporcionam o seu surgimento. O movimento do cancelamento funciona como um efeito “manada”, como descreve o relatório da agência Mutato (2020), proporcionando uma ideia de “permissão” social para que discursos violentos sejam emitidos ao sujeito cancelado. Além disso, o conteúdo compartilhado por Neymar assemelha-se à visão integrada que Oliveira (2020) adquire na descrição da cultura do cancelamento quando aponta que os discursos de ódio contribuem para a destruição de sujeitos.

Todavia, em diversas outras edições do programa, participantes cometeram crimes que envolviam assédio sexual e injúria racial, resultando na expulsão de participantes e, em casos mais graves, abertura de investigações policiais. Na edição de 2023, os participantes Cara de Sapato e MC Guimê, também do grupo camarote (assim como Karol Conká em sua edição) foram expulsos do programa após cometerem importunação sexual contra uma das participantes.

Nesta análise discursiva, é importante compreender ideologicamente o que os dois participantes representam: ambos homens, brancos, heterossexuais, cisgênero. Apesar de serem investigados³⁶ pela Polícia Civil Brasileira pelo ato, nenhum discurso nas redes sociais digitais do jogador foi emitido. Pelo contrário, Neymar e Cara de Sapato, foram fotografados juntos em final de um campeonato de esporte nos Estados Unidos. Em contrapartida, Karol Conká, apesar de não ter cometido nenhum crime dentro do *reality*, se estabelece como uma figura socialmente oposta:

³⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/27/policia-civil-indicia-mc-guime-e-cara-de-sapato-por-importunacao-sexual.ghtml>>. Acesso em: 07/05/23.

mulher, preta, bissexual. esteve presente em discursos violentos emitidos pelo jogador em suas redes sociais digitais que acumulam milhões de seguidores.

Figura 17: *tweet* do colunista Hugo Gloss



Fonte: *Twitter* do perfil Hugo Gloss³⁷

Neymar, além de um jogador de futebol famoso internacionalmente, também possui práticas nas redes sociais similares à influenciadores digitais. Sabe-se que os discursos de influenciadores impactam diretamente nos seus públicos (KARHAWI, 2018) e podem contribuir formando valores e sentidos para os membros de sua comunidade de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004). O conteúdo compartilhado com Neymar age como elemento impulsionador do cancelamento de Karol Conká.

Como abordado por Martins e Cordeiro (2022), as marcas e instituições também se envolvem na prática do cancelamento, mas percebemos através do cancelamento de Karol Conká, que as marcas podem não apenas participar como “canceladas”, mas também como calculadoras. A marca de cervejas Skol, trocou o “k” da marca por um “c” como forma de repúdio à cantora.

³⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/HugoGloss/status/1667629230883053568>>. Acesso em: 07/05/23.

Figura 18: Postagem da Skol durante o cancelamento de Karol Conká



Fonte: perfil da marca no *Twitter*.

A postagem, todavia, não foi bem aceita pelo público. Após apagarem a postagem, a marca se pronunciou: "Para Skol a zoeira só é legal quando todo mundo está curtindo. Por isso, em respeito aos envolvidos e seus familiares, nós deletamos o post"³⁸, através da assessoria de imprensa da empresa.

Novamente, é trazido o conceito de posição social de Orlandi (2015) na análise dos discursos. Diferente de um jogador de futebol, como Neymar Jr., ou de um usuário comum nas redes sociais que não ocupa a posição de uma celebridade, uma marca como a Skol não possui a mesma posição que esses atores sociais. O público compreendeu que o cancelamento de Karol Conká não representava o repertório de marca da Skol, isto é, o repositório de sentidos (BERGER; LUCKMANN, 2004) que envolvem a reputação da marca.

O cancelamento de Karol Conká envolveu diversos atores sociais: usuários comuns, celebridades, influenciadores digitais, marcas, entre outros. Além disso, percebe-se também que apesar do cancelamento ser um fenômeno que advém da internet e das redes sociais digitais, a sua origem e suas consequências não precisam, necessariamente, ser limitadas a elas.

³⁸ Disponível em: <https://gkpb.com.br/58912/skol-conce-karol-conkaD>. Acesso em: 07/02/23.

A expectativa do público sobre a coerência de discursos de Karol Conká, considerando a sua atuação enquanto artista e as pautas abordadas em sua obra, refletem a construção de imagem da participante enquanto sujeito social:

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórico (ORLANDI, 2015, p. 38)

Suas obras foram usadas, inclusive, na construção de um documentário no serviço de *streaming* privado da emissora Globo, o Globoplay, em que sua música de maior sucesso, “Tombei”, é usada como título do projeto que acompanha a saída da participante do programa e o enfrentamento do novo cenário em que a mesma estava exposta.

Figura 19: anúncio do documentário de Karol Conká



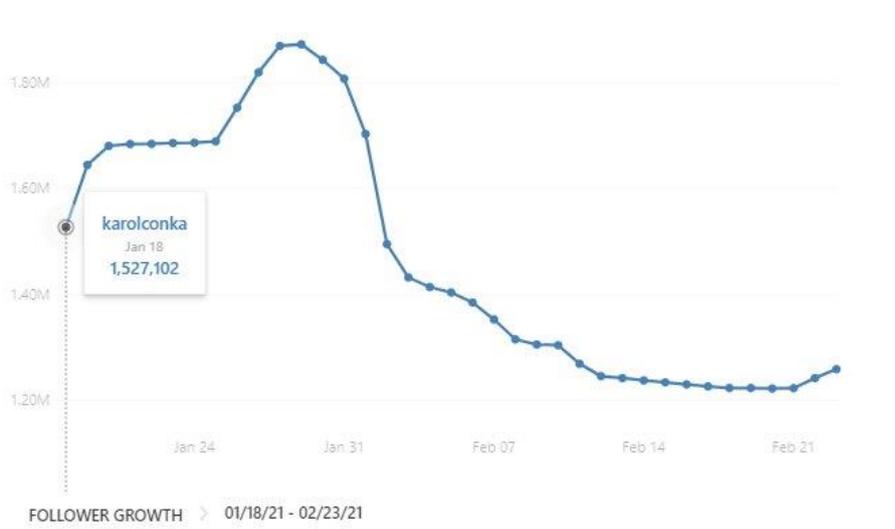
Fonte: Plataforma da Globoplay³⁹

Na análise de discurso, é necessário compreender o que não é dito em um enunciado, mas que está implícito através de imagens, cores, formas e referências. Na imagem de divulgação do documentário, Karol Conká é exposta em uma imagem de vulnerabilidade, funcionando possivelmente como uma forma de punição por sua participação no programa. O cenário preto, cor que representa o luto socialmente, pode ser analisado como uma espécie de “luto” por uma carreira e reputação que “morreu” na participação da rapper durante o *reality*.

³⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/11/a-vida-depois-do-tombo-serie-documental-sobre-karol-conka-estreia-no-globoplay-em-abril.ghtml>>. Acesso em: 02/12/2022.

Karol Conká foi eliminada do programa com a maior rejeição da história do programa⁴⁰ e o seu cancelamento refletiu nos seus números das redes sociais:

Figura 20: gráfico de seguidores de Karol Conká



Fonte: Dados da plataforma Growth⁴¹

Apenas no Instagram, Karol Conká iniciou o programa com cerca de 1,5 milhões de seguidores. Durante o período do cancelamento até a eliminação do programa, época em que o perfil foi privado de comentários, a cantora registrou uma perda de cerca de 300 mil seguidores, como mostra o gráfico.

Como abordado pela Mutato (2020), a perda de seguidores é uma das principais características da cultura do cancelamento, assim como os comentários em massa de repulsa e desaprovação por parte do público. É comum que nessa gestão de crises, os perfis dos cancelados tornem-se privados para evitar a queda dos números e a propagação de comentários sobre o acontecimento.

5.3 Monark

No dia 7 de fevereiro de 2022, o criador de conteúdo digital Bruno Monteiro, conhecido como Monark, utilizou da sua participação no *Flow Podcast* para defender a criação de um partido nazista no Brasil, o que é proibido na Constituição Brasileira:

⁴⁰ Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/noticia/karol-conka-e-eliminada-com-a-maior-rejeicao-da-historia-do-bbb.ghtml>. Acesso: 02/12/2022.

⁴¹ Disponível em: <https://jovempan.com.br/entretenimento/tv-e-cinema/saiba-quantos-seguidores-karol-conka-tinha-antes-do-bbb-21.html#:~:text=Eliminada%20do%20reality%20com%2099,300%20mil%20f%C3%AAs%20na%20rede%20e%20>. Acesso em: 05/05/23.

a Lei do Racismo (nº 7.716/89) estabelece que é crime "fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo" (BRASIL, 1989, p. 1).

No trecho do programa, Monark conversa com a deputada Tabata Amaral e defende a livre expressão para todos os assuntos, incluindo o nazismo. O canal do *Flow Podcast* no *Youtube* soma mais de cinco milhões de inscritos⁴² e era, até então, comandado por Monark e o apresentador Igor 3k, onde são debatidos temas diversos com influenciadores de opinião das áreas.

Nas relações entre discursos, Orlandi (2015) atenta-se para o tipo de discurso polêmico. Para a autora, nesse tipo de discurso, a polissemia é controlada, isto é, os sujeitos emitem discursos que possuem interdiscursos múltiplos de sentidos. A intenção é que o sujeito se resguarde, para caso o seu discurso seja contestado, ele possa justificá-lo de acordo com o sentido que seja mais conveniente, mantendo uma disputa de discursos onde as diferentes perspectivas dos locutores em posições equiparadas.

Nos *sites* de redes sociais, como o *Twitter*, percebe-se o contraste de perspectivas: por um lado, um grupo defende a fala do *YouTuber*, alegando que sua intenção não era de incentivar o nazismo, mas apresentar uma proposta de uma suposta "liberdade de expressão". Em outra perspectiva, pessoas que possuem o tipo de discurso que proponha qualquer flexibilização a prática nazista, seguindo, inclusive, o que estabelece a lei brasileira, se chocam com a descoberta deste público:

Figura 21: *tweet* da influenciadora Sofia Espanha



⁴² Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/FlowPodcast>>. Acesso em: 07.01.23.

Fonte: perfil da influenciadora on *Twitter*⁴³

Percebe-se então que esse tipo de discurso, para além de gerar infinitos novos discursos, idealizados por outros que o antecederam, proporcionam a criação de comunidades de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004), dessa vez no ambiente digital, onde grupos que agem de acordo, contra ou em posição neutra a uma polémica, criam comunidades que possuem discursos que se complementam, se apoiam e entram em disputas discursivas com outras comunidades de sentido nos *sites* de redes sociais. Os números altos de interação no *tweet* da influenciadora reforçam essas disputas discursivas.

Para além da reação do público, através do conteúdo a seguir, percebe-se que os consumidores compreendem que as marcas associadas ao *YouTuber* também possuem responsabilidade pela fala criminosa de Monark.

Figura 22: denúncia das marcas por Caíto Mainier



Fonte: perfil do roteirista no *Twitter*⁴⁴

⁴³ Disponível em: <<https://twitter.com/sofiaespanha>> . Acesso em: 07/05/23.

⁴⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/caitomainier/status/1491046495654612992>>. Acesso em: 07/01/23.

Como citam Domingues e Miranda (2022), no consumo de ativismo as marcas também entendem que as associações com outras marcas funcionam como um acordo de valores e ideologias. No caso de Monark, que é caracterizado como um influenciador digital, possuindo práticas definidas por Karhawi (2020) como típicas da profissão, as marcas associadas a ele emitiram posicionamentos contrários aos valores ideológicos presentes no discurso de Monark e o podcast em que o mesmo fazia parte.

Não se trata, necessariamente, de uma responsabilidade das marcas com o público, mas sim sobre o contexto em que um influenciador digital é legitimado por este, que possui a decisão final sobre a institucionalização do indivíduo enquanto influenciador: “não nasce o influenciador digital no momento em que o sujeito escolhe trabalhar como um e transforma a sua conta pessoal nas redes sociais em um perfil comercial. Ser influenciador digital é ser legitimado pelos públicos e pelo mercado” (KARHAWI, 2021, p. 47).

A autora também enfatiza que no ambiente digital, as reputações das marcas e organizações são postas em exercício diário: independente de quantos anos de atuação elas tenham, o público diariamente acompanha e fiscaliza as atualizações que podem elevar a reputação de uma marca ou questioná-las através dos seus discursos (KARHAWI, 2021).

De forma mais específica, quando um influenciador é contratado por uma marca para ações de promoção, ele deixa de ser apenas um consumidor influente nas redes sociais e passa a ser encarado como público diretamente ligado à reputação de uma marca. Por essa razão, seria possível afirmar que entre os tipos de crises, as crises geradas por influenciadores digitais seriam mais uma modalidade a ser considerada (KARHAWI, 2021, p. 49).

Quando essas marcas se associam a influenciadores para publicidades, estes passam a pertencer ao imaginário do público como representação dos valores e ideais desta marca. Na perspectiva abordada nesta pesquisa, percebe-se que se cria uma comunidade de sentido entre influenciadores e marcas associados a partir dos trabalhos estabelecidos e assim como já visto, essas comunidades possuem reservas de sentidos que precisam ser seguidas pelos seus membros para manter a coerência do pertencimento (BERGER; LUCKMANN, 2004).

A partir do cancelamento de Monark, diversas marcas se pronunciaram sobre os seus vínculos com Monark e com o Flow Podcast, como o exemplo da Puma:

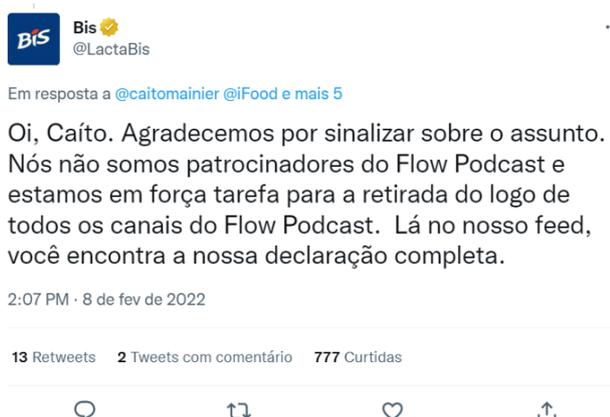
Figura 23: *tweet* da Puma Brasil



Fonte: perfil da Puma no *Twitter*⁴⁵

Através dos estudos de Domingues e Miranda (2018), percebemos que perfil do consumidor ativista possui um olhar atento às dinâmicas de patrocínio entre marcas e influenciadores. As marcas, ao associarem-se com determinados atores sociais, passam a compartilhar dos mesmos sentidos que estes. Quando esses sentidos entram em crise, percebemos um reajuste nesses vínculos, que podem ser reposicionados ou rompidos, como no caso de Monark:

Figura 24: *tweet* da marca de chocolate BIS



Fonte: perfil do BIS no *Twitter*⁴⁶

⁴⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/pumabrasil/status/1491058314792546304>>. Acesso em: 07/01/23.

O Flow Podcast também se desvinculou da imagem de Monark, o que não foi convincente para o público, já que Monark possuía não apenas uma relação de apresentador, mas de sócio do canal:

Figura 25: pronunciamento do Flow Podcast



Fonte: perfil do canal no *Twitter*⁴⁷

A forma de pronunciamento adotada pelo podcast não convenceu todos os usuários. Diversos exemplos de conteúdos apontam desconfiança em relação ao vínculo entre o canal e Monark, como mostra o conteúdo compartilhado pelo vereador Vinícius Castello, da cidade de Olinda, no estado de Pernambuco:

Figura 26: *tweet* do vereador pernambucano Vinícius Castello



⁴⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/LactaBis/status/1491096335092957187>>. Acesso em: 07/01/23.

⁴⁷ Disponível em: <<https://t.co/p1uru0Z4iw>>. Acesso em: 07/01/23.

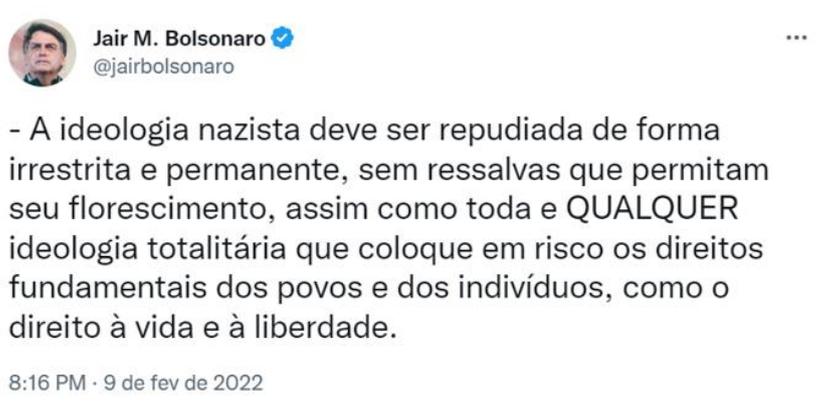
Fonte: perfil no *Twitter* do vereador de Olinda⁴⁸

Percebe-se assim uma percepção de parte do público quanto à gerência de crises em relação aos influenciadores, estando mais atentos aos discursos emitidos em *sites* de redes sociais sem a comprovação de ações práticas que comprovem a desassociação.

A repercussão do caso envolveu pronunciamento de diversos líderes políticos, como o ex-presidente Jair Bolsonaro, na época, presidente em atuação. Todavia, não se deve ao tamanho do cancelamento em relação a números: se observado no caso de Karol Conká, que tomou uma proporção maior graças ao veículo de comunicação que originou o seu cancelamento, a TV aberta, não houve nenhum pronunciamento do ex-presidente.

Analisando os não ditos (ORLANDI, 2015) presentes no discurso de Bolsonaro, as questões abordadas por Monark surgem como uma oportunidade para Jair Bolsonaro reafirmar os seus valores durante um ano de processo eleitoral, como é analisado a seguir.

Figura 27: *tweet* do ex-presidente Jair Bolsonaro



Fonte: perfil no *Twitter* do político⁴⁹

Ao repudiar a ideologia nazista, o político a comparou com o comunismo, utilizando do seu discurso para se posicionar politicamente como combatente à esquerda brasileira. Analisando o discurso do ex-presidente, percebe-se que os

⁴⁸ Disponível em: <<https://t.co/p1uru0Z4iw>>. Acesso em: 07/01/23.

⁴⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1491551518998335498>>. Acesso em: 07/01/23.

presentes não ditos (ORLANDI, 2015) estão associados diretamente ao processo eleitoral. A formação de novas comunidades de sentido que apoiam o discurso de Monark são reforçadas com a comparação do nazismo ao comunismo, que a nível de comparação, não são equivalentes, visto que o comunismo é um sistema econômico e não um movimento de extremo totalitarismo, como foi o nazista.

Analisando o contexto social em que Jair Bolsonaro estava inserido, o ano de disputa eleitoral contra um candidato de esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, o reforço do comunismo como equivalente ao nazismo posiciona seu discurso como um discurso de caráter autoritário, visto que sua posição no momento de emissão do discurso era de Presidente da República e a forma em que o discurso foi emitido, não permitia uma resposta direta por parte dos receptores, pois ainda que direcionados ao *tweet* ou a quaisquer perfis do ex-presidente nos *sites* de redes sociais, não existe a garantia de que os contradiscursos chegaram até o mesmo.

De acordo com Orlandi (2015, p. 85), o discurso autoritário mantém a polissemia contida. Nele, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece, com o locutor se colocando como agente exclusivo, apagando sua relação com o interlocutor.

Figura 28: segundo *tweet* do ex-presidente



Fonte: perfil no *Twitter* do político⁵⁰

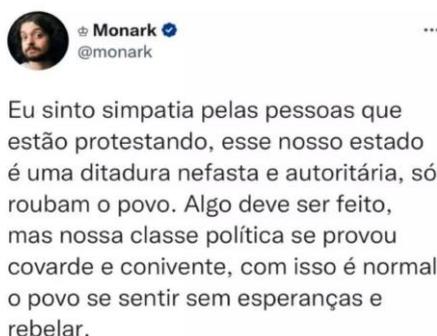
Ao repudiar o nazismo, mas também utilizar o momento como forma de ataque a outro grupo social, o conteúdo compartilhado por Jair Bolsonaro contribui para a construção da imagem de Monark durante o cancelamento. Ter a sua imagem associada a um ex-presidente que já foi considerado um dos piores líderes

⁵⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1491551518998335498>>. Acesso em: 07/01/23.

políticos mundiais em relação a questões ligadas ao bem social⁵¹, posiciona Monark como parte de comunidades com reservas de sentido ligadas à figura do político.

A associação ao político não foi limitada ao episódio: em 2023, após os ataques criminosos de bolsonaristas ao Congresso Nacional em Brasília, motivados pela revolta da vitória do atual presidente Lula, o ex-integrante do Flow Podcast manifestou apoio aos manifestantes.

Figura 29: tweet de Monark em apoio aos manifestantes



Fonte: perfil de Monark no *Twitter*⁵²

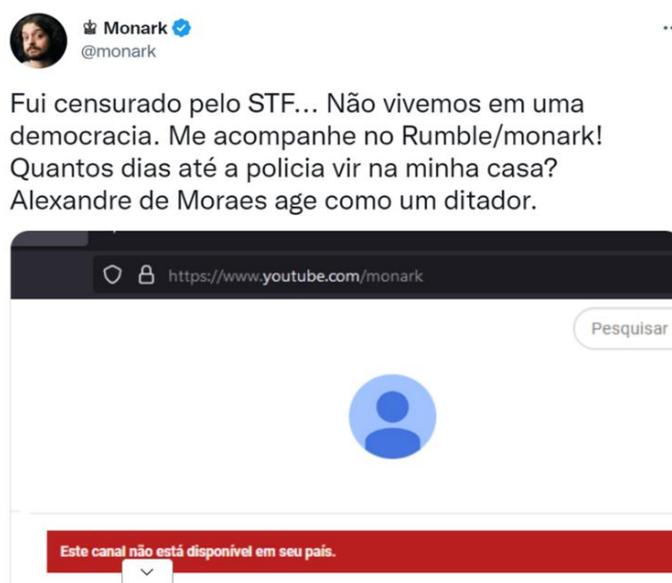
As consequências, desta vez, não ficaram limitadas às reações dos usuários. Em decisão pelo Supremo Tribunal Federal do Brasil (STF), todos os perfis em redes sociais digitais de Monark foram suspensos. Ainda em denúncia anterior à Justiça Brasileira, Monark já havia tido seu perfil no *YouTube* suspenso.

Percebe-se assim uma atuação de um sistema supra ordenado de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004), como o STF, intervindo quando um discurso que oferece ameaça à população da maior comunidade de vida e sentido que compõem o Brasil, que possui como sentido principal bem-estar de todos os brasileiros, é emitido de forma irresponsável.

⁵¹ De acordo com o jornal norte-americano The Washington Post, Jair Bolsonaro é o pior líder no enfrentamento à pandemia da COVID-19. Disponível em: <https://cutt.ly/pf1lkxG>. Acesso em: 21/09/2022.

⁵² Disponível em: <<https://twitter.com/monark/status/1612155786267951105>>. Acesso em: 08/01/2023.

Figura 30: tweet de Monark sobre suspensão do canal no *Youtube*



Fonte: perfil de Monark no *Twitter*⁵³

Como abordado por Karhawi (2022), o cancelamento virtual também pode ser estabelecido na relação entre plataforma e usuário, como vemos no exemplo de Monark. Neste caso, constatam-se ainda a participação da Justiça Brasileira na suspensão do seu acesso às redes sociais, considerados nocivos à população. Podemos compreender o ato como uma ação de um sistema supra ordenado (BERGER; LUCKMANN, 2004).

5.4 Thamys Mayra

A fisioterapeuta Thamys Mayra, de 27 anos, residente na cidade de São Caetano, Pernambuco, protagonizou um episódio de cancelamento virtual dentro de sua comunidade inicial de sentido: a cidade onde cresceu e que hoje atua profissionalmente. O episódio aconteceu no mês de outubro de 2022, mesmo mês em que aconteciam as eleições presidenciais mais emblemáticas dos últimos anos do Brasil.

Contextualizando o cenário social em que Thamys e sua empresa estão inseridas, a cidade de São Caetano possui cerca de 37 mil habitantes segundo o

⁵³ Disponível em: <<https://twitter.com/monark/status/1590142814712913922>>. Acesso em: 08/01/2023.

censo do IBGE⁵⁴, é situada no Agreste pernambucano e a Clínica Thamys Mayra, que leva o nome da fisioterapeuta, é uma das poucas empresas no segmento na cidade. Apesar de levar o seu nome, a empresa conta com o atendimento de diversos profissionais de saúde, entre eles: psicólogos, farmacêuticos e nutricionistas.

Figura 31: Clínica Thamys Mayra



Fonte: perfil da Clínica no Instagram⁵⁵

A atuação profissional da Clínica Thamys Mayra nas redes sociais digitais aborda diversos elementos que contribuem para uma influência digital, sendo o principal deles o uso da imagem da profissional para gerar conteúdo: desde dicas de saúde, compartilhamento do dia a dia, conteúdos educativos sobre os procedimentos. Thamys coloca em prática o que Karhawi (2016) aborda como o “eu como mercadoria”, onde a profissional utiliza de sua imagem e do seu dia a dia para criar laços com o seu público.

Figura 32: perfil da Clínica Thamys Mayra no *Instagram*



⁵⁴ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/sao-caitano.html>>. Acesso em: 07/02/2023.

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/clinchathamysmayra/>>. Acesso em: 07/02/23.

Fonte: Instagram⁵⁶

No dia 05 de outubro de 2022, um vídeo privado entre Thamys foi compartilhado de forma equivocada no Instagram. No vídeo, Thamys, seu namorado e sua mãe, também empresária na cidade, ironizam o funcionamento do comércio na cidade de São Caetano por ele não funcionar em horários de almoço e utilizam de algumas palavras pejorativas para classificar os moradores da cidade.

Seguindo a análise discursiva proposta na pesquisa, é necessário analisar o contexto social em que Thamys Mayra está inserida na cidade. Thamys é uma mulher branca, classe média, empresária, pertencente a uma família de empreendedores. A sua mãe, que participa no vídeo com ela, é dona de uma empresa de distribuição de gás de cozinha e água mineral, além de possuir um histórico de outros comércios na cidade. Ambas se caracterizam como empregadoras. O namorado de Thamys, que não é residente da cidade, também contribui na participação. O contexto do vídeo afeta diretamente essa classe, conforme a seguir:

Thamys: “minha gente, a sociedade de São Caetano, tem o quê?
 Mãe de Thamys: “cidade de fresco, um mercado feito o “Thallyta” fechar *pra* o almoço. Cidade de rapariga, que só tem fresco”.
 Namorado de Thamys: “e veaco, maconheiro.”
 Thamys: “e votam em quem, votam em quem?”
 Mãe de Thamys: “[...] esses “*dadô*” de cu”
 Thamys, novamente: “e votam em quem, votam em quem?”
 Mãe de Thamys, gritando: “Bolsonaro!”
 Thamys: “não, mulher. O povo!”

O vídeo é interrompido antes que a Mãe de Thamys mencione em quem a população votaria. Para Orlandi (2015), na AD, é necessário analisar o dito e não dito. Para a autora, baseada na obra de Ducrot (1972), os autores estabelecem uma relação do que é pressuposto e do que está implícito: “distinguindo [...] o pressuposto e o subentendido, este autor vai separar aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem (pressuposto) daquilo que se dá em contexto (subentendido) (DUCROT, 1972 *in* ORLANDI, 2015, p. 80).

Se digo “Deixei de fumar”, o pressuposto é que eu fumava antes. O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito mas presente). Mas o motivo, por exemplo, fica como subentendido. Pode-se pensar que é porque me fazia mal. Pode ser também que não seja essa a razão. O subentendido depende do contexto. Não pode ser asseverado

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/clinicathamysmayra>>. Acesso em: 07/02/23.

como necessariamente ligado ao dito (DUCROUT, 1972 *in* ORLANDI, 2015, p. 81).

Os enunciados presentes nos discursos do vídeo envolvem diversas camadas: inicialmente, analisaremos a relação entre os xingamentos da população da cidade na posição de empregadoras em que Thamys e sua mãe ocupam. A cidade de São Caetano está situada próxima aos maiores pólos de confecções de moda do agreste pernambucano, como as cidades de Santa Cruz do Capibaribe (aproximadamente 55 km de distância), Toritama (54 km aproximadamente) e Caruaru (cerca de 18 km de distância). É natural que devido à proximidade, diversos cidadãos trabalhem diariamente nessas cidades e essa associação é necessária para compreender o imaginário social sobre as formas de trabalho na região.

De acordo com Renata Milanês (2020), pesquisadora que estuda as formas de trabalho no ramo têxtil nas cidades do Agreste de Pernambuco, o cenário é marcado pela exploração de mão de obra por parte dos empregadores. No cenário descrito em seus estudos, as costureiras, profissões mais comuns nas áreas, recebem por produção, sem qualquer vínculo empregatício, sem garantia de direitos trabalhistas, de seguridade social, entre outros. Além disso, os próprios maquinários utilizados na produção, quando são propriedade dos empregadores, já que a maioria não possui condição financeira para arcar com eles, não podem ser utilizados para nenhuma função não autorizada pelo empregador. Ou seja, mesmo no trabalho informal, em casa, os funcionários ainda têm suas atividades controladas e de propriedade do empregador.

Apesar do ramo de atividade de Thamys ou de sua mãe não serem do ramo, é importante atentar que na clínica outros profissionais também atuam como prestadores de serviços. Na forma de trabalho em que se recebe pelo serviço que se presta pontualmente, horários de almoço e descanso não são remunerados, colocando esses profissionais em ritmos exaustivos de produção (MILANÊS, 2020).

A análise desse cenário da cidade é necessário, pois as formas de trabalho também se estendem a moradores da cidade de São Caetano, embora que não seja na mesma proporção que nas cidades que se caracterizam como pólos industriais de moda. Considerando esses fatores, pode-se apontar os interdiscursos presentes na fala do vídeo vazado:

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciativo. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (ORLANDI, 1992, p. 89-90).

Os interdiscursos presentes no vídeo apontam um contexto social antecessor, relacionado às formas de trabalho na região onde Thamys atua enquanto profissional: um cenário onde empregadores exploram a mão de obra dos seus empregados sem quaisquer garantias de direitos e deveres como o descanso no horário de almoço, explícito no vídeo. Neste cenário, é preciso adentrar a dois conceitos: o de memória, trabalhado por Orlandi (2015) e o de acontecimento discursivo, trabalhado por Foucault (2009).

Orlandi (2015) descreve a memória como um repositório de discursos presentes no inconsciente do sujeito que são acionados na emissão de qualquer novo discurso, sempre considerando o contexto social em que são emitidos. Ao perceber que as memórias não representem mais o momento social em sua completude, acontece o que Foucault (2009) nomeia de acontecimento discursivo: a quebra de um regime de verdade estabelecido com o passar do tempo através de discursos regulares emitidos pelos indivíduos.

Para os autores do vídeo, o acontecimento discursivo que rompeu os acervos de memórias presentes nos seus imaginários os posiciona face a um novo momento discursivo: cidade pequena não é terra sem lei, ao contrário do que diz o antigo ditado popular. Neste novo cenário, em uma cidade de interior, os colaboradores do comércio comum também possuem direito ao horário de almoço como descanso remunerado e horários de trabalho estabelecidos, constituindo a seguridade social do município. Essas reservas de memória podem ter sido construídas tanto com base em suas percepções enquanto residentes, quanto fundamentadas em suas atuações enquanto empregadoras.

Em seguida, outras camadas que precisam ser analisadas nos discursos são os adjetivos pejorativos aplicados aos moradores de cidade. Insultos homofóbicos e machistas são presentes nos enunciados do vídeo, como “raparigas”, atingindo diretamente mulheres, “dadô de cu”, referenciando a população homossexual

masculina da cidade; “maconheiros”, generalizando todos os moradores de usuários de drogas sem quaisquer evidências.

Em seguida, Thamys faz uma associação direta após os insultos ao questionar em quem os moradores votariam nas eleições governamentais e presidenciais de segundo turno, visto que o primeiro turno, na data do vídeo, já havia acontecido. A mãe de Thamys, ao não entender a pergunta e confundi-la com um questionamento sobre em quem ela vota, grita o nome do candidato Jair Messias Bolsonaro, na época presidente do Brasil.

O candidato Bolsonaro ganhou popularidade entre grupos homofóbicos muito antes de tornar-se candidato oficial à Presidência da República por suas falas violentas direcionadas à população LGBTQ+. Ainda em 2013⁵⁷, em um documentário internacional, o então deputado reverberou discursos como “nenhum pai tem orgulho de ter um filho gay”; “nós, brasileiros, não gostamos de homossexuais”, além de associar agressões à população homossexual no Brasil justificando o uso de drogas e prostituição pela comunidade.

Após eleito como Presidente da República em 2018, os ataques não pararam. Notícias falsas, como a existência de um “Kit Gay” para “transformar” crianças em homossexuais foi criada na disputa das eleições em 2018 foram levantadas, retirada da comunidade LGBTQ+ das políticas destinadas à promoção de direitos humanos; defesa de pessoas públicas que obtiveram falas homofóbicas, entre outros acontecimentos listados em matéria do jornal Esquerda Diário⁵⁸.

Além de diversos ataques às mulheres nos períodos de disputas eleitorais e durante o exercício da Presidência, como no episódio de 7 de setembro de 2022, dia da Independência do Brasil, o então presidente utiliza do evento oficial da comemoração do Bicentenário da Independência do Palácio do Planalto para expressar falas machistas, como ao puxar o coro de “imbrochável” ao discursar durante a comemoração do Bicentenário da Independência. Também em 2022, o

⁵⁷ Jair Bolsonaro ataca gays em entrevista para documentário inglês. Disponível em: <<https://oestadoce.com.br/nacional/jair-bolsonaro-ataca-gays-em-entrevista-para-documentario-ingles/>>. Acesso em: 10/07/23.

⁵⁸ 12 vezes que Bolsonaro mostrou que é inimigo declarado das LGBTQIAP+. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/12-vezes-que-Bolsonaro-mostrou-que-e-inimigo-declarado-das-LGBTQIAP/>>. Acesso em: 20/07/23.

presidente cita em vídeo sobre um episódio onde “pintou um clima” com meninas menores de idade:

“Eu parei a moto numa esquina, tirei o capacete e olhei umas meninas, três, quatro, bonitas, de 14, 15 anos, arrumadinhas num sábado numa comunidade. E vi que eram meio parecidas. Pintou um clima, voltei. ‘Posso entrar na sua casa?’ Entrei. Tinham umas 15, 20 meninas sábado de manhã se arrumando. Todas venezuelanas. E eu pergunto: meninas bonitinhas de 14, 15 anos se arrumando no sábado para quê? Ganhar a vida” (UOL, 2022).

A fala de Bolsonaro repercutiu de maneira exponencial nos veículos de comunicação por seus interdiscursos presentes: associação à pedofilia, hipersexualização de corpos de crianças e adolescentes vulneráveis e reforço do estereótipo imigrante venezuelano. Ao citar Bolsonaro em seu discurso, Thamys Mayra também se associa à comunidade de sentido do ex-presidente, que como afirmam Berger e Luckmann (2004), possuem valores e ideologias construídos principalmente pelos seus membros de influência, como o caso de Bolsonaro.

Figura 33: Bolsonaro diz que “pintou um clima” com uma menor



Fonte: vídeo do Canal Uol⁵⁹

Ainda no vídeo, apesar de não citar diretamente o nome do candidato Luís Inácio Lula da Silva, dando margem para uma possível associação com as eleições também governamentais, o não dito e os interdiscursos (ORLANDI, 2015) presentes nesta sentença, associam os adjetivos pejorativos ao eleitorado do candidato Lula, já que a reação instantânea da mãe de Thamys ao ouvir a pergunta sobre voto, foi

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WxeBKaQSBfw>>. Acesso em: 20/07/2023.

nomear Bolsonaro e não as candidatas ao governo do estado, Marília Arraes e Raquel Lyra.

A fala torna-se ainda mais polêmica ao considerar o cenário polícito da cidade. De acordo com os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), fornecidos pelo Cartório Eleitoral da Cidade, 77,91% dos eleitores de São Caetano votaram no candidato Lula nas eleições de segundo turno de 2022.

Figura 34: cenário eleitoral no segundo turno em São Caetano/PE.

Resultado de votação por Zona Eleitoral / Município				
Zona Eleitoral: 0044				
Município: 25615 - SÃO CAITANO				
Cargo: Presidente				
Candidato:	Votos computados	**% Votos computados	Destinação de votos	Situação da totalização
13 - LULA	18.488	77.91%	Válido	*Eleito
22 - JAIR BOLSONARO	5.241	22.09%	Válido	Não eleito
Resultado em 30/10/2022 - 18:43:56, sujeito a modificações.				
*Candidato eleito ou em 2º turno.				
** Percentual sobre a votação de todos os candidatos concorrentes.				

Fonte: dados cedidos pelo Cartório Eleitoral da cidade. Documento oficial em anexo.

Outra atitude do público interessante para a análise também está associada aos rastros digitais deixados pelos envolvidos no vídeo vazado na internet, como aborda Recuero (2009), ao enfatizar que todas as atuações on-line são passíveis de voltar à tona em momentos de crise. Ao chamar a população de “veacos”, gíria utilizada para designar devedores, começou a circular em grupos de *WhatsApp* imagens de débitos do empreendimento da mãe de Thamys perante à Receita Federal, conforme imagem abaixo:

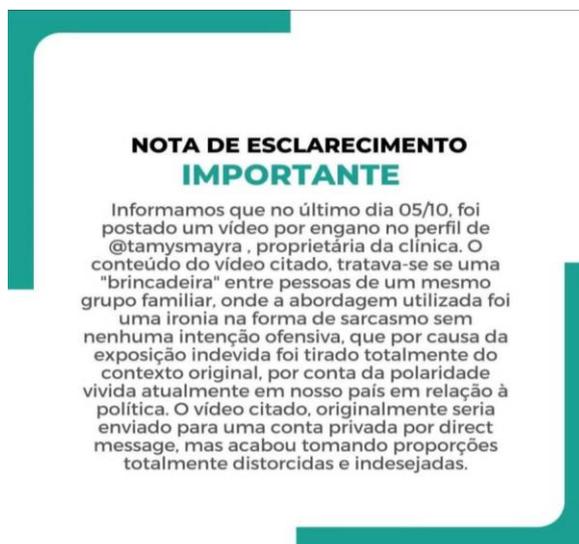
35: extrato de dívidas da empresa “São Caitano Gás”

Nome	EGNALDA VIEIRA DE ASSIS COSTA
Nome Fantasia	SAO CAITANO GAS
CPF/CNPJ	12.237.275/0001-22
Domicílio	RUA JORGE LESSA DE PONTES, 24, CENTRO, SAO CAITANO - PE, CEP 55130-000
Atividade Econômica (CNAE)	Comércio varejista de gás liquefeito de petróleo (GLP)
Valor total devido	R\$ 17.915,74
Tributário - Demais débitos	R\$ 17.915,74 >
	4 débitos

Fonte: extrato do aplicativo Dívida Aberta. Imagem compartilhada com frequência em grupos de *WhatsApp*. Autor desconhecido.

Após o incidente, a fisioterapeuta retificou-se em seu perfil profissional, que estava sendo o foco dos comentários do público sobre o acontecido, conforme a figura abaixo:

Figura 36: nota sobre o vazamento do vídeo



Fonte: assessoria de comunicação da empresa.

De acordo com Thamys, o vídeo tratava-se de uma ironia entre sua família - para eles, a pessoa que receberia o vídeo estava ciente de que estas palavras não expressam a percepção real deles sobre a cidade. Apesar de vazado no perfil

peçoal de Thamys, o perfil da Clínica Thamys Mayra não foi poupado por comentários e reivindicações por parte do público.

Figura 37: postagem institucional no perfil da Clínica Thamys Mayra



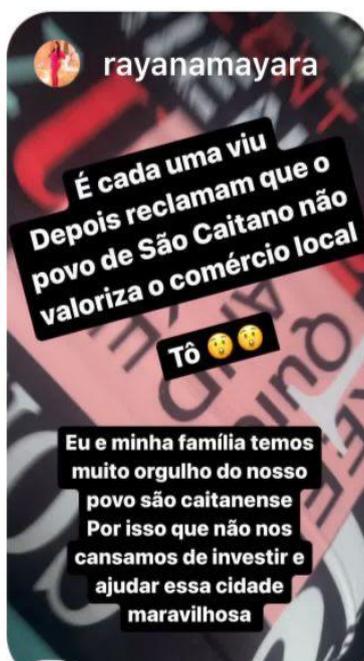
Fonte: Instagram⁶⁰

Nos interdiscursos dos “canceladores”, percebe-se a influência do Consumo de Ativismo, trabalhado por Domingues e Miranda (2018) e da cultura da influência, de Karhawi (2016, 2017 e 2020). O uso do eu como mercadoria na prática da influência digital não permite separar a imagem pessoal de Thamys do perfil institucional de sua clínica. Além disso, o consumidor cidadão compreende que os valores compartilhados pelo profissional que nomeia a marca também são incorporados à empresa.

Além dos comentários diretos na página da fisioterapeuta, os seus discursos provocaram uma rede de novos discursos sobre o seu cancelamento. Percebe-se aqui uma nova formação discursiva, formada pelos discursos que questionam o pertencimento de Thamys Maura na comunidade de sentido e de vida de São Caetano, como é o exemplo de Rayana Mayara, empresária do ramo têxtil da cidade, que saiu em defesa dos moradores, mas também utilizando da oportunidade para promover o negócio de sua família.

⁶⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CZkVV-DtOQ5/>>. Acesso em: 05/08/23

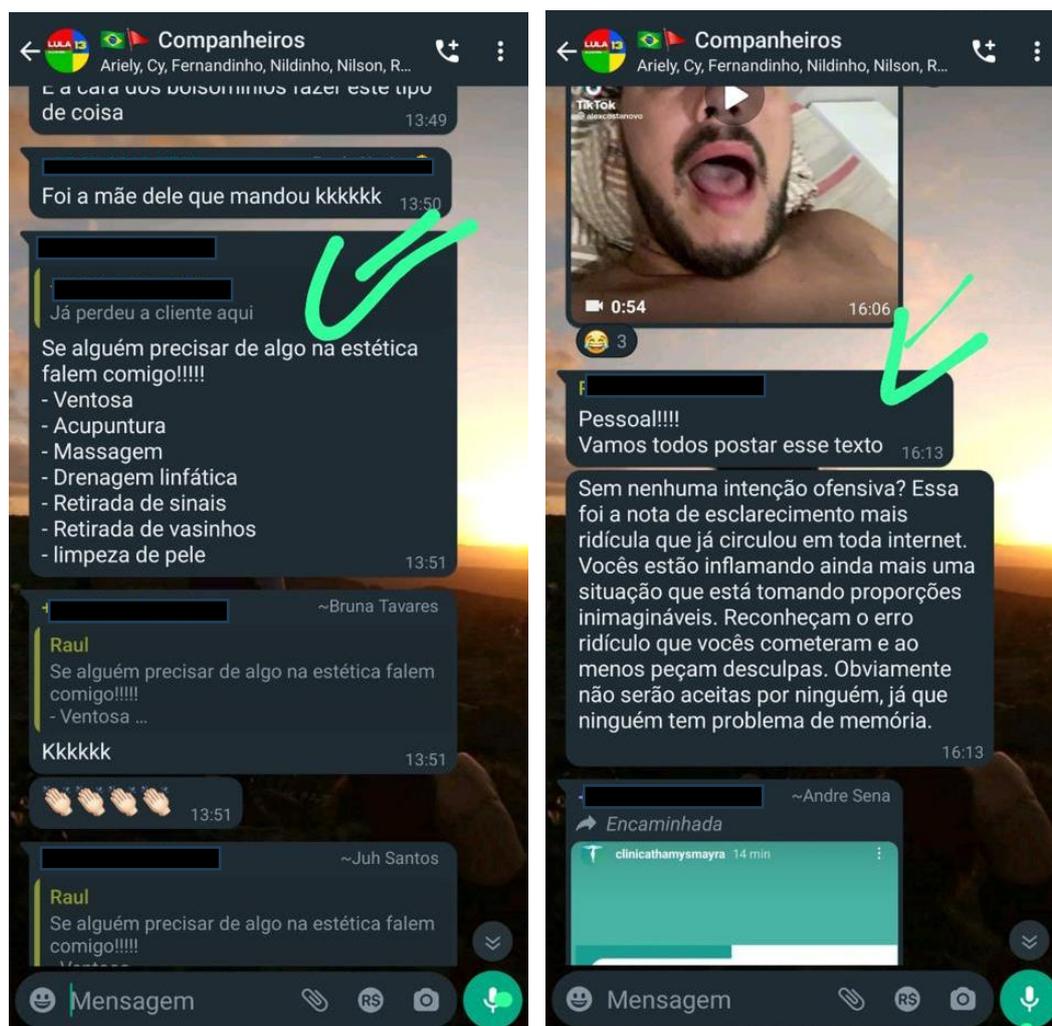
Figura 38: postagem da empresária Rayana Mayara



Fonte: perfil da empresária no Instagram⁶¹

Percebe-se que o cancelamento também é uma oportunidade de negócio para a concorrência dos “cancelados”, seja de forma direta ou indireta. O interdiscurso presente no discurso de Rayana Mayara é uma dessas constatações. Além disso, de forma mais direta, o fisioterapeuta Raul Santos, utilizando de um grupo de mensagens no aplicativo *WhatsApp*, denominado “Companheiros”, formados pelo eleitorado de Lula na cidade, oferece os seus serviços como alternativa para os consumidores que não desejam optar pelo trabalho de Thamys:

⁶¹ Disponível em: <<https://instagram.com/rayanamayara.com>>. Acesso em: 06/10/23.

Figuras 39 e 40: organização do cancelamento no grupo do *WhatsApp*

Fonte: grupo de *WhatsApp* "Companheiros"⁶²

Constata-se também a perda de clientes, ainda que momentaneamente, em relação ao cancelamento. A evidência está nas mensagens do grupo do *WhatsApp*. Além disso, a organização do grupo de "canceladores" também foi esquematizada no aplicativo. O *Twitter* também foi uma das redes utilizadas para demonstração de insatisfação, ainda sem mencionar de forma direta à Clínica. As imagens não serão utilizadas, pois não há garantia de que sejam direcionadas, de fato, à Clínica Thamys Mayra, já que não houve menção direta.

O Instagram, apesar de ter tido os comentários limitados nas publicações recentes, também foi espaço de reivindicação do público, que buscou postagens

⁶² SANTOS, Raul. *WhatsApp*: [Grupo Companheiros]. 06 de outubro de 2022. 13:51 e 16:13.

com os comentários abertos, compartilhadas com 38 semanas de antecedência ao cancelamento, como na imagem a seguir:

Figura 41: comentários em postagens antigas da Clínica Thamys Mayra



Fonte: perfil da Clínica no Instagram⁶³

Ná análise dos discursos presentes nos comentários, percebe-se algumas regras de formações discursivas: reforço de que Thamys Mayra, antes de insultar os moradores da cidade, perceba que ela também é parte dela, sendo um exemplo prático da noção de formação e pertencimento de comunidades de vida e sentido de Berger e Luckmann (2004).

A perda de seguidores, como um ato de consumo de ativismo, trabalhado por Domingues e Miranda (2018), onde o consumo de conteúdos em *sites* de redes sociais também é compreendido pelo público como uma forma válida de consumo, ainda que não seja de forma direta aos serviços e a sugestão de que Thamys se retirasse de sua atual comunidade de vida, São Caetano, e abrisse sua clínica em

⁶³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CZkVV-DtOQ5/>>. Acesso em: 05/08/23

outra cidade, já que não compartilha dos mesmos valores - nesse contexto, regras discursivas que ditam o pertencimento dos membros desta comunidade.

Todavia, nem todos os discursos presentes no cancelamento de Thamys Mayra perpetuam dentro do direito civil de liberdade de expressão. Através da inserção do pesquisador nos grupos de *WhatsApp* da cidade, foram identificados áudios anônimos, encaminhados com frequência, de forma que não é possível checar os autores originais. Os conteúdos dos áudios, que foram armazenados em uma pasta no Google Drive⁶⁴ para consulta.

No Áudio 01 (2022), conforme armazenamento realizado pelo autor, os insultos do vídeo são respondidos de maneira equivalente: “isso é um veado, uma puta e a dona do cabaré”, diz a voz não identificada. No Áudio 02, direcionado especificamente à mãe de Thamys, conhecida popularmente como “Neném do Gás” na cidade, graças ao seu comércio, o autor não identificado cita:

Agora, quem é que não conhece Neném do Gás, né? É porque tem certas coisas que a gente não pode falar, né? A gente não pode falar porque você pode ser processado, vai ter que provar. Mas ela é muito conhecida demais, rapaz! Agora foi que eu me liguei, rapaz. Quem tem o rabo sujo, querer falar do rabo dos outros. [...] Mas quem é ela pra falar? Acho que a filha não sabe do rabo da mãe dela não, mas o passado dela não é muito limpo não! (ÁUDIO 02, 2022).

O áudio se assemelha ao que defende Dunker, em entrevista a Hartmann (2020), sobre o caráter de punição na cultura do cancelamento. O autor uma visão de “apontamento de dedo” para o indivíduo cancelado por parte dos “canceladores”, a fim de estabelecer-se como diferente deles. Percebe-se também, que assim como Recuero (2009) fala sobre os rastros digitais na internet, as reputações das pessoas, independentemente de suas atuações on-line ou não, voltam à tona no momento em que o cancelamento acontece. As reputações pessoais e profissionais são colocadas em jogo, assemelhando-se a prática de Terrorismo de Marca, de Domingues (2011).

⁶⁴ Google Drive: áudios encaminhados nos grupos de *WhatsApp* na cidade São Caetano. Autores não identificados. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/1HvnJ3EEIm25Fr83tjAhd0s0yi8prBMxH?usp=sharing>>. Acesso em: 25/06/23.

O Áudio 03, que possui um perfil mais próximo do que autores como Domingues e Miranda (2022), em relação ao consumo de ativismo, um usuário não identificado diz:

Eu não tinha visto isso não. Uma falta de respeito, né bicho, com a gente são caetanense. Uma falta de respeito, né? Eu mesmo era cliente da clínica dela, eu era *[ênfase no segundo era]* cliente da clínica dela, é lamentável as pessoas terem uma postura dessa né? Faltar com respeito. Graças à Deus eu nunca comprei nada a essa Neném, nem vou comprar, mas é uma falta de respeito total. É assim mesmo. É a vida. Vamo vê como é que tá as coisas aí, né? (ÁUDIO 03, 2022).

A ênfase no “era cliente” reforça um rompimento de valores ligados ao consumo simbólico por parte do consumidor, que entende que ao consumir um produto ou serviço de uma marca que não compartilhe dos mesmos sentidos que ele, o seu consumo não deve ser realizado. Percebe-se assim, na cidade, uma prática de consumo de ativismo forte (DOMINGUES; MIRANDA, 2022).

O Áudio 4 configura um discurso criminoso, com tons de ameaça, que caso sejam homologados, teriam base para uma atuação jurídica. Um usuário não identificado, aparentemente um homem, forçando outra voz, diz:

Rapaz, será que a população de São Caetano vai deixar por isso mesmo? Eu não sei não, viu? Só se não tiver homem aqui. Me lembro bem, me lembro bem, quando ela *tava* com o ex macho, eu tava comendo ela dentro da carreta e ela chupando minha rola, essa Neném do Gás, ela sabe quem sou eu. Ela sabe. Isso é uma rapariga, vivia chupando minha rola dentro da carreta do ex macho dela e eu comendo o cu dela lá dentro. Tenha vergonha sua bandida, sua rapariga, você e sua filha grande são duas putas, rapaz (ÁUDIO 4).

Domingues e Miranda (2022) alertam sobre a presença dos discursos de ódio como parte da cultura do cancelamento. No áudio transcrito acima, percebem-se várias camadas de interdiscursos em seu conteúdo: misoginia, machismo, discursos que podem configurar crimes como ameaça, danos morais, danos psicológicos, entre outros, complementam uma reação de um usuário que ao forçar a voz para não ser identificado, reforça a ideia de que possui consciência das problemáticas envolvidas no seu discurso.

Integrados à cultura do cancelamento como Lumena Aleluia (2021) e Spartacus (2021) e Thelma Assis (THELMINHA, 2021) atentam para os danos psicológicos causados pela cultura do cancelamento aos indivíduos. Percebe-se que

as reivindicações não ficam limitadas ao consumo, às falhas de discursos, ao rompimento de membros em comunidades de sentido. O discurso de ódio, no caso do cancelamento de Thamys Mayra, atingiu não apenas o seu comércio, mas também o da sua mãe.

Analisando os discursos presentes nos áudios identificados, poucas menções são destinadas ao namorado de Thamys. A maioria das mensagens, algumas criminosas, são voltadas apenas para ela e sua mãe. Esse fato pode ser analisado pela ótica da representação social que ambas têm, enquanto mulheres ocupando espaços tipicamente destinados aos homens e ocupados por eles em épocas não tão distantes na sociedade, como os espaços de liderança, como também pode ser associado ao fato do namorado de Thamys não ser são caetanense (natural da cidade de São Caetano), podendo não ser, portanto, considerado membro de fato dessa comunidade, embora que a frequente através do relacionamento com a fisioterapeuta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novas dimensões do fenômeno da cultura do cancelamento foram descobertas ao adentrarmos nos casos, analisando os discursos que os envolvem. Em uma possível tipificação científica da cultura do cancelamento, considerando os autores articulados nesta pesquisa, como Foucault (1987), pode-se afirmar que ela funciona como um dispositivo pós-moderno de vigilância e controle social, característico de uma era social em que as novas tecnologias de comunicação e informação potencializam exponencialmente os discursos.

A partir do modelo de formação social de comunidades de vida e de sentido proposto por Berger e Luckmann (2004), percebe-se que os indivíduos que possuem posições de influência dentro dessas comunidades estão mais suscetíveis à vigilância e observação do público. Nestas comunidades, todavia, existem os sistemas supraordenados de sentido, que funcionam como uma instância de controle social, garantindo o bem-estar de todos. Na cultura do cancelamento, esses sistemas também possuem uma posição determinante: assim como analisado no caso de Monark, quando um indivíduo ameaça o bem-estar comum, as intervenções por parte desses órgãos são necessárias para que exista um controle legal da atuação nos ambientes digitais.

As questões de influência nestas comunidades também são necessárias para compreensão do fenômeno. Como abordado por Karhawi (2016, 2017, 2020), nas dinâmicas de relacionamento no ambiente digital, já não se separam a vida *off-line* e *on-line*: já que todos podem ser influenciadores em alguma esfera, os seus capitais podem agir como ferramentas determinantes na repercussão dos episódios de cancelamentos. O capital social se estabelece como protagonista em uma disputa discursiva se os indivíduos merecem ou não ser cancelados: como Bourdieu (1986) apresenta em sua obra, as conexões construídas socialmente ao longo do tempo formam laços sociais capazes de “amortecer” o impacto do cancelamento, já que as disputas discursivas são a matéria-prima do fenômeno. E, ainda neste contexto, os discursos de indivíduos que possuem posições de influência social possuem um peso diferente nesta dinâmica.

Em uma perspectiva mercadológica, o consumo de ativismo (DOMINGUES; MIRANDA, 2022) está inserido na cultura do cancelamento como uma ferramenta

potencializadora: esse tipo de consumidor compreende que, para além da contratação de serviços ou compra de produtos, sua atenção também é um bem que deve ser valorado e direcionado para marcas, empresas ou influenciadores que possuam os mesmos valores ideológicos que eles. O consumo de conteúdo digital já se estabelece no imaginário social como uma ferramenta de controle na cultura do cancelamento: as sentenças “perdeu um seguidor” e “perdeu um cliente” se estabelecem nos discursos quase que de forma singular, associando o consumo diretamente à presença digital.

Todavia, assim como sinalizam as autoras, os discursos de ódio e práticas semelhantes ao linchamento virtual também são parte da cultura do cancelamento (DOMINGUES; MIRANDA, 2022). Nesta pesquisa, observou-se uma presença de discursos de violência e ódio direcionados a indivíduos que compõem grupos sociais em situação de vulnerabilidade social. No cancelamento de Karol Conká, os discursos violentos foram identificados e potencializados por sujeitos que ocupam posições de privilégio em escalas mundiais, como, por exemplo, o jogador de futebol Neymar.

Apesar de não ter tido nenhuma intervenção por parte de sistemas supraordenados de poder, já que as atitudes que provocaram seu cancelamento não passaram de incoerências de comportamento, sem configurar nenhum crime, a violência presente no cancelamento de Karol Conká foi compartilhada de forma exponencial. A violência não ficou limitada a sua posição enquanto mulher: os discursos com cunho racista também formaram parte do episódio vivido por ela, que graças à quantidade de enunciados emitidos simultaneamente, se misturaram na névoa do cancelamento. O filho de Karol Conká, na época menor de idade, também sofreu as consequências do cancelamento dentro e fora do ambiente digital.

Figura 42: filho de Karol Conká sofre ataques racistas

Filho de Karol Conká sofre ataques racistas e ataques nas redes sociais



Samantha Oliveira
Publicado em 24/02/2021 às 8:08



Fonte: matéria do JC On-line⁶⁵

Não se percebe o mesmo movimento no cancelamento de Monark: apesar de ter violado a Constituição Brasileira e ter suas contas em *sites* de redes sociais bloqueadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) pela propagação de *fake news*, um dos maiores desafios comunicacionais da sociedade brasileira nos últimos anos, os discursos presentes no seu cancelamento não são protagonizados por violências à sua imagem, mas na cobrança por justiça diante dos seus discursos que ofereciam riscos a determinados grupos sociais.

O relatório da Agência Mutato (2020) aponta que homens heterossexuais brancos são sujeitos mais propícios ao cancelamento. Todavia, o relatório não leva em consideração que os discursos presentes no cancelamento desses indivíduos não possuem a mesma violência que os presentes em cancelados que compõem minorias sociais. Esses privilégios sociais amortecem o impacto do cancelamento neste grupo de indivíduos, posicionando-os em uma situação de privilégio, mesmo em episódios de crise.

Exceto pela intervenção do STF, através do ministro Alexandre de Moraes, o cancelamento de Monark, único sujeito no corpus desta pesquisa que de fato cometeu crimes contra a sociedade brasileira, não foram identificados discursos que

⁶⁵ Filho de Karol Conká sofre ataques racistas. Disponível em <<https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2021/02/24/filho-de-karol-conka-sofre-ataques-racistas-e-ataques-nas-redes-sociais/index.html>>. Acesso em: 28/07/23.

ameaçassem sua integridade física. Por outro lado, Thamys Mayra, em uma comunidade de vida e sentido muito menor, protagonizou um episódio de cancelamento marcado por ameaças à sua integridade física, da sua família, propagação de informações sobre sua vida pessoal sem qualquer tipo de comprovação, discursos de ódio e exposição. A misoginia foi identificada como um denominador comum nos cancelamentos de Thamys Mayra e Karol Conká, o que aponta que o cancelamento é uma realidade mais perigosa para mulheres.

Assim como os capitais são determinantes nos jogos discursivos durante o cancelamento, no pós-cancelamento eles também possuem uma função importante. É o que observamos ao ver que Karol Conká encontra na arte um espaço de diálogo com o público. A cantora lançou a música “Dilúvio” como seu primeiro trabalho após o cancelamento, na qual aborda o recomeço e o reconhecimento dos erros. A artista utiliza jogos de imagens no videoclipe que a desprendem da sua versão “cancelada”, como as roupas utilizadas durante o *reality show* jogadas ao redor do quarto, em forma de descarte.

Figura 43: cena do videoclipe de Dilúvio



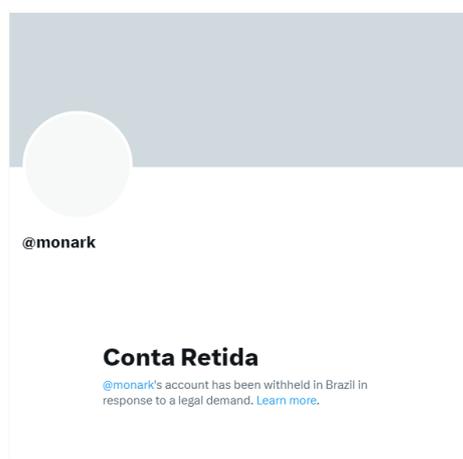
Fonte: *YouTube*⁶⁶

⁶⁶ Karol Conká: Dilúvio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AqdUj8-t5Go>>. Acesso em: 05/06/23.

É possível perceber que o capital cultural é utilizado no pós-cancelamento de Karol Conká como uma ponte de diálogo dela com o público. Apesar de os seus capitais sociais terem sido questionados com a sua participação no *reality show*, o acervo cultural produzido pela cantora durante a sua carreira é acionado para se comunicar nesse novo momento. Também é observado que os conteúdos relacionados ao humor, popularmente conhecidos como “*memes*”, em *sites* de redes sociais, surgem como uma forma de diálogo no pós-cancelamento. Diversos discursos de Karol Conká foram apresentados em uma perspectiva humorística, sendo abordados, inclusive, pela cantora⁶⁷ em seus perfis.

Já no caso de Monark, o produtor de conteúdo segue limitado em relação ao uso de redes sociais digitais. Após tentar burlar a decisão anterior do Supremo Tribunal Federal de janeiro de 2023, o órgão identificou que novos perfis foram criados por Monark para propagação de conteúdos bloqueados previamente. Além de ser multado⁶⁸ em R\$300.000,00 (trezentos mil reais), um inquérito foi aberto para investigar o influenciador.

Figura 44: perfil de Monark suspenso no *Twitter*



Fonte: *Twitter*⁶⁹

⁶⁷ Karol Conká revive meme após cancelamento do BBB21: 'limpa, limpa, limpa'. Disponível em: <https://bahia.ba/entretenimento/karol-conka-revive-meme-apos-cancelamento-do-bbb21-limpa-limpa-limpa/>. Acesso em: 06/07/23.

⁶⁸ Moraes multa Monark em R\$ 300 mil e abre inquérito para investigar o influencer. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/02/moraes-multa-influencer-monark-em-r-300-mil-e-abre-inquerito.ghtml>. Acesso em: 06/08/23.

⁶⁹ Disponível em: <https://twitter.com/monark>. Acesso em: 05/08/23.

Já Thamys Mayra estendeu sua clínica também para a cidade de Caruaru. Através de *sites* de redes sociais, percebe-se uma mudança no posicionamento de marca, agora levando o nome da profissional como marca principal, substituindo a clínica.

Figura 45: perfil profissional de Thamys no Instagram



Fonte: Instagram⁷⁰

Após o cancelamento, nota-se a criação de uma nova comunidade de vida e de sentido no ramo profissional de Thamys, que estende a atuação da clínica para a cidade de Caruaru. Também é possível encontrar no perfil comentários e interações, que reforçam as qualidades profissionais da fisioterapeuta. Percebe-se assim que o capital social de Thamys se estabelece como uma ferramenta de apoio no pós-cancelamento e que os laços construídos entre a profissional e seu público não foram rompidos por completo, apesar dos rompimentos com membros da comunidade de sentido de São Caetano durante o episódio.

Potencializado pelas práticas do consumo ativista, o fenômeno do cancelamento possui um caráter corretivo nos cancelados, decorrente das incoerências discursivas identificadas pelo público. Todavia, os discursos de ódio e violência também são característicos do movimento, mas apresentam-se em maior frequência quando os cancelados compõem grupos sociais em estados de vulnerabilidade, como mulheres, negros e pessoas LGBTQIA+.

Os *sites* de redes sociais, como Instagram, *Twitter* e *Facebook*, continuam sendo os principais canais onde os cancelamentos surgem e são potencializados, independentemente de onde os discursos problemáticos apareçam. O fenômeno se fundamenta, nesta pesquisa, como típico dos *sites* de redes sociais, mas suas

⁷⁰ Disponível em: <<https://instagram.com/dra.thamysmayra>>. Acesso em: 05/08/23.

consequências não são limitadas a eles: o cancelamento pode acontecer tanto na perspectiva do público, como usuários comuns, quanto por parte de sistemas supraordenados de poder, acionados quando os discursos são criminosos e se configuram como uma ameaça ao bem comum social.

O *Twitter* e o *Instagram* se destacam como os *sites* de redes sociais principais em cancelamentos de grande escala, concentrando os maiores números de disputas discursivas entre os mais variados tipos de público: usuários comuns, influenciadores digitais, políticos, servidores públicos nacionais. Compreender essa diversidade de atores em rede é necessário, pois os seus discursos possuem diferentes impactos de acordo com suas posições sociais.

Grupos de conversação como os grupos no *WhatsApp* se mostraram na pesquisa como ferramentas de organização do cancelamento em esferas menores. Mesmo quando os usuários não utilizem o nome “cancelado” propriamente dito, percebe-se uma regularidade no agir social: 1) detecção da incoerência, 2) questionamento do público, 3) emissão de discursos em massa em *sites* de redes sociais, 4) retratação por parte dos cancelados, 5) reconexão com a comunidade de sentido ou criação de novas comunidades.

Por fim, entende-se que a cultura do cancelamento se institucionalizou em diferentes níveis sociais como uma ferramenta de questionamento do consumidor, inspirado por práticas do consumo de ativismo, que pode determinar a permanência ou não de um indivíduo em uma comunidade de sentido.

REFERÊNCIAS

ALELUIA, Lumena. **Como acabar com a cultura do cancelamento e construir um espaço de acolhimento na web?** YouTube, 03 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTLbZP1y8cE&t=17s>. Acesso em: 20/07/2023.

BAUDRILLARD, Jean. **Big Brother: telemorfose e criação de poeira.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 17, abril de 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/download/3148/2419>. Acesso em: 20/05/23.

BENEVIDES, Bruna; SIMPSON, Keila. **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017.** Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **The forms of capital.** In J. Richardson (Ed.) Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education (New York, Greenwood), 241-258. 1986.

_____. **Os três estados do capital cultural.** CATANI, Afrânio & NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 71-80.

_____. Coisas Ditas; tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero - São Paulo: Brasiliense, 2004.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido.** Tradução de Edgar Orth. Petrópolis RJ: Vozes, 2004.

BENTES, Anna. **Quase um tique: economia da atenção, vigilância e espetáculo em uma rede social.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05.10.1988. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao. Acesso em: 25/01/2023.

BRASILEIRO, Felipe Sá. **Novas práticas de linchamento virtual: fachadas erradas e cancelamento de pessoas na cultura digital.** Revista Pubalaic v. 19, nº 34, 2020.

BRASIL. **LEI Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 30/01/23.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10/07/2022.

CASTELLS, Manuel. **Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAMILLOTO, Bruno; URASHIMA, Pedro. **Liberdade de expressão, democracia e cultura do cancelamento**. Revista de Direito da Faculdade Guanambi | Guanambi | v. 7 | n. 02 | e317 | jul./dez. | 2020.

CAMPELO, Filipe. Carnaval consagra fantasia de fiscal do cancelamento. Folha de São Paulo, 19 de fev de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/02/carnaval-consagra-fantasia-de-fiscal-docancelamento.shtml>. Acesso em 10/04/23.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2005.

DICIO, Dicionário On-line de Português. **Significado de cancelar**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cancelar/>>. Acesso em: 10/07/2023.

DOMINGUES, Izabela; HASCEMBERG, Ayrton. **Apocalípticos e Integrados à Cultura do Cancelamento: Identificando Algumas Linhas Conceituais Gerais**. Congresso Internacional de comunicação e Consumo, COMUNICON, 2021.

DOMINGUES, Izabela; MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de ativismo**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

DOMINGUES, Izabela. **A nova ordem do discurso na propaganda: internet, prosumers e consumerismo político**. Dissertação de Mestrado, UFPE. Recife, 2011.

_____. **Da publicidade disciplinar à publicidade de controle: comunicação, vigilância e poder**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Comunicação, 2015.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Quem tem medo do cancelamento?** Revista Gama. 2020 Disponível em: <<https://gamarevista.uol.com.br/semana/ta-com-medo/o-medo-da-cultura-do-cancelamento/>>. Acesso em 10/12/22.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação** - 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

DUCROT, O. Dire et ne pas Dire. Herman, Paria, 1971 *in* ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed., Pontes EditoresCom, Campinas - SP, 2015.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HARTMANN, Marcel. **Cultura do Cancelamento: entrevista com Christian Dunker**. **GZH** - Comportamento. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/09/a-gente-pune-para-criar-umsentimento-ilusorio-de-purificacao-da-alma-diz-psicanalista-ckf76o65j0066014ri6qttk65.html>. Acesso em 12/01/2023.

HOLMAN, Kylie J. **Can You Come Back from Being Cancelled? A Case Study of Podcasting, Cancel Culture, and Comedians during #MeToo**. University of Nebraska at Omaha ProQuest Dissertations Publishing, 2020.

LEVY, S. J. Sidney **Symbols for Sale**. Harvard Business Review, v.37, p.117-124, (july-august)1959.

LUKIANOFF, G.; HAIDT, J. **The coddling of the American mind**. New York: Penguin Press, 2018. In: TEIXEIRA, Jerônimo. Cultura do cancelamento, cancelamento da cultura. **Revista Cult**. Junho, 2020. Edição 258, ano 23.

KARHAWI, Issaaf. **Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria**. In book: Tendências em Comunicação Digital Chapter: Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. Publisher: ECA-USPEditors: Elizabeth Saad, Stefanie Carlan da Silveira (2016).

_____. **Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão**. In: Revista Comunicare, volume 17 – Edição especial, 2017.

_____. **De blogueira a influenciadora: etapas de profissionalização da blogosfera de moda brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

_____. **Crises geradas por influenciadores digitais: propostas para prevenção e gestão de crises**. ORGANICOM - Ano 18, nº 35, Jan-Abril de 2021.

_____. **CULTURA DO CANCELAMENTO com Issaaf Karhawi**. Entrevista ao RDCTV. YouTube, 28 de junho de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9LQJr5dQH-4>>. Acesso em 20/01/23.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** (B. Daniel, Trad.). Porto Alegre: Editora Penso, 2015.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber.** 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2016.

MILANÊS, Renata. O trabalho das mulheres costureiras na zona rural do Agreste pernambucano. **Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.** Rio de Janeiro, volume 14, 1-29, e020010, jan./dez. 2020 • ISSN 1984-9834.

MIRANDA, A. P. de. **Consumo de Moda: a Relação Pessoa-Objeto.** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008.

MARTINS, Tamires de Assis Lima; CORDEIRO, Ana Paula. **A “Cultura do cancelamento”: contribuições de um olhar sociológico.** Extraprensa, São Paulo, v. 15, n. esp, p. 29-47, mai. 2022.

MBUNGE, Elliot; JIYANE, Siphon'esihle Jiyane; MUCHEMWA, Benhildah. **Towards emotive sensory Web in virtual health care: Trends, technologies, challenges and ethical issues.** Sensors International 3, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.sintl.2021.100134>>. Acesso em: 20/01/2023.

ME TOO BRASIL. Início. 2023. Disponível em: <<http://www.metoobrasil.org.br/>>. Acesso em: 13/04/2023.

MUTATO. **#01 CULTURA DO CANCELAMENTO: O que é? Do que se alimenta? Como se reproduz?** 2020. Disponível em: <<https://www.muta.to/01-cultura-do-cancelamento>>. Acesso em: 29/05/23;

OLIVEIRA, Guilherme Reolon. **Cancelamentos e ecologia.** Opinião Filosófica – ISSN: 21781176 - Editora Fundação Fênix.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 12. ed., Pontes EditoresCom, Campinas - SP, 2015.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

PÊCHEUX, M. *Les Vérités de La Palice*, Maspero, Paris, trad. bas. **Semântica e Discurso**, E. Orlandi et alii, Editora da Unicamp.

RODRIGUES, Cristiano. **Pode o cancelado cancelar?** Gama Revista, 11 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://gamarevista.com.br/sociedade/pode-o-cancelado-cancelar/>>. Acesso em: 10/01/2023.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

REISSWITZ, Flavia. **Análise de Sistemas - Vol 2: Tecnologias Web & Redes.**

Novembro, 2012. Clube dos Autores.

SANTOS, Ramon. **Big Brother Brasil - análise dos dispositivos, ambientes e estratégias cénicas do programa televisivo**. Dissertação de Mestrado, IADE - Universidade Europeia. Portugal, 2022.

SPARTAKUS, Santiago. **Quem tem medo da cultura do cancelamento?** Alma Preta, 2021. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/cultura-do-cancelamento>. Acesso em: 20/06/2022.

TEIXEIRA, Lucas e Vasconcelos; OLIVEIRA, Adriana de Lima. HOFF, Tânia Márcia. **Comida do Futuro e Cancelamentos no Presente: Disputas Mediatizadas no Caso Paola Carosella**. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.

TEIXEIRA, Jerônimo. Cultura do cancelamento, cancelamento da cultura. **Revista Cult**. Junho, 2020. Edição 258, ano 23.

TWITTER. **Termos de Serviço**. 2023 Disponível em: <<https://twitter.com/pt/tos>>. Acesso em: 20/01/2023.

THELMINHA. **TRIANGULANDO com Karol Conká, Fefito e Vera Iaconelli: Cancelamento - 2ª Temporada** | THELMINHA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hKNAJluPB94>>. 18 de agosto de 2021.

TUCKER, Beth. 'That's Problematic': Tracing the Birth of Call-Out Culture. **Critical Student Reflections on Contemporary Society and Social Futures**. School of Social Sciences. Leeds Beckett University, 2018.

UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais. 2021. **Origens, características e efeitos do 'cancelamento' são tema de entrevista no Conexões**. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/origens-caracteristicas-e-efeitos-do-cancelamento-sao-tema-de-entrevista-no-conexoes>>. Acesso em: 10/01/2023.

WOLF, Eduardo. Cultura do cancelamento, cancelamento da cultura. **Revista Cult**. Junho, 2020. Edição 258, ano 23.